



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE**



**ELANE LIMA DE MIRANDA**

**PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SER MENINA MULHER  
NA UNIDADE DE ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES MALVINA COSTA MUNICÍPIO DE JEQUIÉ-  
BAHIA**

**JEQUIÉ  
2023**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB ÓRGÃO DE  
EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS – ODEERE PROGRAMA DE PÓS  
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE – PPGREC

ELANE LIMA DE MIRANDA

**PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SER MENINA MULHER  
NA UNIDADE DE ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES MALVINA COSTA NO MUNICÍPIO DE  
JEQUIÉ-BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC, do Órgão de Educação e Relações Étnicas - ODEERE, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com área de concentração em Relações Étnicas, Gênero e Sociedade, para obtenção do título de Mestre.

**Linha de Pesquisa:** Etnias, gênero e diversidade sexual.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Pós-Doutora Luzia Wilma Santana da Silva.

JEQUIÉ  
2023

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Wally Salomão, da UESB

M672p Miranda, Elane Lima de.

Processos de construção do ser menina mulher na Unidade de acolhimento de crianças e adolescentes Malvina Costa no município de Jequié-Bahia /Elane Lima de Miranda. - Jequié, 2023.

121f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, sob orientação da Profa. Dra. Luzia Wilma Santana da Silva)

1.Orfanatos 2.Criança 3.Adolescente 4.Direito Humano I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 341.1219

Rafaella Câncio Portela de Sousa - CRB 5/1710. Bibliotecária – UESB - Jequié

## FOLHA DE APROVAÇÃO

ELANE LIMA DE MIRANDA

**PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SER MENINA MULHER NA UNIDADE DE ACOLHIMENTO CRIANÇAS E ADOLESCENTES MALVINA COSTA NO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ-BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade

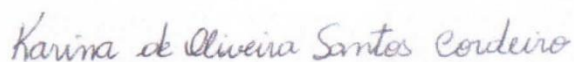
**Linha de Pesquisa 2:** Etnias, Gênero e Diversidade Sexual

**Aprovado em:** 27 de abril de 2023.

### BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Luzia Wilma Santana da Silva (UESB)  
Presidente da Banca/Orientadora



Profa. Dra. Karina de Oliveira Santos Cordeiro (UFRB)  
Examinadora Externa



Profa. Dra. Daniela Rodrigues Goulart Gomes (UFBA)  
Examinadora Externa



Prof. Dr. Edson Dias Ferreira (UEFS)  
Examinador Interno

**JEQUIÉ**  
**2023**

*Aos encontros das águas  
Águas que segue seu fluxo  
Águas que se deságuam  
Nos encontros da vida.  
(Miranda, 2023)*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer aos encontros da vida e ao final de um percurso acadêmico. Sinto-me agraciada por concluir mais uma etapa. Eu diria que ciclos são como água, que se deságua em rios e oceanos seguindo seu fluxo e o seu caminhar. Assim são ciclos e assim são os encontros da vida.

Faz-se necessário o agradecer e aqui olho para os meus ancestrais, a dona no meu Orí (cabeça), mam'etu Zumbarandá, senhora das águas doces, do barro e da terra molhada. Kiuá! Zumbarandá.

Às crianças, adolescentes da Unidade de Acolhimento que no encontro do cartografar me ensinaram a arte da vida, aqui agradeço.

Às funcionárias/colaboradoras da Unidade de Acolhimento que partilharam as suas vivências na arte do cuidado com as crianças e adolescentes meus agradecimentos.

Às mulheres ex-assistidas pela Unidade de Acolhimento que contribuíram com suas narrativas, gratidão!

Aos familiares da senhora Malvina Costa, em especial a Viviane e Julcimara, suas netas, obrigada por partilhar histórias de afeto.

Aos meus pais, e em especial a minha querida mãe Maria, que acolheu-me em seus braços com cinco meses de vida. Obrigada por apostarem em mim!

Ao meu irmão Adivaldo, obrigada pelo apoio e incentivo nessa caminhada acadêmica.

Aos meus queridos sobrinhos João e Laila que suportaram a ausência, e as inúmeras vezes em que falei que não podia, pois tinha que escrever.

A minha companheira Tâmilés! Amor, gratidão pela escuta e pelas palavras de incentivo. Obrigada por tudo, bem meu!

A querida Maicelma, professora do Centro de Formação de Professores (CFP), que a UFRB me presenteou, gratidão por acolher as angústias de uma jovem pesquisadora.

Aos meus: Rebouças, Greiciane, Carol, Camila Santana e Jailton que mesmo de longe sempre estiveram presentes nessa trajetória.

À minha orientadora, pela contribuição na construção deste trabalho.

Aos professores do programa PPGREC pela partilha e construção de saberes.

Ao órgão ODEERE e ao programa PPGREC, a UESB por oferecer um espaço de vivência, aprendizagem, troca de experiências e crescimento.

Agradecer à agência de fomento (CAPES) que financiou o estudo com auxílio a pesquisa, bolsa de estudo.

MIRANDA, Elane Lima de. **Processos de construção do ser menina mulher na unidade de acolhimento de crianças e adolescentes Malvina Costa no município de Jequié-Bahia**. [dissertação]. Jequié: Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, BA. 2023. 121p.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral conhecer as contribuições da Unidade de Acolhimento Malvina Costa, no município de Jequié, BA, na formação do *ser* pessoa menina mulher nos sentidos históricos e sociais de significância à existência de seus corpos de sujeito-cidadã. Assentado em uma perspectiva teórica multirreferencial em construtos enlaçadores de contextos históricos, políticos e sociais, de gênero e família como áreas de saberes possibilitadoras de melhor conhecer o 'elemento' estudado. Transita pela história dos abrigos no Brasil; política do controle dos corpos no intercruzamento com os saberes Foucaultiano; no imaginário social do que é ser mulher em Beauvoir na perspectiva do corpo feminino para além do biológico; na interseccionalidade com os saberes do feminismo negro brasileiro, abrangendo uma linha de tempo sobre as políticas à criança-adolescente erigidas no Brasil desde a lei do Ventre Livre. De metodologia qualitativa no desenho de cartografia, realizado na Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa, em domicílio, e por meio de estratégia digital a ex-egressas da Unidade de Acolhimento. A mostra foi constituída por três grupos, sendo cinco profissionais servidores da casa de passagem; duas ex-egressas e sete crianças-adolescentes na faixa etária de 7 a 17. Os instrumentos utilizados foram roda de conversa, entrevista semiestruturada, oficina de pintura em tela e de jardinagem. A pesquisa foi realizada após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB, CAAE N° 59891122.0.0000.0055, Parecer N° 5.512.059, realizada no período entre 19/07/2022 a 09/12/2022. Os dados foram analisados em um processo de idas e vindas à sua compreensão em fluxo contínuo de imersão, organizado em três linhas de análise: i) Historicidade de ex-assistidas na unidade de acolhimento: elementos que compõem um mapa cartográfico de experiências e vivências; ii) Vidas em tela: a arte em representação das experiências e vivências das crianças e adolescentes na unidade de acolhimento; e iii) Experiências e vivências das profissionais servidores da unidade de acolhimento: narrativas da prática do cuidado às crianças e adolescentes. A análise perseguiu o mais possível empreender um processo de coleta-análise-coleta de modo a unir elementos ao conhecimento dos fazeres-saberes da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa ao processo de viver humano do ser menina-mulher. Os resultados apontam que no entendimento das ex-assistidas a casa de passagem se constituiu em um ambiente relacional humano de afetividade e pertencimento, cuja palavra gratidão estar para o sentimento de acolhimento à formação do *ser* mulher; para as crianças e adolescentes um espaço ainda em processo de identidade de pertencimento em que em suas memórias há significantes registros de experiências passadas nem sempre agradáveis ditas no silêncio que fala. Para os profissionais servidores lidar com as histórias de abandono das crianças e adolescentes é colocar em ação no cotidiano institucional o sentimento de acolhimento e empatia, promoção de um ambiente seguro, dialógico e educativo potencializador de ressignificação ao viver humano na edificação da vida das crianças e adolescentes.

**Palavras-chave:** Orfanatos; Criança; Adolescente; Direito Humano.



MIRANDA, Elane Lima de. Processes of construction of being a girl woman in the Malvina Costa shelter unit for children and adolescents in the municipality of Jequié-Bahia. [dissertation]. Jequié: Graduate Program in Ethnic Relations and Contemporaneity, State University of Southwest Bahia, Jequié, BA. 2023. 121p.

### **ABSTRACT**

This research had as a general objective to know the contributions of the Malvina Costa Shelter Unit, in the city of Jequié, BA, in the formation of being a girl woman in the historical and social meanings of significance to the existence of their subject-citizen bodies. Based on a multi-referential theoretical perspective in constructs linking historical, political and social contexts, gender and family as areas of knowledge to better understand the 'element' studied. It goes through the history of shelters in Brazil; the politics of body control in the intersection with Foucault's knowledge; the social imaginary of what it is to be a woman in Beauvoir's perspective of the female body beyond the biological; the intersectionality with the knowledge of black Brazilian feminism, covering a timeline on policies to children and adolescents erected in Brazil since the Free Womb Law. A qualitative methodology in cartography design, carried out at the Malvina Costa Children and Adolescents Shelter Unit, at home and through a digital strategy to former patients of the Shelter Unit. The show was made up of three groups: five professionals working at the halfway house; two former homeschoolers, and seven children and teenagers from 7 to 17 years old. The research was carried out after the project was approved by the UESB's Research Ethics Committee, CAAE No. 59891122.0.0000.0055, Opinion No. 5.512.059, from July 19 to December 9, 2022. The data were analyzed in a process of comings and goings to its understanding in a continuous flow of immersion, organized in three lines of analysis: i) Historicity of former assisted people in the sheltering unit: elements that make up a cartographic map of experiences and living; ii) Lives on canvas: the art in representation of the experiences and living of children and adolescents in the sheltering unit; and iii) Experiences and living of the professional sheltering unit workers: narratives of the practice of caring for children and adolescents. The analysis pursued as much as possible to undertake a process of collection-analysis-collection in order to unite elements to the knowledge of the doings-knowings of the Malvina Costa Children and Adolescents Reception Unit to the process of human living of the child-men. The results point that in the understanding of the ex-assisted women, the halfway house was constituted in a human relational environment of affection and belonging, whose word gratitude is for the feeling of welcoming the formation of being a woman; for the children and adolescents a space still in the process of identity and belonging in which in their memories there are significant records of past experiences not always pleasant said in the silence that speaks. For the professionals working in the field, dealing with the stories of abandonment of children and adolescents is a difficult task.

**Keywords:** Orphanages; Child; Adolescent; Human Right

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Linha do tempo: políticas públicas para crianças e adolescentes no Brasil. Confecção da pesquisadora	<b>Error! Bookmark not defined.</b>
<b>Figura 2</b> - Casa Vovó Malvina	39
<b>Figura 3</b> - Vovó Malvina costa com neta e filhos de coração	40
<b>Figura 4</b> - Vovó Malvina costa recebendo o título de cidadã jequeense	41
<b>Figura 5</b> - Decreto legislativo do título de cidadã jequeense de Vovó Malvina costa	42
<b>Figura 6</b> - Instituição de Acolhimento Malvina Costa	43
<b>Figura 7</b> - Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa – vista atual	44
<b>Figura 8</b> - Cores primárias, secundárias, terciárias e neutras	49
<b>Figura 9</b> - Das sementes fez-se brotar afetos e partilhas	<b>Error! Bookmark not defined.</b>
<b>Figura 10</b> - Partilhando saberes e cuidado com a terra	52
<b>Figura 11</b> - Do plantar, regar, brotar se fez florescer os girassóis	52
<b>Figura 12</b> - Produções artística, pintura em tela	65
<b>Figura 13</b> - Paraíso	65
<b>Figura 14</b> - Casa no meio do nada ou Casa feia	67
<b>Figura 15</b> - O silêncio e os seus processos	68
<b>Figura 16</b> - A casa preta	69
<b>Figura 17</b> - Samuel	70
<b>Figura 18</b> - Céu e o Rio	71
<b>Figura 19</b> - Jardim da alegria	72

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Grupo 01 – Profissionais da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa	45
<b>Tabela 2</b> - Grupo 02 – Mulheres assistidas na infância na Unidade de Acolhimento de Crianças e de Adolescentes Malvina Costa	45
<b>Tabela 3</b> - Grupo 03 – Crianças e Adolescentes assistidas na Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes	46

## LISTA DE SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
FUNABEM	Fundação Nacional do Bem - Estar do menor
ODEERE	Órgão de Educação e Relações Étnicas
PAIF	Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família
PPGREC	Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade
PROSAD	Programa de Saúde do Adolescente
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1.1 OBJETIVOS</b> .....	<b>19</b>
1.1.1 Geral .....	19
1.1.2 Específicos .....	19
<b>1.2 JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>19</b>
<b>1.3 RELEVÂNCIA</b> .....	<b>20</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA: UM PORTFÓLIO NA APROXIMAÇÃO DA TEMÁTICA</b> .....	<b>22</b>
<b>3 PERSPECTIVA TEÓRICA</b> .....	<b>25</b>
3.1 UM OLHAR NA HISTÓRIA DOS ABRIGOS .....	25
3.2 A POLÍTICA DO CONTROLE: OS CORPOS DAS MENINAS .....	26
3.3 O CORPO FEMININO PARA ALÉM DO BIOLÓGICO .....	28
3.4 LINHA DO TEMPO: CRIANÇA-ADOLESCENTE SER DE DIREITOS E DEVERES EM CONSTITUIÇÃO .....	31
3.5 FAMÍLIA INSTITUCIONAL E SEU VÍNCULO AFETIVO: OLHARES AO ENCONTRO DA UNIDADE DE ACOLHIMENTO .....	34
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>37</b>
4.1 TIPO DE ESTUDO .....	37
4.2 O CENÁRIO DA PESQUISA: PASSEIOS PELA UNIDADE DE ACOLHIMENTO MALVINA COSTA .....	39
4.3. PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	46
4.4 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS .....	49
4.5 O CAMINHAR NO CAMPO DE PESQUISA .....	55
4.6 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA .....	58
4.7 O CAMPO E O DISPOSITIVO DE ANÁLISE .....	58
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO: UM PROCESSO RETICULAR EM RIZOMAS A SE MOSTRAR</b> .....	<b>61</b>
5.1 ENTRE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS: RELATOS VIVENCIADOS POR MARIA FLOR .....	61
5.2 ENTRE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS: RELATOS VIVENCIADOS POR ROSA MARIA .....	65
5.3 VIDAS EM TELA: A ARTE EM REPRESENTAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA UNIDADE DE ACOLHIMENTO .....	67
5.4 A ARTE E SEU PROCESSO DE CONSTRUÇÃO .....	67

<b>5.5 EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DAS FUNCIONÁRIAS DA UNIDADE DE ACOLHIMENTO: NARRATIVAS DA PRÁTICA DO CUIDADO ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....</b>	<b>76</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE 01 .....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE 02.....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE 03.....</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE 04.....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE 05.....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXO 01.....</b>	<b>120</b>
<b>ANEXO 02.....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXO 03.....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO 04.....</b>	<b>123</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A temática a qual se assenta este estudo emerge de uma experiência pessoal, que encontra eco em muitas outras, advindas de histórias reais – a adoção. Deste acontecimento, a escuta sensível de *ser* pessoa-pesquisadora inquieta em estampar a complexidade desse viver que operam nas vidas de muitos seres que, a meu exemplo, transitou ou transita pelo universo da adoção. A este desvelar, ir ao encontro de “[...] extrair sentido dos (ou interpretar) significados que os outros atribuem ao mundo” (CRESWELL, 2010, p. 31).

Aos cinco meses de vida a adoção se fez em minha vida sem os processos formais, no contexto parental se deu o acolhimento à vivência vincular familiar, não se fazendo necessário um Serviço de Acolhimento Institucional, mas de algum modo essa história é atravessada por modos de adoção.

A adoção é compreendida como o ato jurídico, pelo qual se estabelece independentemente de procriação, o vínculo da filiação (GIGANTE, 2018), envolve elaboração imersiva de um sentimento de doar, afetividade, amor e respeito, trata-se do efeito da Eudemonista. Ao atravessar minha existência, essa trajetória construiu marcas que tatuadas na ‘alma’ tem como porto a inquietude de saber-conhecer mais e mais. A este direcionamento, o desaguar na graduação em Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, me engajei no Trabalho de Conclusão de Curso com a temática: “*Cartografia de pedagogia, abandono, vida e gênero num orfanato*”, em 2018, realizada a partir de práticas educativas no contexto de um Serviço de Acolhimento Institucional.

Como água é elemento em movimento, segue seu fluxo em ação natural ao se tratar de outro elemento, o humano, que também é movimento, ao se deixar seguir o curso. Assim, foi que busquei estrategicamente e intencionalmente perseguir os movimentos que me levaram ao encontro da filosofia de estudos e trabalhos, do Programa de Pós-Graduação Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), nível mestrado acadêmico, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), à guisa de ampliar os olhares aos saberes sobre os processos de construção do *ser* menina-mulher em uma casa de passagem, com foco na Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa, no município de Jequié - BA.

Por 'Unidade de Acolhimento' se compreende o local conhecido popularmente por 'orfanato', este nome vem de *órfã* que, por sua vez, designa a orfandade de crianças que perderam os seus genitores. Por outras palavras, trata-se de um espaço institucional para acolher crianças (MARCÍLIO, 1998).

A institucionalização de crianças no Brasil, segundo Rizzini (2004), iniciou com a assistência à infância por volta do século XIX e XX, sendo prevista desde 1828, mas só com o Código Civil de 1916 é que foi estabelecido o procedimento de adoção. Assentava-se em crianças que nasciam em situação de extrema pobreza ou orfandade que eram deixadas nos orfanatos, ficando naquele espaço para receberem cuidados.

Nascem também junto aos 'orfanatos' as 'rodas dos expostos' onde crianças eram abandonadas, sem que fosse possível identificar quem a colocara naquele ambiente. Ao girar a roda, a criança era acolhida ficando aos cuidados de instituições de caridade. A roda dos expostos tinha a forma de um cilindro, cujo mecanismo giratório era embutido em uma parede, girando para a parte interna de onde se tinha o olfato de caridade (MARCÍLIO, 1998).

No que se refere à educação nesses espaços, destaca-se que as meninas não tinham direito a receber educação igual a dos meninos, estas eram educadas para o casamento e atividades domésticas. Observa-se que se trata de uma mediação que tradicionalmente vigora de uma construção do *ser* feminino reconhecida no passado. O fato de uma rotulação do *ser menina* e intrinsecamente do *ser menino* (ARIÈS, 1973).

A este fato, *ser menina em uma unidade de Acolhimento* é encontrar a essência da inquietude que conduz esta pesquisa, na observância de que as construções feitas para o feminino, mesmo sendo um espaço muito contingente, tem uma abundância de artifícios de gênero em funcionamento. Desde tenra infância já existem expectativas de gênero que produzem marcadores sociais.

Na atualidade, o debate em torno dos orfanatos vem ganhando outras discussões, as quais procuram valorizá-lo como espaço de aprendizagem positiva, permitindo abandonar a visão negativa, a exemplo do que ainda pode-se observar em discursos tradicionais, filmografia e outros produtos da indústria cultural.

A partir das recentes discussões é que a **questão problema** desta pesquisa se instaura: de qual maneira a Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes



Malvina Costa, tem contribuído para a construção do *ser* menina mulher dialogando com as questões de gênero e sexualidade? Compreendendo que muitas meninas e adolescentes passam a maior parte de suas vidas nestes espaços?

Ao alcance de chegar o mais próximo de compreender a inquietude que guia esta pergunta, traçaram-se como objetivos:

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 Geral**

Conhecer as contribuições da Unidade de Acolhimento Malvina Costa, no município de Jequié, BA, na formação do *ser* pessoa menina mulher nos sentidos históricos e sociais de significância à existência de seus corpos de sujeito-cidadã.

### **1.1.2 Específicos**

- Averiguar quais são as contribuições da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa na construção da identidade das meninas sob sua proteção legal.
- Descrever como a Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa dialoga com as questões de gênero e sexualidade do *ser* pessoa menina.
- Identificar quais as contribuições da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa na constituição do *ser* pessoa menina ao *ser* mulher.

## **1.2 JUSTIFICATIVA**

As discussões de adoção e das casas de passagem vêm ganhando espaço na literatura científica, contudo, ainda são exíguas as bases de dados como *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no portal de periódicos e banco de teses e dissertações, bem como *Educational Resources Information Centre* (ERIC) o que evidencia um 'solo empobrecido', sendo poucos os estudos sobre a temática em foco.

Desta forma, estudo como o que ora se apresenta tem papel fundamental à contribuição para as políticas públicas sociais, de respeito à garantia da dignidade

da vida humana, de crianças em situação de vulnerabilidade que são acolhidas em Unidade de Acolhimento, ficando sob a guarda da justiça até que se decida qual será o seu 'destino' de modo a perspectivar o crescimento e desenvolvimento físico-psíquico-emocional-social-cultural e histórico – direito constitucional (BRASIL, 1988, 1990a, 1996).

No Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 (BRASIL, 1990 a), é bem claro em seu Capítulo II. Art. 15 quando diz: "A criança e adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoa humana em processo de desenvolvimento e como sujeito de direito civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis." (BRASIL, 1990a, *online*). O que está previsto em lei trata-se dos meios legais para assegurar os direitos das crianças e adolescentes considerando todas as observâncias precedentes o que justifica este estudo e de forma particular aos objetivos traçados, mas para além deles, entendendo a responsabilidade social de se construir saberes-fazer de respeito à vida, sublinhado de meninas seus corpos em Casa de Passagem Infantil.

### **1.3 RELEVÂNCIA**

Este estudo evidencia uma necessidade identificada, que aponta para uma lacuna necessária de ser mais bem explorada – a vivência em casas de passagens de crianças e adolescentes, historicidade e complexidade ao seu crescimento e desenvolvimento histórico e social – sobretudo na perspectiva do olhar sensível à demanda de cuidados deste grupo humano, seres de vulnerabilidade, para os quais é necessário que a abrangência e equidade do ECA (BRASIL, 1990), se façam em todo ambiente de presença desse *ser*.

O estudo em foco, ao identificar a lacuna, vai ao encontro da responsabilidade social que é dever de toda investigação científica, com o objetivo de aprofundar os olhares para enxergar de forma compreensiva, crítica e reflexivamente o que foi identificado e assim imergir o máximo possível às 'profundezas', de modo a desvelar o velado, o oculto e o invisível do problema a ser pesquisado. Assentando, aqui, a relevância que nos apercebe nesta pesquisa, de aprofundar os estudos acerca das meninas na unidade de acolhimento, partindo de uma perspectiva local, no interior

da Bahia, e objetivando ecoar para outros cenários à reflexão-ação aos cuidados a este grupo humano.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA: UM PORTFÓLIO NA APROXIMAÇÃO DA TEMÁTICA

Perseguir os saberes sobre a temática em curso evidenciou o quão necessário é o investimento humano para o cuidado e atenção a outros humanos, em destaque o público-alvo ao qual este estudo busca pesquisar. A este direcionamento, os estudos tangenciam sobre o espaço da Unidade de Acolhimento como ambiente no qual os corpos ali presentes não são perspectivados na sua individualidade, à identidade do *ser* sujeito em ambiente de coletividade humana de meninos e meninas.

O foco assenta-se na unidade de acolhimento de crianças e adolescentes como espaço que direciona o gênero homem-mulher, com pouca abertura ou nenhuma, à diversidade de ações humanas referentes a escolha do que se deseja ser ou constituir-se como sujeito-cidadão ou cidadã, exemplo disto é o estudo de Rizzini (2004), ao identificar o abrigo, entendendo-o como um lugar que preparava meninas para o casamento, ensinando-as como ser uma ótima dona de casa. Ainda, segundo a autora, havia uma divisão social e racial entre as meninas brancas e as meninas de cor, como assim eram chamadas, logo havia uma categorização nas ocupações dos espaços físicos na instituição.

Sobre o significado atribuído a essa divisão social Uziel e Berzins (2012), chamam atenção para reflexão de uma pauta de discussões sobre sexualidade que coloque em evidência a naturalização de uma espécie de poder sobre os corpos das meninas. Trata-se de um chamamento à atenção para a busca por reunir o mais possível de manancial de informações para análises, a partir do ponto de vista das meninas nas instituições, elas que estão sobre a chamada medida de proteção.

O tema sexualidade é múltiplo, entretanto, quando se trata de crianças-adolescentes em unidade de acolhimento é restrito, ficando encoberto por tramas finas que dificultam a penetração de olhares perscrutadores para saber-conhecer os entremeios circundantes que enovelam este espaço-ambiente. Neste invólucro, o processo de educação segundo Ariès (1973), Marcílio (1998) e Rizzini (2004) segue uma linha de pensamento patriarcal, nomeadamente a educação das meninas as quais eram educadas para o casamento e preparadas para serem ótimas donas de casa.

Ariès (1973) salienta que muitas dessas meninas eram educadas por mulheres que mal sabiam ler e escrever. Outros autores chamam atenção para essa questão, como um problema que é urgente de pensar saídas para a educação dentro da instituição de acolhimento como Izar (2011) Acioli (2018) e Lima (2018), que ainda questionam sobre qual o lugar da educação dentro dos espaços institucionais, na observância de que muitas dessas crianças podem permanecer nessas instituições a espera de uma adoção por anos e algumas não serem adotadas, estas últimas muitas vezes atingem a idade de saída da instituição.

O olhar sensível a partir do contexto de instituição de acolhimento *versus* educação, conduziu o pensar crítico reflexivo de estudiosos como Lemos, Gechele e Andrade (2017), bem como Oliveira e Próchno (2010) acerca das relações que são construídas cotidianamente neste ambiente, sendo colocadas em pauta as relações afetivas, sentimento de amizade entre as crianças institucionalizadas à espera da adoção e as pessoas que trabalham nesse ambiente, designadamente as cuidadoras.

Trata-se de um sentimento de valor moral que se revela por um *ser* de empatia, aquele que cuida e é cuidado, quanto institucionalmente se constitui em caráter de família institucional. Efetivamente a 'família' institucional pode e deve contribuir para o desenvolvimento da criança, pois também possui a função de construção da identidade individual do *ser* enquanto sujeitos cidadãos-cidadãs de direito.

Nesse ponto, torna-se importante trazer para discussão, no tocante à reflexão, o que faz referência à escuta atenta e sensível às crianças de modo a possibilitar imersão às narrativas de suas vivências. De igual modo, Oliveira (2018), Guedes e Scarcelli (2014), Quintães, Alberto e Machado (2010) acendem essa necessidade, sobretudo, para com as crianças em abrigo ou Casa de Passagem Infantil. Ainda projetam que o processo de escuta também deve assinalar os (as) educadores-cuidadoras de forma a não negligenciar – cuidado, comunicação, relações afetivas e educacionais – na observância da inter-relação e ação construída dentro da instituição (TRIVELLATO; CARVALHO; VECTORE, 2013).

Ainda é relevante notar que existe neste 'território relacional humano' uma concatenação de vivências que se retrata de forma particular na criança-adolescente e pode se expressar em sua estrutura de pessoa-sujeito. Estudiosos como Barros e

Fiamenghi Jr. (2007), Kappler e Mendes (2019), Alexandre e Vieira (2004) assinalam que crianças institucionalizadas estabelecem forte vínculo afetivo com as pessoas, suas cuidadoras e que este vínculo é construído cotidianamente pela relação de proximidade, por essas pessoas terem, entre outras funções, a responsabilidade pelo desenvolvimento da criança. Trata-se de relações com caráter de apego muito fortes, que se dão também entre as crianças-adolescentes.

Esta é uma das principais razões pela qual é preciso perspectivar olhares sensíveis para este fenômeno, especialmente à constituição do *ser* e dos seus corpos, dos constructos de identidade, escolhas, respeito às individualidades e questões de gênero. O ser cuidadora-responsável necessita de ‘ferramentas’ que as possibilitem cuidar das crianças-adolescentes nas variadas dimensões de constituição do sujeito cidadão-cidadã. Aqui, então, abre-se um parêntese para olhar a menina nas potencialidades do *ser* e não para a constituição de uma pessoa a ser conduzida para os artifícios de mulher na visão patriarcal. Disso surge a necessidade de formação dessas pessoas, tendo em vista que os estudos apontam que a maioria se constitui de baixo nível de escolaridade, a exemplo do que alerta Ariès(1973).

Ao ampliar o olhar para as políticas públicas a este segmento humano em situação de institucionalização, observa-se: i) a importância da implementação de políticas públicas e ações práticas de intervenção em questões antecedentes ao acolhimento, ou seja, nas condições de desigualdades;ii) uma política que parte do olhar da criança, ou seja, sensível a escutar as necessidades das crianças; iii) uma política que busque analisar a realidade de mulheres-mães em situação de vulnerabilidade e/ou violência doméstica e familiar (RODRIGUES, SANTOS, LIMA, 2021; CHICRALLA, CALDAS, 2019; CLETO, COVOLAN, SIGNARELLI, 2019; COUTO, VALE, RIZZINI, 2019; POKER, 2017).

São, portanto, questões que nos chamam a refletir e suscitam outras perguntas, como que um chamado a nossa atenção acerca do quanto ainda se faz necessário à elaboração e redesenho das políticas públicas às crianças-adolescentes, contudo, na transversalidade do olhar atento para pontos neurálgicos em nossa sociedade, a exemplo da discriminação étnico-racial, a falta de equidade – oportunidades, a vulnerabilidade socioeconômica das classes menos favorecidas, o feminicídio, a discriminação de gênero, o acesso à informação igualitária, a

educação de qualidade, entre outros.

### 3 PERSPECTIVA TEÓRICA

A temática em que este estudo se insere se mostra como um cenário de múltiplos contextos e se encaminha em uma perspectiva teórica macro, ou seja, aquela que busca aprofundar-se o mais possível ao alcance da compreensão interpretativa dos fenômenos, em destaque, o humano. Ensina-nos Creswell (2010, p. 80) que “As teorias de nível macro explicam agregados maiores, como instituições sociais, sistemas culturais e sociedades inteiras”. É justamente neste escopo de saberes que as atenções deste estudo perseguiram, como descrito no objetivo, conhecer as contribuições da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa na formação do *ser* pessoa menina-mulher nos sentidos históricos e sociais de significância à existência de seus corpos de sujeito-cidadã.

A este direcionamento são, portanto, necessários trazer a esse componente da pesquisa, construtos enlaçadores de argumentos históricos, políticos e sociais, de gênero e família como áreas de saberes possibilitadoras de melhor conhecer para se aprofundar da compreensão do ‘elemento’ estudado.

#### 3.1 UM OLHAR NA HISTÓRIA DOS ABRIGOS

As instituições de acolhimento nascem de uma necessidade de contribuição social a partir de ações de caridades desenvolvidas pelos aparelhos religiosos. Segundo Marcílio (1998), essas instituições nasciam da necessidade de acolher crianças que viviam em situações de vulnerabilidade social:

As crianças nascidas em situação de pobreza e/ou em famílias com dificuldades de criarem seus filhos tinham um destino quase certo quando buscavam apoio do Estado: o de serem encaminhadas para instituições como se fossem órfãs ou abandonadas (RIZZINI, 2004. p. 13).

Estas instituições até a década de 1980 eram denominadas de “internatos de menores” ou “orfanatos” e funcionavam nos moldes de asilos [...]” (RIZZINI, 2004. p. 14). A finalidade destes espaços era de assegurar que crianças tivessem o mínimo de cuidados básicos. Na prática, até os dias atuais estas instituições se desenhavam

no molde de um 'abrigo', um refúgio para crianças que não têm para onde ir, sendo ainda considerado como um lugar de acolhimento (MARCÍLIO, 1998).

Em seus estudos, Marcílio (1998) aponta que foi grande o número de crianças que passaram boa parte de suas vidas nos abrigos. Neste ambiente, questões como educação e formação do sujeito cidadão-cidadã estiveram sob um véu, no qual não se enxergava com clareza as nuances do *ser* criança-adolescente em desenvolvimento.

Ariès (1973) chama atenção pelo fato de que as meninas tinham uma educação doméstica e aos dez anos governavam em uma casa igual a uma mulher adulta. Ainda que meninas e meninos usassem um mesmo traje, conhecido como camisola, os meninos deixavam de usá-la aos seis anos, passando a vestir-se com calça justa, sendo encaminhados ao ofício da carpintaria. Já as meninas, trocavam a camisola por um vestido ao alcançar dez anos de idade e reforço dos ensinamentos para serem extraordinárias donas de casa.

As crianças recebiam uma educação que negava a todo tempo o direito de *ser criança*, eram vistas como adulto em miniatura, não lhes sendo permitida a passagem pelos estágios da infância (ARIÈS, 1973):

A partir dos 10 anos, as meninas já eram Mulherzinhas como essa mesma Anne Arnauld, uma precocidade explicada por uma educação. Que treinava as meninas para que se comportassem desde muito cedo como adultas: "Desde os 10 anos de idade essa pequena tinha espírito tão avançado que governava toda casa (ARIÈS, 1973, p. 189-190).

A particularidade da infância não era reconhecida e nem praticada. Ariès (1973) faz essa reflexão acerca do processo educacional das meninas ao tempo em que nos convida a pensarmos que a infância é um conceito construído socialmente na transição da sociedade. No entanto, há questões que angustiam, como o fato da rotulação do ser menina e do ser menino, sendo exemplificado (pelo autor) como as meninas eram colocadas dentro de um modelo do que é 'ser o feminino' e, com isso, eram cobrados comportamentos que enquadravam o corpo feminino em determinado padrão.

Sendo assim, havia a construção de um corpo para o controle social, um poder sobre os corpos alicerçados em marcadores de gênero.

### **3.2 A POLÍTICA DO CONTROLE: OS CORPOS DAS MENINAS**



Desde criança já existem marcadores de gênero que produzem a construção do feminino e do masculino, estereótipos que são produzidos socialmente dentro das representações de gênero. Está política do controle dos corpos femininos dentro das instituições vem sendo discutida por Marcílio (2004):

A educação e a proteção das meninas – moças foram uma constante preocupação dos responsáveis pelos expostos. Não se poderia descuidar de sua assistência, com risco de se transformarem em prostitutas, os desviantes da ordem. Por essas razões, desde cedo foram criadas instituições específicas para as moças desamparadas. Elas deveriam ficar longe de rua – o símbolo da perdição. O compromisso da mesa dos enjeitados incluiu e estabeleceu normas para a criação e o funcionamento de uma Casa de Recolhimento das Meninas (MARCÍLIO, 1998, p. 96).

Observa-se um modo de pensar operante, segundo a autora, como o ato da vigilância para resguardar os padrões impostos ao corpo, disto se estruturou o que se observa sobre o controle do corpo feminino:

O controle sobre a sexualidade feminina foi intensamente exercido nos asilos de meninas, inclusive no século XX, quando foram criados os órgãos nacionais de assistência, como o Serviço de Assistência a Menores (SAM), em 1941, e a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (FUNABEM), em 1964 (RIZZINI, 2004, p. 27).

Tal controle visa um padrão de docilização do corpo feminino. Foucault (1987, p. 164) diz que “A disciplina fabrica indivíduos, ela é a técnica específica de um poder que toma o indivíduo, ao mesmo tempo como objeto e como instrumento de seu exercício”. Sendo assim, as produções das disciplinas se dão nas técnicas de treinamento deste corpo, que passa pela vigilância que dita normas e regras. Colocando este corpo feminino dentro das produções do controle. Com isso, temos controle e normatização de tal modo que a sexualidade da mulher é regulada por múltiplas instituições como o estado, a escola, a família, a religião, a ciência entre outras.

O olhar sensível às políticas do controle dos corpos femininos permite enxergar a desafiante problemática para a luta de resistência, o que vem sendo mostrado na literatura. Beauvoir (1967, p. 9) discute em sua obra, “O Segundo Sexo”, esses processos que são colocados para o corpo feminino, dizendo: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Desse modo, é possível evidenciar que há uma construção social e biológica desse feminino que, para Beauvoir (1967), o ser feminino está para além do biológico. Logo, na infância, o corpo feminino é

condicionado a um modelo hegemônico do que é ser feminino, sendo colocado no lugar da docilidade e passando a ser visto como um corpo frágil.

Essa docilidade e fragilidade dos corpos das meninas passa pela mocidade, tendo suas descobertas e formação do corpo, como a primeira menstruação e sua primeira paixão: “Sem dúvida, a puberdade transforma o corpo da jovem. Faz-se ele mais frágil do que antes: os órgãos são vulneráveis, seu funcionamento delicado; insólitos e incômodos, os seios são um fardo” (BEAUVOIR, 1967, p. 67). Assim, a docilidade do que se espera do feminino em ser moça bem-comportada é estruturada constituindo o ‘imaginário social do que é ser mulher’. De certo modo, esse imaginário tradicionalmente leva a mulher ao casamento, cujo corpo feminino deve chegar à maternidade, fazendo desse corpo o organismo voltado para a perpetuação da espécie humana. O que, por certo, impetra uma força externa à mulher enquanto elemento biológico. Ocorre que, esse corpo de mulher, é para além do biológico.

### 3.3 O CORPO FEMININO PARA ALÉM DO BIOLÓGICO

As discussões sobre o *ser* mulher para além do corpo dominado pelo sentimento patriarcal, quando talhado para as funções de um sujeito de reprodução humana, de ser mãe e de ser senhora da casa, percorre o interior mental da mulher muito antes do movimento feminista (BEAUVOIR, 1967).

Nos idos dos anos 50, Beauvoir (1967), sob a ótica feminista, assinalou que as mulheres são fisiologicamente escravas da espécie, sob o julgo de um conjunto de opressões sociais que confere a adjetivação de *feminino ou feminilidade*.

Esta ótica feminista de Beauvoir (1967) chega ao Brasil na década de 1970 com Gonzalez (2020), quando problematiza as vivências de mulheres negras, o que leva nomeadamente às discussões referentes à ocupação de espaços sociais e sua invisibilidade. Disto, decorrem inúmeros movimentos e a formação de grupos organizados por mulheres negras tendo a sua problematização acerca da identidade de gênero e sua correlação com a identidade racial.

Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas. Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto.

Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados (CARNEIRO, 2003, p. 1).

A posição social das mulheres negras sempre esteve presente na sociedade, marcada pelas situações de opressão. Para romper com essa ação e discurso opressivo, na década 1980 instituiu-se um momento importante para insurgência do movimento feminista negro brasileiro. As mulheres negras fizeram as suas bandeiras e suas agendas políticas com as duas demandas:

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão (GONZALEZ,2020,p.58).

Identificar-se e se reconhecer como uma mulher negra é um processo de conhecimento de sua própria história e é possível dizer sobre uma formação identitária. Logo, esse identificar mulher negra é um exercício de enfrentamento político. Os processos identitários partem de uma formulação histórica – nascemos pardos, na adolescência mulata e na vida adulta tornamos negra—esse tornar é uma construção (GONZALEZ, 2020).

A mulher e seu corpo expressam um ser de *multiversa* valorização existencial para além do biológico. Um corpo de resistência contra uma sociedade moldada em perspectivas de visão de mundo eurocêntrica, de bases na concepção da força física, a qual se assenta no homem-macho-viril, aquele entendido como biofisiológico de poder. Contra este poder e sua dominância está a mulher, na luta contra o machismo e as variantes deste paradigma de pensar as inter-relações humanas.

Assim, na evolução dos saberes-fazer das mulheres, os ganhos pautados em lutas contra a visão reducionista à sua existência contrapõem a visão simplista de ser apenas existencial para a função de reprodução humana. O uso dos saberes de teóricas como Beauvoir (1967) tem lançado luz no caminho para uma construção de valorização das experiências vividas – uma epistemologia feminista.

Salientam Louro, Felipe e Goellner (2003, p. 31) que “um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios”. Compreender que o corpo se constitui em um conjunto de fatores que o produz é necessário e esta necessidade se revela na historicidade do ser para além do corpo.

Assim, é importante ressaltar que os corpos femininos trazem marcas de biopolíticas que silenciam de uma sociedade que impõe nesse corpo um enquadramento e uma sequência de restrições, que condiciona a uma norma que regula a vida a normalidades, das quais o desvio é visto como anormalidade. Trata-se de um poder disciplinador para o qual se ratifica o dito no parágrafo precedente, de que é necessária a vigilância como guia contra ação disciplinadora.

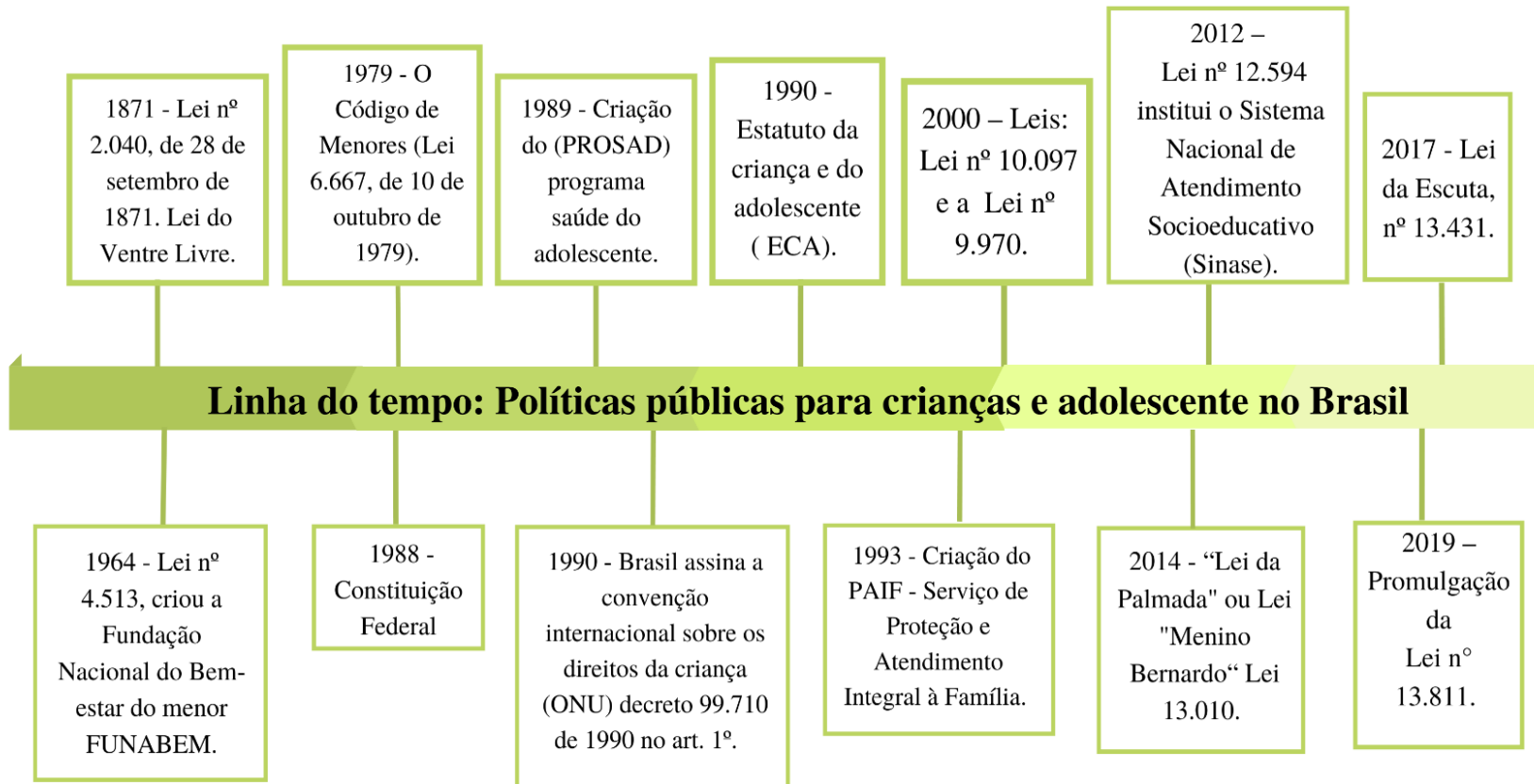
Segundo Foucault (1987), o sucesso do poder disciplinador se deve a instrumentos como o olhar hierárquico e a sanção normalizadora. Esse poder se dá na relação entre o indivíduo e a sociedade, sendo uma prática social, o que o autor nomeia de biopoder.

O biopoder não se faz somente pelo Estado, mas de todo lugar, revela-se como um mecanismo de poder, que diz o que fazer, como a exemplo de que banheiro usar, seguir normas e padrões que são impostos, enquadrando o indivíduo (FOUCAULT,1987).

Os corpos femininos na sociedade moderna encontram-se sob o paradigma disciplinar que combina técnicas e formas de regulação. Pensar crítica reflexivamente a agir contra essa opressão social é lutar contra esse biopoder como descreve Foucault (1987), é resistência e é uma política da mulher em defesa dos seus corpos, mas também precisa ser uma política social.

Olhar para essa mulher e voltar a enxergar a criança-menina do ontem, do hoje e do amanhã. O hoje e o amanhã para a mulher adulta que se reveste em luta de resistência contra o biopoder ao direito sobre os seus corpos. Uma perspectiva de olhar-enxergar-perscrutar o viver humano em sua integralidade existencial de sujeito-cidadã de direito à dignidade humana. Disto, perspectivar que as políticas caminhem a este direcionamento.

### 3.4 LINHA DO TEMPO: CRIANÇA-ADOLESCENTE SER DE DIREITOS E DEVERES EM CONSTITUIÇÃO



Fonte: Elaborada pela autora.

### ***Transitando pela política ao ser criança e adolescente no Brasil***

A construção histórica dos direitos das crianças e adolescentes teve origem ao longo da história do Brasil, passando por várias modificações até chegar às leis vigentes de defesa dos direitos e deveres das crianças e adolescentes do país. Nesta seção, será descrita a linha do tempo apresenta no diagrama (Figura 1).

1871 – ‘Lei do Ventre Livre’ – instituída em 28 de setembro de 1871 delinea que toda criança, nascida após esta data, seria considerada ‘livre’ O § 1º desta lei afirma que: o filho ficaria sob os cuidados do senhor de sua mãe até completar a idade de oito anos, após essa idade, ficaria a cargo do senhor decidir seu destino, ou seja, tinha o poder de escolha, de receber do Estado um valor pela criança ou utilizar-se dos serviços desta até os 21 anos completos. Essa lei não se tratou de um real ventre livre, mas sim uma espécie de “linha de passagem”, ou seja, era submetido à servidão por 21 anos ou a liberdade dada pelo Estado, porém sem acesso à dignidade e direitos político-sociais (BRASIL, 1871).

1964– Criação da Fundação Nacional do Bem-estar do Menor (FUNABEM), em 1º de dezembro de 1964, instituída pelo regime militar (BRASIL, 1964). Tratou-se de um programa de política pública de assistência para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Crianças consideradas infratoras, sendo revogada pela Lei 8.069 de 13 de junho de 1990, o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).

1979 – O Código do Menor, instituído em 10 de outubro de 1979 (BRASIL, 1979), permitia ao Estado recolher crianças e jovens em situação de vulnerabilidade e levá-las ao internato até a maioridade. As crianças e adolescentes em situação de rua ou infratoras eram vistas como perigosas. O código não levava em consideração a condição de menor em situação de vulnerabilidade, negando a essas crianças e adolescentes o direito a cuidados e a dignidade. Tratou-se de um período sombrio para este segmento humano no país.

1988 – Promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, em 05 de outubro de 1988. Esta é a Carta magna dos direitos do povo brasileiro, considerada uma Constituição cidadã. No que diz respeito aos direitos e deveres da criança e do adolescente, a Constituição, no Art. 227, assegura que, “É o dever da família, da sociedade e do Estado assegurar absoluto cuidado às crianças e adolescentes tendo o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à dignidade e ao respeito”(BRASIL, 1988, *online*). Nesse sentido, a Constituição foi e é

de fato um dos pilares e um 'divisor de águas' para as políticas públicas voltadas às crianças e adolescentes no Brasil, da qual foi possível o redesenho de políticas que asseguram os direitos à dignidade humana das crianças e adolescentes (BRASIL, 1988).

1989 – Surgiu o 'Programa de Saúde do Adolescente' (PROSAD), em 21 de dezembro de 1989, imediatamente após a Constituição cidadã, com diretrizes e estratégias objetivando a identificação dos grupos de risco de modo a promover, proteger, integrar, apoiar e incentivar de forma integral, os cuidados às crianças e adolescentes. O enfoque desse programa está na ação interdisciplinar à promoção da saúde psicofísica e emocional da criança-adolescente ao viver humano com dignidade (BRASIL, 1996).

Em 1990, Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) é instituído pela Lei 8.069 em 13 de julho de 1990. O Estatuto define os direitos da criança e adolescente, descritos no Capítulo I Do Direito à Vida e à Saúde, bem como, o Art. 7, o qual define. "A criança e adolescente têm direito à proteção à vida e à saúde, mediante as políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência" (BRASIL, 1990a, p.26). Em suas atribuições o ECA visa atender as crianças e adolescentes como cidadão, que tem direito de ser assistidos pelas políticas públicas que assegurem sua proteção.

Ainda em 1990, entra em vigor a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral da ONU, em 20 de novembro de 1989. O Decreto n. 99.710, de 21 novembro de 1990, visa assegurar a proteção a crianças sem distinção de cor, raça, sexo, religião, origem nacional, deficiências físicas, ou qualquer outra condição (BRASIL, 1990b).

1993 – Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), instituído em de 07 de dezembro de 1993, tem a sua implementação voltada para a proteção social com ações, serviços socioassistenciais de prestação continuada, por meio do trabalho social com famílias em situação de vulnerabilidade social (BRASIL, 1993a).

No ano de 2000 – Foi instituída a Lei nº 9.970, em 17 de maio de 2000, que define o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Sua finalidade é relembrar e reforçar ações que objetivam coibir a exploração sexual de crianças e adolescentes, punindo dentro dos parâmetros legais os responsáveis por praticar casos de assédio, pornografia infantil e exploração sexual (BRASIL, 2000).

2012 – Foi instituída a Lei nº 12.594, em 18 de janeiro de 2012, criando o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Esta lei tem por objetivo regulamentar a execução das medidas socioeducativas destinadas à adolescente que pratique ato infracional. As medidas socioeducativas deverão obrigatoriamente promover ações voltadas para a educação, saúde, assistência social e capacitação profissionalizante para os adolescentes atendidos (BRASIL, 2012).

2014 – Instituída a Lei nº 13.010, em 26 de junho de 2014, objetivando coibir a violência moral e física, definidas como uso de castigo físico, humilhação ou correção cruel, que seja de autoria de pais, cuidadores e/ou responsável legal. Esta lei visa assegurar que crianças e adolescentes sejam educados sem o uso de castigos de qualquer tipo (BRASIL, 2014).

2017 – Instituída a Lei nº 13.431, ‘Lei da Escuta’ em 04 de abril de 2017, que visa assegurar medidas de proteção e assistência às crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de violência (BRASIL, 2017).

2019 – Promulgada a Lei de nº 13.811, em 12 de março de 2019. Em seu Art. 1.520 expõe: “Não será permitido, em qualquer caso, o casamento de quem não atingiu a idade núbil, observado o disposto no Art. 1.517 deste Código”. Esta lei visa proibir o casamento de adolescentes menores. Promulgada no Diário Oficial da União (BRASIL, 2019).

O movimento ascendente em políticas públicas evidencia um país que tem buscado assegurar os direitos à dignidade humana das crianças e adolescentes, aninhando-se a políticas internacionais, entretanto, a operacionalização das leis ainda se mostra tímida em trajetória de ação, nomeadamente a desigualdade étnico-racial no Brasil.

### **3.5 FAMÍLIA INSTITUCIONAL E SEU VÍNCULO AFETIVO: OLHARES AO ENCONTRO DA UNIDADE DE ACOLHIMENTO**

Originalmente, a família é o primeiro grupo que os seres humanos estão inseridos, seja por nascimento, adoção ou escolha. Surge das civilizações por sua necessidade de estabelecer vínculos. Um ambiente inter-relacional humano de multiversas configurações.



A palavra família deriva do *latim famulus*, advinda de um contexto de autoridade em que um senhor tinha posse sobre a esposa, filhos, patrimônio e os criados:

A expressão “família” nem sempre foi a dos dias atuais, pois em sua origem, entre os romanos, não se aplicava sequer ao casal de cônjuges e aos seus filhos, mas apenas aos escravos. “Famulus” significa escravo doméstico e família era o conjunto de escravos pertencentes ao mesmo homem (ENGELS, 2006, p. 60).

A palavra autoridade circunda a família em seu *ser* existencial na espécie humana. Outras características a envolve, como laços de sangue, afetividade e respeito. No decorrer dos tempos, a compreensão sobre família foi ganhando significados e significância e a perspectiva de visão primitiva passou a não caber mais em sua integralidade nas agremiações de família . Sua evolução na história da humanidade é dinâmica, fazendo-a se redesenhar no cotidiano do viver humano para as variadas culturas e relações da sociedade, seja econômica, educacional, ambiental, política e outras.

No contexto brasileiro, a Constituição da República Federativa do Brasil, (BRASIL, 1988, p. 64), em seu art. 226, § 3º diz que: “Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento”. Aos olhos da Constituição, a família nasce de uma relação matrimonial entre um homem e uma mulher, do mesmo modo se configura no Código Civil, família como a união estável entre um homem e uma mulher (BRASIL, 2002).

Entretanto, mostra-se como necessário olhar para a família a partir de um prisma, como chamam atenção alguns estudiosos, a exemplo de Portugal e Alberto (2010), Juliano e Yunes (2014), Mariano (2005), tendo em observância de que ela – a família – não se resume a visão instituída pela Carta Magna (BRASIL, 1988) e tão pouco pelo Código Civil (BRASIL, 2002), de uma visão ainda muito estreita, oriunda de uma teoria patriarcal proveniente da sociedade medieval formada pelo matrimônio (MALUF, 2010). É preciso destacar ser a família um sistema inter-regional humano dinâmico.

Família pode ser entendida como subsistemas sociais, de desenvolvimento histórico sociocultural, organizacional e interdependente, princípios que encontram eco na abordagem sistêmica, cunhada por Bertalanffy (2010). No contexto atual, sua

compressão tem apresentado muitas dimensões como salienta Maluf (2010), devido a sua extensão para além do casamento na concepção tradicional.

Para além de tipologias que se possa designar família neste estudo, o olhar sensível buscará enxerga-lá na compreensão de substituta, aquela formada por relações de guarda, tutela e adoção, como dispõe o ECA, Lei 8.069 (BRASIL, 1990), ao assegurar às crianças em situação de vulnerabilidade, o direito de serem acolhidas por famílias substitutas. Do mesmo modo, o ECA (BRASIL, 1990) amplia a compreensão de família por extensa ou ampliada que está para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, podendo, portanto, ser formada por parentes próximos com os quais as crianças ou adolescentes convivem e mantêm vínculos de afinidade e afetividade.

Nesse sentido, tratar da evolução da família, seja como instituição ou como afinidade, remete-se à pluralidade, visto que há tipologias e singularidades com valores culturais e identitários. Sendo assim, faz-se necessário essa ampliação à luz de um prisma reluzindo suas inúmeras cores, estas que cintila a ampliação dos grupos familiares.

## 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 TIPO DE ESTUDO

O presente estudo foi conduzido por uma estratégia metodológica de cartografia. Trata-se de uma metodologia flexível/ajustável que permite tomar decisões assertivas do caminhar da pesquisadora no campo da investigação, possibilitando reavaliar seus passos e reconduzir a novos direcionamentos quando necessários ao alcance dos objetivos perseguidos, seguindo assim as recomendações de Passos e Eirado (2009).

Assentou-se desta forma na abordagem qualitativa, uma estratégia metodológica relevante na realização de pesquisas de natureza social, a exemplo da que se apresenta nomeadamente à linha de pesquisa deste estudo. Nesse direcionamento, possibilitou compreender quais as contribuições da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa, no município de Jequié, BA, bem como a formação do *ser* pessoa menina-mulher nos sentidos históricos e sociais de significância à existência de seus corpos de sujeito-cidadã.

O caminhar nessa estratégia deu-se ancorado na compreensão de que:

Cartografar é acompanhar processos apontar que a processualidade está presente em cada momento da pesquisa. A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo em letra e linha, na escrita, em nós (BARROS; KASTRUP, 2010, p.73).

Nessa perspectiva, o uso da cartografia proporcionou acompanhar de forma singular o 'universo' do campo investigativo, a luz das ferramentas de investigação, quais sejam: os instrumentos de coleta de dados e a imersão da pesquisadora no campo, estando atenta ao repertório multirreferencializado, para ver-percebendo e perscrutando o ambiente e as relações/interações humanas de modo a produzir conhecimento. Tendo em observância que cartografar é parte do reconhecimento de que o tempo todo estamos em processos, ou seja, em obras, retomamos o que nos ensina Deleuze e Guattari (1995, p. 22):

Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação.

Na cartografia não há nada fixo ou pronto, o que há de certo modo é um acompanhar de processos que vão se aprofundando de acordo com o caminhar do pesquisador, no caso deste estudo, das pesquisadoras. Nesse sentido, o trabalho de campo ocorreu por nuances de idas e vindas, entradas e saídas nos contatos com os coordenadores, profissionais, crianças e adolescentes da unidade de acolhimento. Também nas estratégias de coletas de dados que foram se redesenhando no *continuum* ao aprofundamento dos saberes aos fazeres da investigação.

Durante o trabalho de campo os processos de produção se deram a partir de pistas cartográficas que foram suporte aos registros da memória recente da pesquisadora em seu diário de campo. Este se constituiu em um instrumento de riqueza quando da transcrição das entrevistas, das observações do ambiente e das múltiplas relações e interações humanas.

Entendendo-se que o diário de campo é um elemento importante para a elaboração dos resultados da pesquisa (BARROS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010), uma vez que é no campo, no olhar sobre o que se está pesquisando, em destaque, em pesquisas de natureza social, que o/a pesquisador(a) se imbrica ao seu objeto de estudo.

Por seu turno, é importante destacar, por exemplo, que:

A pesquisa cartográfica visa o acompanhamento de processos e, se a entrevista na cartografia inclui trocas de informação ou acesso à experiência vivida, é importante ressaltar que esta não é sua única direção. A cartografia requer que a escuta e o olhar se ampliem, sigam para além do puro conteúdo da experiência vivida, do vivido da experiência relatado na entrevista (TEDESCO, 2013. p. 301).

Assim, a relação entre pessoas no contexto da investigação deve percorrer uma relação de sensibilidade e respeito. Para o ser pesquisador (a), então, trata-se de aguçar seus sentidos em sensibilidade para saber observar e analisar o dito e o não dito, a elaboração do outro – sujeito - ou seja, a pessoa da ação da pesquisa , seja por imagem ou outras maneiras.

Dentro dessa dimensão das palavras e imagens, Oliveira (2000) em seu livro 'O trabalho do antropólogo' chama atenção para uma reflexão acerca do ser pesquisador, que segundo o autor está atrelado a três atos cognitivos: olhar, ouvir e escrever. Para o/a pesquisador(a), chegar ao resultado de sua busca deve caminhar

desvelando processos, se deixa capturar por tudo à sua volta, mas não perder de vista o seu objeto investigado. Isso é fazer cartografia, ou seja, cartografar o ser pessoa menina-mulher nos sentidos históricos e sociais de significância à existência de seus corpos enquanto sujeito-cidadã.

Na imersão no campo o mapa investigativo abre-se em sua complexidade, expressa nas histórias de vida ali existentes, Unidade de Acolhimento de Criança e Adolescente na cidade de Jequié/Bahia, que se entrecruzam em diversidade nas múltiplas dimensões em processos de circularidade.

Assim, no campo nos encontrávamos em um território de significados e significâncias aos seus coabitantes, um espaço de potências de vida, cujas histórias entremeiam cicatrizes e estratos de vulnerabilidade social, entretanto, há a produção de forças, sonhos, desejos entre outros sentimentos empoderadores.

Ver-enxergando e sentindo as potencialidades humanas ali existentes ratifica o que sabidamente descreve estudiosos do método cartográfico, quando enunciam sobre o inundar-se do(a) pesquisador(a) no campo e no conteúdo da experiência vivida.

Desta experiência, suas ramificações nos eixos se seguem.

#### **4.2 O CENÁRIO DA PESQUISA: PASSEIOS PELA UNIDADE DE ACOLHIMENTO MALVINA COSTA**

Para mergulharmos no cenário desta pesquisa, faz-se necessário a realização de um passeio imersivo na Unidade de Acolhimento de Crianças e adolescentes Malvina Costa em seu processo histórico, desde o receber e cuidar dos “seres pequeninos” em situação de vulnerabilidade, do “tictoc”(bater) na porta da casa de vovó Malvina a entregar ou deixar crianças e adolescentes.

É salutar destacar as muitas nomenclaturas que este ambiente de cuidado humano foi adquirindo com sua existência. Primeiramente, Casa Vovó Malvina passou a ser chamada Abrigo Malvina Costa e, mais recentemente, Unidade de Acolhimento de Crianças e adolescentes Malvina Costa.

**Figura 2** - Casa Vovó Malvina



**Fonte:** Acervo do estudo. Uma das últimas casas que a senhora Malvina conviveu com as Crianças e Adolescentes antes de falecer em 2022.

A história dessa instituição inicia-se com a senhora Malvina Costa, a grande idealizadora deste projeto humano de cuidado a outros humanos. Contar a história deste ambiente se fez por buscas a pessoas de relação consanguínea como netas e órgãos públicos do município de Jequié/Bahia.

Cumpra-se destacar, portanto, que no aspecto consanguinidade só a segunda geração, netas, foi localizada. Assim, as informações seguem um registro de narrativas históricas e de imagens cedidas pelas netas da senhora Malvina Costa.

A senhora Malvina Costa nasceu em 02 de novembro de 1911 na cidade de Salvador/Bahia, não foram identificados registros sobre sua vinda para o município de Jequié. O que se sabe é que Malvina iniciou na década de 1970 o trabalho em acolher crianças e adolescentes em sua casa, as quais eram criadas juntamente com os seus filhos biológicos. Malvina Costa teve 28 filhos biológicos, contudo, não se obteve para este estudo os registros históricos sobre esses filhos, mas o

conhecimento de que todos foram nati-vivos, alguns falecidos em idade adulto-idosa; outros vivos, mas sem informação de localização.

**Figura 3** - Vovó Malvina costa com neta e filhos de coração



**Fonte:**Acervo disponibilizado pela neta de Vovó Malvina. Jequié, 2022.

Diante do trabalho de acolhimento às crianças e adolescentes, a senhora Malvina Costa passou a ser conhecida na cidade de Jequié, pelo feito recebeu o título de cidadã Jequeense no ano de 1998. Ancorada no reconhecimento do seu trabalho social humanitário passou a buscar parceiros para ajudá-la na manutenção da casa, para continuar ofertando cuidados e acolhimento a todos que chegasse a bater à sua porta.

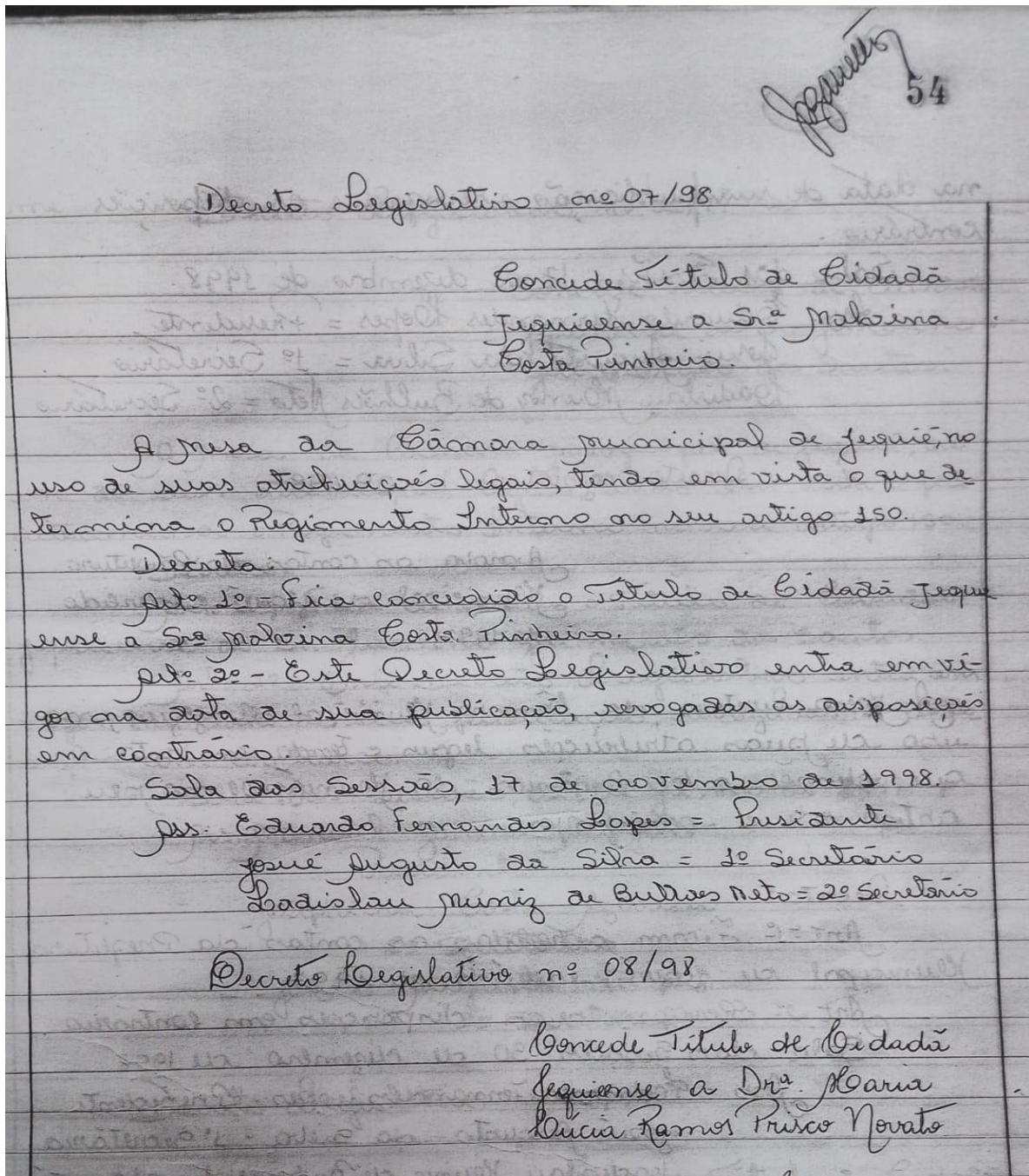
**Figura 4** - Vovó Malvina costa recebendo o título de cidadã jequieense



**Fonte:** Acervo disponibilizado pela neta de Vovó Malvina. Jequié, 2022.



**Figura 5** - Decreto legislativo do título de cidadã jequiense de Vovó Malvina costa



Fonte: Câmara de municipal de Jequié/Bahia. 2022.

Com o passar dos anos, aumentaram-se as demandas para o cuidado das crianças e adolescentes e a senhora Malvina Costa viu-se na necessidade de um local mais apropriado em estrutura física para atender as demandas de cuidados, quando no ano de 2002 a prefeitura de Jequié, através Secretaria de Desenvolvimento Social, assumiu a responsabilidade de cuidados das crianças,

objetivando transformar a casa de vovó Malvina em um abrigo, nomenclatura utilizada à época.

Em 2005 o abrigo é realocado para outro espaço, sob responsabilidade da prefeitura de Jequié, no Órgão da Secretaria de Desenvolvimento Social, com capacidade ampliada, sendo inseridos espaços para lazer, como parque infantil, quintal amplo, sala de jogos, além de dormitórios maiores, incluindo refeitório e cozinha.

**Figura 6** - Instituição de Acolhimento Malvina Costa



**Fonte:** acervo do estudo, frente da Unidade de Acolhimento antes da reforma, 2022.

Quando da efetivação de mudança para este novo espaço, a senhora Malvina Costa havia falecido. O fato ocorreu em 05 de abril daquele mesmo ano, 2005, em decorrência de doença crônica – Diabetes *Mellitus* tipo II – vovó Malvina faleceu na casa onde morava e acolhia crianças e adolescentes.

Somente em 2015 foi implementada a 1ª Vara da Infância no município de Jequié, sendo que até este período os processos de adoção eram respondidos pela 1ª vara criminal da comarca de Jequié/BA.

Nesta trajetória, a Casa de Passagem Infantil Malvina Costa tem um histórico de 52 anos de existência para cuidados e acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

No momento atual, que culminou com o período de coleta de dados deste estudo, a Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescente Malvina Costa Encontrava-se em reforma de sua estrutura, visando melhoria do espaço para melhor atender as crianças e adolescentes. Na fotografia abaixo é possível visualizar como se encontra o espaço na atualidade:.

**Figura 7** - Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa – vista atual



**Fonte:** Acervo do estudo, frente da Unidade de Acolhimento após a reforma e ampliação, 2022.

### 4.3. PARTICIPANTES DA PESQUISA

Esta pesquisa teve a participação de três grupos:

1. Profissionais que trabalhavam na Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa, com tempo de serviço entre 03 a 08 anos. Profissionais com as seguintes formações, segundo dados da Secretaria de Desenvolvimento Social do Município de Jequié, BA: 01 coordenadora; 01 psicólogo; 01 pedagoga e 02 cuidadoras.
2. Ex-egressa da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa, mulheres adultas, um quantitativo aproximado de 02. A identificação destas mulheres partiu dos registros arquivados na Unidade de Acolhimento na qual consta histórico de pessoas ex-egressas que saíram da Unidade ao atingir a idade máxima permitida na instituição, 18 anos. Essas pessoas foram contactadas a partir de visita presencial de modo à realização de convite a inserção no estudo.
3. Meninas residentes na Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa, na faixa etária de 07 a 17 anos, alfabetizadas de modo a participarem do estudo nas atividades propostas pela investigação, sendo um total de sete. Destaca-se que o acesso a este segmento etário na Unidade de Acolhimento foi autorizada pela Secretaria de Desenvolvimento Social do Município de Jequié, BA (Anexo 02) e pela juíza de 1ª. Vara de Infância e Juventude do Poder Judiciário do Estado da Bahia, Comarca de Jequié (anexo 01).

É necessário destacar que se trata de um espaço de acolhimento de crianças e adolescentes que tem variabilidade em número de residentes em relação ao tempo para adoção. Neste sentido, a época de coleta de dados na Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa havia um total de 21 residentes entre os gêneros masculinos e femininos, destes 02 meninos adolescentes, 07 meninos crianças, 07 meninas adolescentes, 01 recém nascida com 01 mês de vida, criança e adolescente com idade entre 01 mês de vida há 17 anos. A amostra da pesquisa foi composta por sete meninas com idade entre 07 a 17 anos que foram anuentes ao estudo.

A seguir é apresentado de cada grupo de participantes na investigação delineado em tabelas de modo a sistematização:

**Tabela 1 - Grupo 01 – Profissionais da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa**

Pseudônimo	Marina	Helena	Bento	Amanda	Laura
<b>Data de nascimento</b>	16/09/1976	06/05/1986	11/12/1995	23/01/1983	20/09/1993
<b>Idade (anos)</b>	46 anos	52	26	40	29
<b>Estado civil</b>	Casada	Divorciada	Solteiro	União Instável	Casada
<b>Tempo de serviço (anos)</b>	18	14	05	18	03
<b>Filhos/quantidade</b>	Sim/01	Sim/01	Não	Sim/02	Sim/02
<b>Identidade Racial</b>	Branca	Parda	Pardo	Pardo	Pardo

**Tabela 2 - Grupo 02 – Mulheres assistidas na infância na Unidade de Acolhimento de Crianças e de Adolescentes Malvina Costa**

Pseudônimo	Maria Flor	Rosa Maria
<b>Data de nascimento</b>	18/03/1991	24/09/1996
<b>Idade (anos)</b>	31	26
<b>Estado civil</b>	Casada	Casada
<b>Idade de admissão na Unidade de Acolhimento</b>	13 anos	08 anos
<b>Tempos vividos na Unidade de Acolhimento</b>	04 anos	09 anos
<b>Filhos/quantidade</b>	Sim/01	Sim/02
<b>Identidade Racial</b>	Negra	Negra

**Tabela 3 - Grupo 03 – Crianças e Adolescentes assistidas na Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes**

<b>Pseudônimo<sup>1</sup></b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Idade de admissão na Unidade de Acolhimento</b>	<b>Tempos na Unidade de Acolhimento</b>	<b>Raça/ Etnia</b>
<b>Abayomi</b>	16	13 anos	03 ano	Parda
<b>Ayana</b>	17	06 anos	11 anos	Branca
<b>Adenike</b>	17	15 anos	02 anos	Negra
<b>Anaya</b>	07	07 anos	06 meses	Negra
<b>Monifa</b>	14	12 anos	02 ano	Negra
<b>Fayola</b>	17	13 anos	01 anos	Negra
<b>Zuri</b>	17	15 anos	02 anos	Negra

<sup>1</sup> A opção pelo pseudônimo em nomes de origem do continente Africano assentou-se em fazer referência às características expressas em gesto, sentimentos expressão corpórea das crianças e adolescentes, sendo cuidadosamente pesquisadas e apresentadas em síntese o significado de cada nome.

#### 4.4 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Adentrar o universo das participantes deste estudo se fez a partir de multitécnicas, as quais tornaram possível chegar o mais próximo da compressão do histórico vivencial relacional das pessoas, no cenário da Unidade de Acolhimento Malvina Costa.

Adotou-se, portanto, entrevista semiestruturada, oficina de pintura em tela, roda de conversa e diário de campo, em um processo de imbricamento em expansão à medida que se ia aplicando os instrumentos, em que o processo do caminhar se fez seguir a necessidade de outros investimentos, ao elemento humano, a pesquisadora, em ação por meio da imersão do que o campo, o corpo e a voz das participantes do estudo sinalizavam. Com isso, foram ofertados momentos de efervescência na elaboração de mais ferramentas à imersão no campo aos saberes-fazer em pesquisa qualitativa.

##### ***O desenovelar dos instrumentos***

A *entrevista semiestruturada* é uma técnica flexível, com roteiro prévio, possibilitadora de estimular as respostas das participantes, pois se reveste em um diálogo dinâmico e naturalmente processado. Sua utilização na abordagem de pesquisa qualitativa se reveste em uma importante ferramenta para a imersão na base de um texto falado, os diálogos, a escrita interpretativo-compreensiva na análise dos dados. Uma base de desvelamento de questões do cotidiano, relativas às situações sociais (FLICK, 2013).

Seguindo a compressão do que ensina Flick (2013), a entrevista foi realizada de forma a atender cada participante do estudo em observância a uma ação dialógica proximal às suas competências em uma linguagem simples, clara e objetiva, tendo atenção em cada participante de modo às suas especificidades e o seu grau de instrução, ensino médio a superiores completos a uma linguagem proximal. Logo, empreendeu-se uma estratégia dialógica à entrevista. Tal estratégia manteve atenção de que se tratava de pessoas em processo de observação uma da outra. A pesquisadora e as participantes, pessoas com histórias de vida, em que uma na qualidade de investigadora buscava ampliar o foco da outra, para uma visão além da narrativa em oralidade, na escuta do corpo da participante transcendendo o

olhar para o seu diário de campo. Por seu turno, a participante direcionava o seu olhar à pesquisadora. A sensibilidade de ver percebendo o momento relacional ali constituído durante a entrevista contribui para o aprofundamento das questões para desvelar o fenómeno em ação e compor o repertório de saberes ao constructo da pesquisa.

A entrevista guiou-se como um prisma relacional com todas as participantes deste estudo. Um prisma que teve a linguagem com expansão de cores das narrativas das participantes, encorpando os saberes ao alcance dos objetivos da pesquisa ou, mais do que isso, como nos chama à reflexão Deleuze e Guattari (1995, p. 16) sobre a língua ser “uma realidade essencialmente heterogênea”. Disto, se dá o prisma, uma vez que a linguagem está para além da dimensão real das palavras e das imagens.

Diante da compreensão da importância de cada narrativa oriunda do instrumento entrevista, o acervo desse manancial de saberes foi registrado em um gravador, do equipamento *Smartphone Samsung Galaxy A03 64GB* com um cartão de memória externa com 64 GB, onde os dados foram armazenados e posteriormente transcritos no Programa *Word®* versão 2010, da *Microsoft*, para a etapa de pré-análise e análise dos dados, permanecendo sobre a responsabilidade das pesquisadoras para a efetivação das considerações finais do estudo em questão.

A *oficina de pintura em tela* para esta estratégia investigativa, o uso da arte foi o ancoradouro que se aportou, assenta-se nos estudos de Vygotski (1999), no que o autor faz profundas reflexões acerca de diversos aspectos na psicologia da arte, dentro da sua objetividade na compreensão que permite enxergar a potencialidade desta elaboração, como: “A arte é o social em nós, e o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isso não significa de maneira nenhuma que suas raízes e essências sejam individuais” (VYGOTSKY, 1999, p.315). A arte pode ser entendida com a sua percepção, a imaginação e a criatividade, sendo contributiva para processos investigativos (VYGOTSKI, 1999). Assim, a compreensão do ser viver na unidade de acolhimento como perseguido neste estudo.

A estratégia da *oficina de pintura em tela* buscou, através da utilização de expressão da arte, que as meninas e adolescentes pudessem expor seus sentimentos, sensações, medos, desejos, dúvidas e sonhos, construídos ao longo



do tempo e vividos na Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescente Malvina Costa.

Para tanto, foi necessário observar o nível de escolaridade das meninas e adolescentes à guisa de traçar a melhor estratégia de oficina, que contemplasse os saberes à fase de desenvolvimento desse grupo humano.

A oficina ocorreu no refeitório, um espaço aberto, arejado e bem iluminado da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa. Sendo adotados os seguintes materiais:

Tinta para estudantes nas cores primárias, secundárias, terciárias e neutras (branco, preto, cinza).

**Figura 8** -Cores primárias, secundárias, terciárias e neutras



Fonte:Manual dos Artistas, 2021.

Pincéis (de diferentes tamanhos) para pintura em tela;

Tela para pintura no tamanho 30cmx30cm;

Lápis Preto, *Staedtler*, 110-H 10, *Tradition H*.

De posse desse material, as meninas e adolescentes sentadas em cadeira tendo a mesa como apoio para elaboração das telas, foi solicitado que retratasse em desenho livre o lugar onde vivem – a unidade de acolhimento.

Os materiais tiveram o propósito de estimular a expressão de sua subjetividade e a capacidade criativa de ser retratada em pintura na tela.

A oficina teve duração de quatro horas e trinta minutos, realizada no período vespertino em novembro de 2022.

Após realização das produções das telas, foram feitas as seguintes perguntas:

Qual o nome da tela?

O que motivou a construir o desenho na tela?

O que este desenho faz você sentir?

As respostas para estas perguntas foram armazenadas no equipamento do *Smartphone Samsung Galaxy A03 64GB*, igualmente ao ocorrido no registro das entrevistas de modo à fidedignidade interpretativa do desenho e à análise compressiva desta etapa da coleta de dados.

A prática no campo da coleta de dados fez emergir demandas em elaboração de outras ferramentas que pudessem chegar o mais próximo das dimensões do ser criança e adolescente no cenário do estudo. Configurando-se, assim, como outros instrumentos ‘brotados’ do campo de investigação.

Trata-se, nesse sentido, do que a ampla literatura metodológica enuncia sobre a investigação se redesenhar na imersão do ser pesquisador(a) no campo da investigação. Uma experiência das mais enriquecedoras na aproximação de ‘mundos’ das participantes – crianças e adolescentes e da pesquisadora – aproximar desta aproximação, a jardinagem se fez brotar.

A *jardinagem* Surge após a narrativa de uma cuidadora referente a um episódio descrito como ideação suicida, por uma adolescente da Unidade de Acolhimento Malvina Costa. Deste episódio, marcas no punho da jovem evidenciavam retratadas sem cicatrizes. Segundo CID10 - X78.2, trata-se de “lesão autoprovocada intencionalmente por objetos cortante ou penetrante em escolas, outras instituições e áreas de administração pública” (MEDICINANET, s/d).

Segundo enunciados da literatura específica da área, o comportamento suicida engloba três conceitos, os quais foram sistematizadas por Costa (2012) como: i) ideação suicida, caracterizado por pensamentos ou ideias acerca do suicídio e/ou planejamento da própria morte do sujeito; ii) a tentativa de suicídio referente à um ato levado a cabo com o intuito efetivo de pôr termo à vida; iii) o suicídio consumado, onde o ato anteriormente levado a cabo culminou na morte do sujeito. A autora descreve ideação como uma estratégia desesperada em causar lesão a si própria em um ato de comunicar tristeza e solidão (COSTA, 2012).

A observação sobre as marcas nos punhos mobilizou o *ser* de sensibilidade e empatia, que habita a pesquisadora, a buscar estratégias amenizadoras dos sentimentos que podem ser compreendidos como de tristeza e solidão manifestos pela adolescente.

Assim se fez a estratégia de jardinagem, que buscou ir ao encontro de ‘plantar’ sentimentos de autoconfiança, autovalorização, autoestima, resistência e

resiliência como se sementes brotassem em flores e folhagens ao manusear a terra. Abrir as covas na terra e colocar sementes de girassóis. Tal semente escolhida pretensiosamente pela ação de elipse que a flor de girassol faz ao seguir os raios de sol. Deste modo, evidencia sua força em resistência ao giro, em seguir a luz – a vida da adolescente e das crianças naquele instante sendo mobilizada à estratégia de empoderamento e resiliência com a jardinagem – um mundo de fantasias, sonhos, expectativas entre outros sentimentos sendo mobilizados. Tratou-se de ter em observância que na abordagem investigativa qualitativa é preciso atenção ao cenário e participante(s) de modo ao plano de ação em campo a ser redesenhado para perceber e perscrutar o meio e as relações e interações que o enlaça com possibilidade de agir a promoção e proteção da vida, ao caso em foco.

Neste sentido, estar-se colocando o foco sobre as participantes do estudo, crianças e adolescentes, quanto às especificidades da etapa do ciclo de vida em que se encontram de modo à ludicidade de modo a fazer parte da trajetória da coleta de dados.



**Fonte:** acervo do estudo, Sementes de Girassol nas mãos da pesquisadora. 2022

**Figura 10** - Partilhando saberes e cuidado com a terra



**Fonte:** acervo do estudo, Sementes de Girassol sendo plantadas. As mãos da adolescente e funcionárias da Unidade de Acolhimento 2022.

**Figura 11** - Do plantar, regar, brotar se fez florescer os girassóis



**Fonte:** acervo do estudo, após um mês de semente, as sementes, os girassóis floresceram. 2022.

Ao ampliar o olhar às necessidades apresentadas pelo campo da pesquisa, o contexto da instituição cenário deste estudo evidenciou-se como estratégia de cuidado à saúde. Cuidado que enlaça uma pesquisa ao aproximar-se e adentrar ao campo e enxergar suas potencialidades e necessidades de atenção especial, fazendo-se por meio de ação criativa e alusiva ao ser criança e adolescente, fases do ciclo de vida humana em que quem se aproxima precisa ter sensibilidade para reconhecer o mundo imaginário que se traduz e expressa a fase da vida desse grupo humano.

Salutar se faz destacar que ao adentrarmos no mundo da criança e adolescente, precisamos nos comportar como estrangeiros, passantes em um território que não habitamos. Licença é a palavra de entrada no mundo infantil. Um território que deve ser explorado pelo olhar e escuta atenta em busca de suas dimensões, na imersão em que o campo nos convida sobre ser crianças e adolescentes.

#### **4.5 O CAMINHAR NO CAMPO DE PESQUISA**

##### ***Um passo a passo: licença e passo, o campo e as participantes em passo de desvelar***

*As Funcionárias* - primeiro contato ocorreu em dia e horário agendados, fazendo-se por meio de uma roda de conversa onde foi apresentado o projeto, objetivos e os procedimentos da pesquisa. Tratou-se de um momento que se configurou em trocas de experiências, diálogo aberto e exposição da pesquisadora de campo aos olhares dos profissionais da unidade de acolhimento.

Seguiu-se com o convite a participação na pesquisa e a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE) aos anuentes. O TCLE foi realizado individualmente, sendo lidos e explicados os procedimentos da pesquisa para melhor compreensão pelas participantes.

Para a realização das entrevistas foi necessário agendar dia e horário, e mesmo agendado fazia-se necessário ter tempo de espera à disponibilidade das participantes, em virtude das demandas de trabalho na unidade de acolhimento. Quando da disponibilidade, as entrevistas ocorriam na sala pedagógica e da coordenação, ambientes climatizados com cadeiras e poltronas confortáveis, um local agradável em que as participantes se sentiram confortáveis durante a

entrevista. O tempo médio de realização das entrevistas variou de cinquenta a noventa minutos, esse se deu mediante o nervosismo de algumas funcionárias no momento da entrevista, fazendo necessárias pausas devido a sentimentos de nervosismo e introspecção. As pausas tiveram como objetivo que as participantes retomassem o estado de calma de modo ao retorno às entrevistas. Não foi necessário reagendar outro momento, pois as participantes quando questionadas sobre parar ou prosseguir em outro momento enunciaram o desejo de continuar.

*As mulheres ex-assistidas da unidade de acolhimento* - Este grupo foi composto por duas mulheres, quatro foram identificadas a partir da Secretaria de Desenvolvimento Social do Município de Jequié/Bahia e do arquivo de dados de ex-assistidos(as) por completarem 18 anos, da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa.

Duas das mulheres ex-assistidas da unidade de acolhimento não compõem o leque de participantes deste estudo por não aceitarem pós-convite.

As demais duas participantes foram anuentes assinando o TCLE. Destas, uma residente no município de Jequié, BA, e outra em São Paulo, capital. Para a primeira foi agendado visita em seu domicílio. Já a segunda, o processo de coleta de dados foi por meio da plataforma *Google Meet*. Inicialmente o TCLE foi encaminhado por meio de correio eletrônico. A sala de *Google Meet* foi aberta em dia e horário agendados a disponibilidade da participante e pesquisadora.

A plataforma *Google Meet* se evidenciou como um recurso de mais valia ao alcance do desvelamento dos dados perseguidos na pesquisa. Uma ferramenta de potencialidade em aproximar pessoas em contexto de distância territorial neste estudo, que possibilitou o alcance de objetivos traçados, especialmente no que tangeu ao número de mulheres ex-assistidas da unidade de acolhimento.

*As crianças e adolescentes da unidade de acolhimento* –O contato ocorreu com agendamento prévio com a coordenadora da unidade de acolhimento em dia e horário previamente agendados. A estratégia de aproximação se fez por meio de uma roda de conversa para apresentação da pesquisadora, do projeto de pesquisa com linguagem clara e próxima da faixa etária em estudo e da apresentação das crianças e adolescentes.

### ***A roda de conversa***

A estratégia “roda de conversa” teve em observância está exposta ao colocar das ‘lentes dos olhares’ das crianças e adolescentes à pesquisadora. Perspectiva aludida sobre os olhares que se circunscrevem no campo entre a pesquisadora e as pessoas sob a investigação, parte da concepção de que na pesquisa qualitativa o ato de observar pessoas e ambientes criam interações e inter-relações possibilitadora de aproximar ou de causar repulsa, por outras palavras, o objeto estudado, ao passo que observa o pesquisador é observado (QUEIROZ *et al.*, 2018).

Deste observar e ser observada narrativas se inscreveram:

Participante: *O meu cabelo é igual ao seu.*

Pesquisadora: O meu os cachinhos são mais abertos, o seu são mais fechados.

Participante: *Meu cabelo era igual ao seu, mas eu dei química*

Pesquisadora: Por que você deu química?

Participante: *Por que dá muito trabalho pra cuidar.*

Participante: *Como você cuida? Não é muito cabelo?*

Pesquisadora: Para cuidar dessa cabeleira eu hidrato duas vezes por semana com Babosa.

O ato de observar e ser observado neste momento perpassa por um atravessamento de identificações e semelhanças o que gera uma relação de confiança e sensibilidade para com o outro, como enunciam Alves-Mazzotti e Gewandsznajder(1998).

As narrativas oriundas do corpo, tempo e espaço em observação continuaram, seguidas dos seguintes questionamentos:

Participante: *Porque a tia quer escrever sobre a gente aqui?*

Pesquisadora: Porque fui adotada com cinco meses de vida.

Participante: *Adotada? Qual foi o motivo da sua adoção?*

Pesquisadora: Problemas de saúde, eu era um bebê doente com marcas no corpo, ou melhor, eram feridas na verdade.

Participante: *Então eles te batiam? Já que você tinha marcas no corpo?*

Pesquisadora: Eles quem?

Participante: *Os seus pais biológicos.*

Pesquisadora: Não. Meus pais biológicos não batiam eram feridas causadas por um problema de saúde, por isso que fui adotada, a adoção aconteceu porque meus pais biológicos não tinham condições financeiras para custear os tratamentos e medicamentos.

Participante: *Ah, entendi! Então eu acho que você tinha problemas no sangue, já que tinha feridas no corpo.*

Pesquisadora: Não sei ao certo se foram problemas no sangue.

Após o enriquecedor momento de diálogo entre as crianças e adolescentes foi perguntado se gostariam de participar do estudo, por unanimidade ocorreu a anuência de todas as crianças e adolescentes ali naquela roda de conversa. Da aceitação a coordenadora da unidade, responsável legal assinou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Como estratégias de encerramento da roda de conversa, chocolates foram distribuídos para todas as crianças, adolescentes e demais pessoas presentes naquele recinto, seguindo de um pequeno cartão, cuja escrita dizia “*Com açúcar e com carinho da pesquisadora Elane Lima*” em forma de agradecer a acolhida e demonstrar o afeto vivenciado naquele dia.

#### **4.6 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA**

A pesquisa foi realizada após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB, CAAE Nº 59891122.0.0000.0055, Parecer Nº 5.512.059, em observância à Resolução 466/2012 e CNS 510/2016.

A pesquisa buscou resguardar as identidades das participantes do estudo adotando o uso de pseudônimos para identificação e fazendo uso de nomes africanos para as crianças, adolescentes, as funcionárias e para as ex-assistidas, para quem foi adotado igualmente os pseudônimos.

Esta dissertação foi desenvolvida em um espaço voltado aos cuidados com crianças e adolescentes que estão sob a tutela jurídica do estado, sendo assim, por questões éticas não foram registradas imagens que comprometessem o sigilo.

Assentadas as questões éticas da pesquisa com seres humanos, os dados coletados foram utilizados para o desenvolvimento desta dissertação, para a difusão dos resultados deste estudo, respeitando o descrito em Brasil (2012-2016).

#### **4.7 O CAMPO E O DISPOSITIVO DE ANÁLISE**

O direcionamento tomado por meio da cartografia alimentou o ser-agir no campo, no olhar e interpretar dos dados oriundos da caminhada empreendida. Neste percorrer, o conhecer e o fazer caminharam em ‘via de mão-dupla’, como nos ensinam Barros e Passos (2010), ao enunciarem que conhecer e fazer não se



encontram separados, mas operam para a transformação da realidade, a exemplo do discorrido no estudo referente à roda de conversa e da jardinagem. Nisto, constitui o que Barros, Kastrupe Escóssia(2010) nos ensinam sobre o exercício do acompanhar processos e ter abertura aos encontros que transformam e produzem vidas.

Isto significa a atenção do cartógrafo, no caso, cartógrafa, ao que Deleuze e Guattari (1995) chamam atenção sobre os dispositivos que comportam linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação que se misturam e se fazem ver e sentir, ou seja, o trabalho de campo com as crianças e adolescentes no cerzimento com as narrativas dos profissionais e ex-assistidas – as participantes deste estudo.

Este direcionar está organizado em três linhas de análise: i) Historicidade de ex-assistidas na unidade de acolhimento, que diz respeito aos elementos que compõe um mapa cartográfico de experiências e vivências; ii) Vidas em tela, que constitui-se na arte em representação das experiências e vivências das crianças e adolescentes na unidade de acolhimento; iii) Experiências e vivências das colaboradoras da unidade de acolhimento, que estão relacionadas as narrativas da prática do cuidado às crianças e adolescentes.

A imersão no manancial de dados e a análise compreensiva da trajetória cartográfica se fez em um processo de idas e vindas, como em uma fonte a lançar a cacimba e trazê-la cheia de água, água em forma de conhecimento oriundo do outro, como as participantes e os olhares perscrutadores das pesquisadoras envolvidas.

Ao ‘cacimbar’ ia-se construindo as unidades de apreciação dos saberes e sua interpretação à luz do referencial teórico de sustentação do estudo, entrecruzando com a revisão de literatura. Como aponta Deleuze e Guattari (1995), a cartografia se mostra como rizoma, um rizoma com haste subterrânea que se distingue absolutamente das raízes radículas. Entretanto, diferente do pensamento arbóreo, para os autores o rizoma é capaz de conectar pontos de múltiplas naturezas, assim se mostra o método cartográfico como um espaço de multiplicidades que se conectam.

A conexão de conexões em conectividade construindo as hastes em historicidade do *ser*, o que leva as participantes deste estudo a nos convidar a radicalar o próximo rizoma, tal qual exposto no eixo seguinte deste estudo.



## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO: UM PROCESSO RETICULAR EM RIZOMAS A SE MOSTRAR

A história de vida precisa ser analisada a partir de dimensões distintas, a exemplo de Maria Flor e Rosa Maria, mulheres negras as quais oferecem pistas à investigação de modo do *ser* pesquisador(a) analisar as narrativas numa perspectiva epistemológica. Historizar a vida de participantes da pesquisa, mostra-se como um recurso dos mais zelosos à apreensão dos saberes do viver das pessoas, nomeadamente as questões de natureza social. Disto, o que Kofes (1994) salienta é que como seres sociais, ao contar nossas histórias, contribuímos na compreensão dos modos de vida.

Por outras palavras, o relato de vida apresenta grandes pistas para discutir e analisar como os seres humanos narram as suas histórias de vida, lida com os fatos sociais e culturais, interpreta e reelabora suas experiências.

Neste direcionamento, as entrevistas realizadas com duas mulheres assistidas pela unidade de acolhimento são analisadas à luz de suas experiências e vivências. A narrativa traçada por essas mulheres permite-nos perceber o pertencimento no processo de construção identitária e de subjetividade na formação do *ser* mulher.

### 5.1 ENTRE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS: RELATOS VIVENCIADOS POR MARIA FLOR

*O abrigo foi à continuação do meu alicerce, é o que me faz ser cada dia mais humilde e dar valor as pequenas coisas que a vida me proporciona*  
(MARIA FLOR)

Maria Flor, mulher negra, 31 anos de idade, casada, mãe, escolarizada foi a primeira adolescente a passar pela unidade de acolhimento na cidade de Jequié-Bahia, residindo na unidade por um período de quatro anos, sendo acolhida aos treze anos de idade.

O seu entendimento por unidade de acolhimento é de um abrigo:

O abrigo na minha vida mulher é muita coisa. O abrigo pra mim foi muito crescimento. Eu cresci muito lá dentro, eu aprendi muito, foi uma experiência na minha vida, uma experiência única. Foi um alicerce, de certa forma foi uma evolução, um alicerce muito grande

para eu chegar até onde eu cheguei. E inclusive influenciou até mesmo na minha profissão hoje (Maria Flor).

Na fala de Maria Flor se observa a relação de pertencimento com a unidade de acolhimento – espaço que se configurou como base preparatória na transição na fase da adolescência para vida adulta. Segundo Izar (2011), as instituições passam a ser uma casa, uma base para as pessoas que lá se encontram. Para Maria Flor, o abrigo influenciou no nosso seu crescimento pessoal:

O abrigo significa uma parte de minha vida, literalmente uma parte de mim. Não uma parte do que ficou, mas uma parte que eu levo na minha vida inteira. O abrigo não é um passado ele é um presente constante ainda (Maria Flor).

As relações de pertencimento se evidenciam nas redes de afetos que são construídas ao longo dos anos, vividos dentro da unidade de acolhimento, das relações produzidas no cotidiano de cada indivíduo, dos encontros que produzem e criam marcadores de afetos:

O abrigo pra mim sim ele foi e é uma família, porque a gente chega lá desapontado, você não sabe o que vai acontecer com você. Você chega lá na esperança de que será por pouco tempo e vai tornando muito mais que isso (Maria Flor).

Observa-se na fala de Maria Flor que mesmo reconhecendo o abrigo como uma família, o desejo é que seja uma experiência por um tempo passageiro, uma breve estadia:

Eu digo que as crianças que adotam alguns monitores, porque a gente sempre tem afinidade com alguém a gente acaba adotando alguém ali pra nós com se fosse uma pai, uma mãe, uma tia. Eu mesmo, tenho Ana como se fosse minha mãe, embora na época ela tinha idade de ser minha tia (Maria Flor).

Família é um grupo de pessoas que criam uma rede de afetos entre si (MALUF, 2010). Nesta compreensão, a família pode ser formada também por um grupo de crianças que criam laços afetivos com os seus cuidadores e aqui se diz tios e tias:

Eu cheguei com certa personalidade, uma estrutura totalmente diferenciada. Eu falo por outras crianças que chegam lá bebês ou chegam recém-nascidos e crescem, não tem aquele amor de pai e de mãe (Maria Flor).

Segundo Juliano e Yunes (2014), nós seres humanos nascemos e vivemos relações em qualquer ambiente, na qual são construídas da necessidade dos seres de se relacionar afetivamente uns com os outros.

Já sinalizado neste estudo os processos de assistência à infância com o surgimento das primeiras instituições, a roda dos expostos, em consonância com Rizzini (2004) vários são os motivos pelos quais crianças foram deixadas em instituições, entre eles a extrema pobreza ou a necessidade de manter a moral da tradicional família brasileira.

Maria Flor relatou uma história que lhe marcou no período em que viveu na unidade de acolhimento, relacionada ao estado de vulnerabilidade social de uma criança:

Teve uma situação. Uma criança que entrou no abrigo com a cabeça inflamada, estava inflamada de tanto piolho e Adriana ali cuidando e tal, eu sempre era entrona e eu queria ajudar e ali eu fui ajudar, mas eu não sabia como ajudar, porque tinha muitas capas na cabeça e quando ela levantava tinha muito piolho, era muito piolho, era muita sujeira, muita inflamação (Maria Flor).

Com isso, evidencia-se o abandono, em um contexto histórico que geologicamente ainda se ramifica, em terrenos a ser apanhado pelas erosões do extrato de desigualdade social:

Marcou muito, sabe? A conselheira que levou a criança pra lá disse que a criança estava abandonada e que a criança comia farinha com pimenta, então ao ouvir aquilo me doeu muito, hoje eu sou mãe e dói mais ainda, sabe? A criança foi tratada lá dentro com todos os cuidados necessários, com medicação, foi ao médico que é uma das coisas que tem muito suporte lá em questão da saúde (Maria Flor).

No ECA, em seu art. 7º, é descrito:

A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência (BRASIL, 1990a, p. 26).

Nesta perspectiva, quando discutimos os direitos destes seres, estamos discutindo sobre o direito a ter uma vida digna, com os cuidados que toda criança necessita como à educação, à alimentação, ao lazer, à moradia digna e assistência médica adequada. Igualmente, devendo ser protegidas contra toda e qualquer forma de abandono, crueldade e exploração.

A idealização do ECA é de fato voltada para a proteção e dignidade de crianças e adolescentes com o formato das políticas públicas que fazem funcionar modelos, embora mais plurais e organizativos da vida para a produção. Com isso, as biopolíticas nos servem para entender o estado e suas instituições, bem como a natureza do poder construído contemporaneamente, contudo, as leis e estatutos não são suficientes para alterar a política do abandono que se arrasta faz séculos no cenário nacional.

Quando perguntado a Maria Flor como foi ser um menina adolescente em unidade acolhimento e como essa vivência influenciou na sua vida nos dias atuais, ela narrou:

Foi um pouquinho complicado, porque todo adolescente ele quer viver, quer sair, quer curtir, colocar as asinhas de fora, eu tinha assim certa 'regalia' com a tia não é nem 'regalia' e sim 'confiança' e eu sempre procurei não trair essas confiança dela para não perder as minhas regalias (Maria Flor).

Segundo Foucault (1987), os corpos se constituem em um conjunto de produções históricas e culturais, nesse sentido é importante salientar que a política do controle articula-se por micropoderes em sua forma de controle social.

É possível observar na fala de Maria Flor a estratégia adotada para driblar os mecanismos de controle utilizados pela unidade de acolhimento:

Então, pra mim era difícil assim, a questão tem uma festa na casa de um amigo não podia ir porque estava no abrigo, é marcar alguma coisa depois da escola não poderia ir porque estava no meu horário para voltar do abrigo, ou alguém teria que me levar ou alguém teria que me acompanhar, então isso pra mim era bem chato, sabe? (Maria Flor).

A narrativa convida-nos a pensar, a partir da ótica de Foucault (1987), sobre o biopoder que parte não só do Estado mais de todo lugar onde a vida se organiza.

Entretanto, segundo Escobar (1974), as instituições têm seus lugares marcados, não a partir delas, mas no seu papel numa estrutura social edificada em termos de autoridade e repressão, ou seja, as políticas do controle dos corpos dentro das instituições seguem normas, partindo de um discurso que é mantido pela instituição.

Para Foucault (1987), as novas tecnologias disciplinares nada mais são do que uma espécie de controle do poder, sendo feito através das observações. Nesse

sentido, é importante salientar que o Estado investe na gestão da vida e as instituições sociais também criam mecanismos para gestar, organizar gostos, funções e produtividades em favor de um funcionamento racional.

Maria Flor Relata sua adolescência no ‘abrigo’ como uma época em que não havia acessibilidade às redes sociais como nos tempos de hoje, mas tinha uma turma de amigos formados por cinco adolescentes, que quando permitido faziam visitas ao ‘abrigo’:

O ser humano nasce e vive em uma rede de relações representada por: família, escola, comunidade, trabalho, dentre outras. Nestes ambientes ecológicos, as pessoas desenvolvem-se e conquistam uma diversidade de lugares de interação social (JULIANO;YUNES, 2014, p. 135).

As relações entre pessoas e ambientes são construídas e (re)produzidas no cotidiano, possibilitando a criação de laços afetivos por meio da convivência respeitosa. Disto, o sentimento de pertencimento se consolida ao que nas narrativas de Maria Flor se identifica, sobre o quão o ‘abrigo’ atravessou sua história de vida e contribuiu para a constituição do seu ser.

## **5.2 ENTRE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS: RELATOS VIVENCIADOS POR ROSA MARIA**

Rosa Maria, mulher negra, 26 anos de idade, casada, mãe, ensino médio completo, residiu na unidade de acolhimento por aproximadamente oito anos. Sua narrativa sobre este período inicia com a palavra gratidão:

Gratidão!  
Porque, primeiramente, Deus e secundamente eles que me acolheu com muito amor e carinho. Então, uma frase eu resumo em uma palavra gratidão, sabe? (Rosa Maria)

A palavra gratidão remete ao sentimento de pertencimento a um lugar que a acolheu e contribuiu à formação do ser mulher.

Quando perguntada se tivesse que escrever uma frase para a unidade que a acolheu, a mesma resumiu dizendo:

[...] eu resumo em uma palavra, gratidão, sabe? Muito grata por tudo que eles fizeram por mim (Rosa Maria)

O relato de Rosa Maria ecoa com a experiência vivida por Maria Flor, ambas evidenciam narrativas congruentes sobre o 'abrigo' como lugar que as acolheram e que construíram sentimento de pertencimento àquele espaço:

Eu falo que esse lugar foi muito importante, porque estava passando necessidade sem morada, então, assim tenho muito que agradecer ao pessoal de lá que me acolheu com amor respeitou meu tempo todo processo, sabe? Então foi muito importante na minha vida no que sou hoje (Rosa Maria).

O sentimento de pertencimento atrelado à gratidão, expresso nas narrativas, corrobora a compreensão de que a unidade de acolhimento teve potencial ação na construção da identidade do ser.

A minha adolescência muita coisa que não sabia vim aprender de lá, é que me ensinaram né? Muitas coisas da adolescência menstruação, período de menstruação, período de namoro eles explicava como é que é (Rosa Maria).

Para Goellner (2013), falar do corpo é também falar da nossa identidade. Os corpos são construídos por uma linguagem, atravessados pela cultura e se constitui historicamente.

Um corpo e seu constructo dentro de um sistema institucional também são atravessados pelo território dos afetos que conduzem a um lugar comum, um tempo comum, a um trabalho de memória que atualiza a identidade e o sentimento de pertença:

Independente, depois que eu sair de lá eles continuaram com o mesmo carinho comigo. Então, eu acho que família é isso, né? Independente de qualquer lugar em que ela esteja está ali sempre dando atenção e acolhendo com todo carinho e amor (Rosa Maria).

Nos territórios dos afetos há assimilação e na narrativa de Rosa Maria é expressa a compreensão de identidade familiar. Maluf (2010) corrobora esta compreensão ao dizer que a família é um conjunto formado por um grupo de pessoas que criam entre si uma rede de afetos. Disto, o que menciona as participantes ser a família consiste em um grupo de pessoas formado por crianças, adolescentes, cuidadores que são afetivamente chamados de tia, tio e mãe. Trata-se de vínculos construídos em um contexto social, produzindo e reconstruindo modelos de família, uma família institucional.



Rosa Maria e Maria Flor têm em sua memória registros de um período da vida em que o acolhimento deixou lembranças inesquecíveis da unidade de acolhimento:

Eu só tenho a agradecer ao pessoal de lá que me acolheu, com amor, respeitou meu tempo, todo processo. Sabe uma coisa que me marcou muito? Foi o Natal! Eu nunca tive e lá eu vivi isso, todo mundo reunido pra tá ceiando, pra tá celebrando a vinda de Cristo. Então, assim, o Natal foi algo muito marcante pra mim (Rosa Maria)

Lembranças essas, cujo sentimento é expresso em pertencimento pelo lugar que as acolheu e respeitou sua singularidade, seu tempo de desenvolvimento. Maria Flor e Rosa Maria destacaram a importância da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa cuja experiência vivida reflete em suas vidas até os dias atuais.

Ao analisar as narrativas de Maria Flor e Rosa Maria transportamos o olhar para a questão problema desta pesquisa: 'De que maneira a Unidade de Acolhimento tem contribuído para a construção do ser menina-mulher dialogando com as questões de gênero e sexualidade? A resposta a essa pergunta é desvelada nas narrativas que demonstram quanto a da Unidade de Acolhimento de Crianças e adolescentes Malvina Costa impactou de forma significativa a vida dessas mulheres na formação do ser mulher na sua dimensão humana.

### **5.3 VIDAS EM TELA: A ARTE EM REPRESENTAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA UNIDADE DE ACOLHIMENTO**

Vygotski em "Psicologia da arte" (1999), faz uma análise a partir de uma perspectiva do fenômeno artístico atrelado à realidade vivida do autor/criador. Para o autor, a arte está para a vida como o vinho está para as uvas. Neste tema, ancorando-nos na fala do autor, na compreensão de que esta reflete uma realidade, visto que a arte recolhe da vida o seu material dentro de uma perspectiva intrinsecamente ligada à vida e suas relações.

### **5.4 A ARTE E SEU PROCESSO DE CONSTRUÇÃO**

Com dia e horário agendados com a coordenadora da unidade de acolhimento, reunimos as crianças e adolescentes para a atividade de oficina de pintura em tela.

**Figura 12** - Produções artística, pintura em tela



**Fonte:** Acervo da pesquisadora, 2022.

Esta imagem retrata o momento inicial da oficina com as crianças e adolescentes.

O registro de imagem segue os princípios éticos, de sigilo e anonimato em atenção ao ECA e o descrito em Brasil (2012-2016) para o grupo etário participante deste estudo.

**Figura 13 - Paraíso**



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2022.

Tela denominada 'Paraíso' de autoria de Zuri retrata uma produção partindo de seus processos de construção.

Qual é o nome dessa tela?

Desenho, riso (...) não! Pera. O nome desse desenho é 'Paraíso', não, não é (...) paraíso mesmo. Aaah (...) sei lá! Olha isso aqui é (...) pousa. Então, aqui é tipo um paraíso que no meio desse paraíso tem uma árvore é como se essa árvore estivesse se autodescobrindo um processo de construção esse ponto vermelho e esse ponto branco é meio que uma confusão no meio da árvore tipo isso, entendeu?

– Quem seria essa árvore? (...) EU. É só isso, eu não quero falar mais nada não tia (Zuri).

Neste diálogo, observa-se que a obra de arte é constituída como uma cópia da realidade vivida. Expressão de construção do ser menina/adolescente dentro de uma unidade de acolhimento com os processos de construção de desenvolvimento humano:

A adolescência não é um período de conclusão, mas de crise e amadurecimento do pensamento. No que tange à forma superior de pensamento, acessível à mente humana, essa idade é também transitória, e o é em todos os outros sentidos. Esse caráter transitório do pensamento do adolescente torna-se, sobretudo nítido quando não tomamos o seu conceito em forma acabada, mas em ação, e o fazemos passar por um teste funcional, uma vez que essas formações revelam a sua verdadeira natureza psicológica na ação, no processo de aplicação (VYGOTSKY, 2010, p.57).

Nessa perspectiva, entendemos que os processos dialéticos da objetivação levam de fato a uma formação do ser humano no processo de desenvolvimento de sua personalidade e da concepção de mundo enquanto adolescente.

O processo de formação humana, entretanto, se dá nas relações entre sujeito e o meio. Logo, a consciência e os processos identitários não se desenvolvem isoladamente visto que através das relações previamente vividas reproduzem identidades Hall (2020).

**Figura 14** - Casa no meio do nada ou Casa feia



**Fonte:** Acervo da pesquisadora, 2022.

Seguindo para a segunda tela artística de Fayola, adolescente de 17 anos, que imprime junto as tintas suas memórias, denomina a tela de 'Casa no meio do nada ou Casa feia'.

Então... (...) Casa feia, feia porque... sei lá,...) eu achei e.. estou com preguiça. O que te levou a criar esse desenho? Porque eu lembrei da minha casa que morei, e assim sei lá veio na minha memória agora e eu acho que ela é feia, só isso quero falar mais não (Fayola 2022).

Na narrativa de Fayola observa-se o registro de um passado, sua casa, uma memória cujas marcas deixadas não se deseja falar. Para Pollak (1989), as memórias e as emoções podem ser agradáveis ou desagradáveis, intensas, ligeiras e curtas. Logo, os processos da memória trazem a sua significância associada à experiência passada. As lembranças do passado podem servir, por exemplo, para manter a coesão de grupos e instituições que compõem uma sociedade (POLLAK, 1989).

Entendemos que a memória faz de nós aquilo que somos ou que podemos ser. Cada lembrança faz com que sejamos pessoa única, através das memórias podemos relatar situações vividas, como expressa a autora em sua tela 'Casa no meio do nada ou Casa feia' lembrança que se fez retratar naquele instante.

Na tela 'O silêncio e os seus processos' de Monifa, da adolescente de 14 anos, pudemos, horas antes da oficina, presenciar um episódio de crise de ansiedade. O momento da criação artística em tela se fez em estado de introspecção:

**Figura 15 - O silêncio e os seus processos**



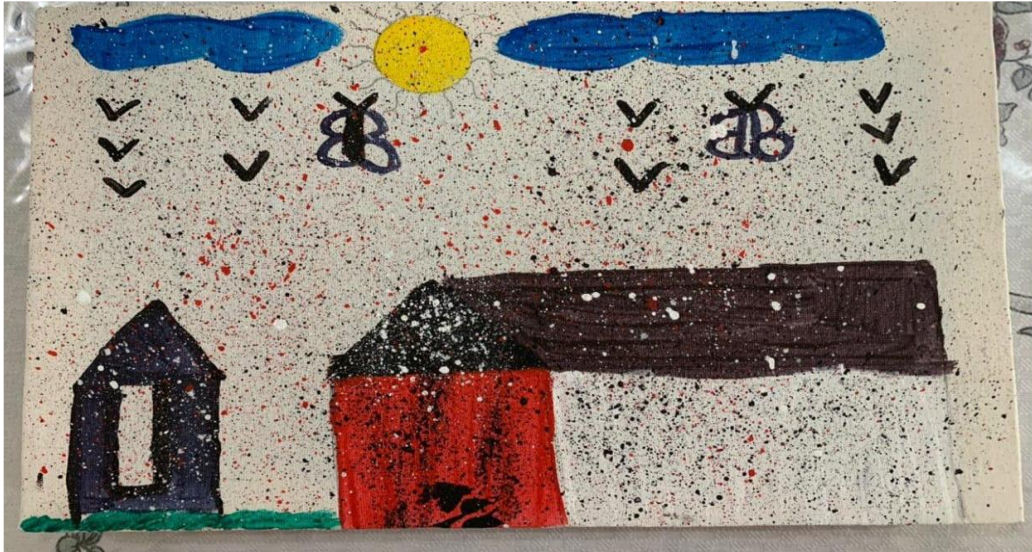
**Fonte:** Acervo da pesquisadora, 2022.

Monifa assim retratou sua tela:

Qual o nome da tela? Silêncio (...) Quem é esta pessoa que você desenhou em cima de uma pedra? (...)EU! Qual o significado desta cruz em sua tela? (...) Jesus, Não quero falar mais não, aaah a tia tá gravando! hoje eu não quero falar (Monifa).

A autora se manteve em silêncio por todo o período da oficina de pintura em tela. Segundo Padrão (2009, p. 95): “[...] o silêncio denuncia territórios nos quais evitamos pisar e, assim, promove uma abertura para a emergência do inconsciente. É nesse momento que a interpretação [...] pode contribuir para um “se dar conta”, uma tentativa de se oferecer um sentido para o não-dito”.

**Figura 16 - A casa preta**



**Fonte:** Acervo da pesquisadora, 2022.

Pintura em tela realizada por Anaya, de 07, uma criança tímida que durante a elaboração da pintura se manteve em silêncio, igualmente a adolescente Monifa.

Qual o nome da tela? (...) A casa preta. (...). Então ta vendo essa casa aqui toda preta? Isso é um quarto preto. Quero falar mais não tia (Anaya).

O silêncio de Anaya não foi interrompido, mesmo ao ser questionada por Zuri sobre a sua obra de arte ter sido uma cópia de sua ideia. Uma situação de conflitos se apresentou naquele instante, contudo, Anaya não expressou outra reação que não o silêncio.

**Figura 17 - Samuel**



**Fonte:**Acervo da pesquisadora, 2022.

Adenike, adolescente de 17 anos, a sua tela foi em homenagem ao seu irmão, residente na mesma instituição:

O que motivou a construir esse desenho para Samuel? (...) Porque ele é meu irmão e fiz pra ele, fiz o M dele porque chamo ele de Muca, (...) fiz as asas de um passarinho aqui é o sol, o mar, ele gosta de tomar banho. Onde está o Samuel? (...) Ele está aqui no abrigo comigo. (Adenike).

O afeto conforma-se como um fator central nos processos envolvidos na memória e na maneira como o homem percebe sua própria realidade, as relações. Os afetos se dão nos processos de construção nos seus vínculos, sendo vivido entre os pares, sejam eles consanguíneos ou não (JULIANO; YUNES, 2014).

**Figura 18 - Céu e o Rio**



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2022.

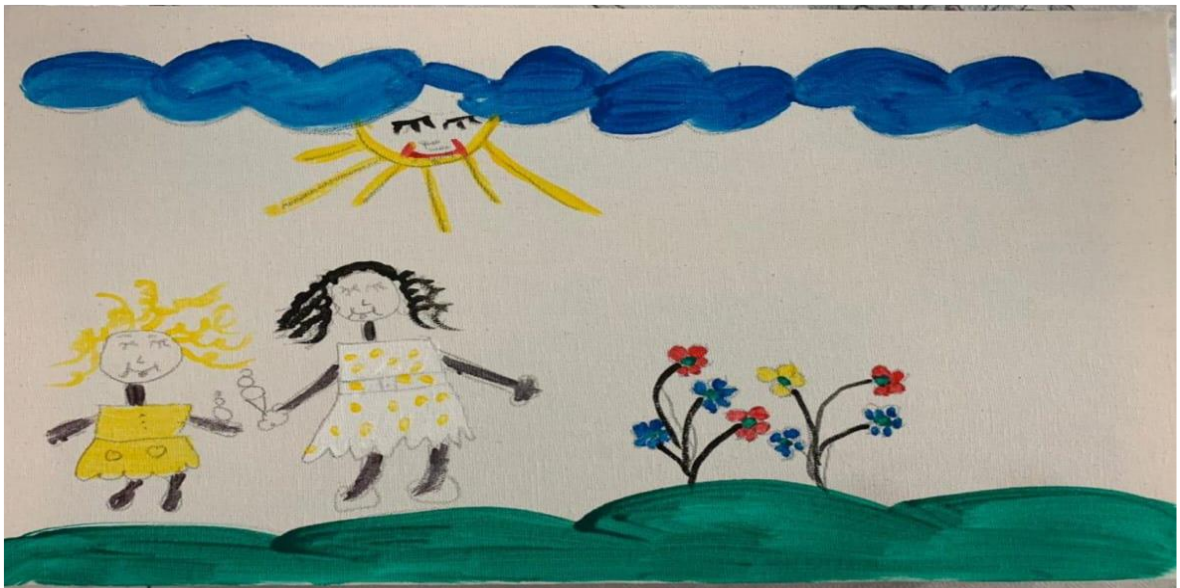
A criadora dessa obra chama-se Abayomi, de 16 anos, no início da oficina não quis participar, com a argumentação de que não iria conseguir criar uma tela, mas ao ver as produções das demais crianças e adolescentes se sentiu motivada a participar da oficina:

Qual o nome de sua tela? (..) hum... não sei, calma deixa eu pensa (... ) deu branco, é.. é.. a lembrei 'Céu e o Rio', não quero falar não tia (Abayomi).

A introspecção evidencia-se como um comportamento de denúncia de território, uma atitude comportamental para o não-dito (PADRÃO, 2009). Por seu turno, a observância sobre questionamentos como “a tia tá gravando”, remete ao entendimento de que o fato de estar sendo gravada a oficina promoveu um estado de receio que repercutiu na narrativa sobre a descrição do que foi apresentado na tela.



**Figura 19** - Jardim da alegria



**Fonte:**Acervo da pesquisadora, 2022.

Ayana, adolescente de 17 anos, com paralisia cerebral, participou da oficina de pintura em tela com o auxílio da funcionária da unidade de acolhimento. A adolescente foi expressar o que gostaria que fosse produzido. Pediu que fosse feito o desenho dela e de sua amiga em uma tarde no jardim tomando sorvete.

A oficina em tela permitiu chegar o mais próximo possível do saber-conhecer o *ser* criança e adolescente na unidade de acolhimento Malvina Costa, memórias, processos de construções, silêncio, timidez, medo, angústia tristeza se fez observar. Perseguir as vivências e experiências das crianças e adolescentes foi como caminhar para desvelar e estimular o direito de fala na amplitude da arte, que mesmo diante do silêncio se faz comunicar. Uma comunicação que exige sensibilidade e respeito ao dito e não-dito.

## 5.5 EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DAS FUNCIONÁRIAS DA UNIDADE DE ACOLHIMENTO: NARRATIVAS DA PRÁTICA DO CUIDADO ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ao falarmos dessa experiência, falamos de relatos vividos e entrelaçados a um cuidado, são relações que se dão ao longo do tempo entre assistidos(as) e funcionárias(os), que desenvolvem funções na unidade de acolhimento. Ao pensarmos neste processo de acolhimento pensamos também no amparo e cuidado para com crianças e adolescentes. Observamos as análises aqui traçadas junto às experiências trazidas pelas colaboradoras/funcionárias nesta pesquisa:

O que a gente observa que há muito tempo atrás era maior o índice de crianças meninas e menos de adolescentes meninos hoje as meninas crianças são inseridas menos e mais adolescentes do sexo feminino isso me preocupa e outra coisa a pandemia também impactou o número de crianças, sabe? Muitas estão passando por situação de vulnerabilidade, falta mais fiscalização, porque se as escolas denunciarem, se realmente os CREAS e CRAS fiscalizasse (Marina).

Observa-se certa preocupação por parte de Marina quando a mesma relata o aumento em número de adolescentes meninas na Unidade de Acolhimento, relacionando a problemática em relação ao período pandêmico: “aumentou o número de crianças vítimas de abuso”, e, conseqüentemente, passaram a ser acolhidas pelo Estado/Unidade de Acolhimento ficando sobre a tutela jurídica -filhos do Estado.

A compreensão de filhos do Estado advém do século XVIII e XIX, quando as instituições tinham a tutela das crianças e adolescentes na falta de seus pais em unidades chamadas abrigos e ou orfanatos (RIZZINI, 2004).

Outra preocupação trazida por Marina foi:

O que me preocupa, é que quando elas chegam adolescentes elas vem muito desestruturada, ela já vem muito mais fragilizada. Hoje de todas as adolescentes que nós temos, 90% foram vítimas de abuso sexual, abuso psicológico. Essas meninas tiveram suas intimidades violadas. Então, quando criança não é menos doloroso, mas da para fazer um trabalho ainda melhor na (re)constituição dessa criança, quando está adolescente a fragilidade é muito maior. Ai para trabalhar essa fragilidade é realmente um trabalho de formiguinha e te falo, que não é difícil (Marina ).

Quando Marina relata que é melhor trabalhar a (re)construção das crianças do que das adolescentes isso estaria atrelado ao processo de desenvolvimento infantil a uma transmissão do significado das primeiras palavras, entretanto, é na adolescência que acontece o desenvolvimento da personalidade e concepção de mundo dos adolescentes atrelado ao amadurecimento do pensamento (VYGOTSKY, 2010):

É por isso que quando eu penso como acolher essas adolescentes eu tenho muita preocupação porque eu não passei pelo o que elas passaram, mesmo que eu me sinta fragilizada, comovida eu nunca vou saber o que elas passaram porque eu não passei. Então eu tenho muita preocupação de esta resgatando a autoestima delas, de tentar entender que um abrigo não é fácil por mais que a gente fala aqui vocês vão ter a garantia de vocês de qualidade de vida, a gente vai está correndo atrás de escola, correndo atrás de curso profissionalizante, atendimento psicologia, ainda assim sempre fica uma lacuna que precisar se preenchida e que a gente não vai conseguir alcançar só se elas permitir que a gente alcance (Marina).

Esta fala expressa a preocupação da funcionária para com as adolescentes. A compressão que emerge da narrativa assentasse no que a literatura enuncia por empatia, segundo Goleman, (2014), a empatia é um ato cognitiva, que nos permite nos colocarmos no lugar de outra pessoa, entendendo suas emoções. segundo a funcionária busca proporcionar um acolhimento humanizado, respeitoso, de alcance ao contexto histórico de cada uma das meninas que se encontra na Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa.

Atrelado a toda essa dificuldade, como menciona Marina a Unidade de Acolhimento é um espaço de instituição perpassada pelas inúmeras fases do abandono, ainda assim pode ser um espaço de ressignificação e vitalização de (re)conhecimento de uma rede de apoio, ou seja, relações que são construídas ao longo do tempo criando potências de forças que faz construir e produzir vidas:

Eu sempre explico para elas, porque assim: as adolescentes que têm uma vida 'normal' elas podem sair com as colegas bater papo, ir a uma praça, aqui não, temos regras, tem limite e eu sei que isso prejudica muito mais é tanto que tem meninas que nós vamos buscar na escola eles não querem que falem que são do abrigo, e eu entendo porque eles rotulam. Elas não têm uma vida 'normal' por mais que a gente queira transformar em normal não é, elas não podem sair e voltar a hora que quer, quando sai é com algum cuidador (Marina).

A fala de Marina está atrelada ao que Foucault (1987) denomina de uma biopolítica e um biopoder que introduz regulação e controle dos corpos. Percebemos, no relato trazido pela funcionária, que o controle é feito pela Unidade de Acolhimento.

Foucault (1987) diria que a norma reguladora pertence claramente à arte de relacionar o poder a disciplina, podendo ser usado como sinônimo de regra, ou seja, a norma produz regras:

As instituições, enfim têm seus lugares marcados, não a partir delas, mas seu papel numa estrutura social edificada em termos de autoridade e repressão. As instituições (não falar ainda em aparelho ideológico do Estado (Escobar, 1974).

As instituições produzem uma normativa dos poderes burocráticos que as constitui como poder regulador que age sobre um corpo delimitando, sem dúvida o poder disciplinar, e isso se dá no olhar hierárquico, como uma sensação normalizadora. Logo, esse controle parte de uma norma regular que produz controle sobre os corpos condicionando o que deve e o que não deve ser feito, ou seja, seguindo normas e regras que são colocadas e aqui falamos da unidade de acolhimento.

Continuando com as narrativas de Marina, ela reconhece esse espaço de acolhimento com a sua multiplicidade, sendo vários os contextos de histórias de vida, com diferentes culturas em meio a tanto controle e regras:

Eu tenho tentado melhorar a qualidade de vida delas. É uma crítica minha, sabe? Porque com as crianças trabalhamos com a possibilidade de reintegração familiar ou família natural ou família extensa e em último caso uma adoção e já com as adolescentes muitas vezes já é diferente, recentemente tivemos caso de adoção com um adolescente e temos outra possibilidade de adoção também, mas a maioria é difícil uma adoção de adolescente. Então a gente começa trabalhar com eles a autonomia a autonomia de ter uma casa, autonomia de gerenciar essa casa, autonomia de fazer curso que se identifica de mostrar a vida real porque muito tempo dentro do abrigo cria-se uma fantasia de um mundo real (Marina).

Vejamos, antes de chegar à adolescência este corpo passa por inúmeros processos dentro do abrigo, como assim cita a funcionária, pensando em todas as etapas vividas dentro da Unidade de acolhimento a adolescência seria a última fase vivida dentro de um sistema de acolhimento.

Para tanto, devemos refletir sobre os processos citados por Marina pensando que este corpo adolescente trabalha todos esses processos da infância sem saber ao certo qual será o seu futuro, que pode ser em uma reintegração familiar, família natural, família extensa ou uma adoção depois de ter passado por todos esses processos de espera. Com isso, chega a adolescência, tal qual funcionária cita, e a adoção na adolescência torna-se quase impossível, por ser muito mais difícil, e como a mesma relata, em diálogo com algumas adolescentes, muitas vezes as jovens não querem ser adotadas, pois estaria essa reação atrelada aos processos da infância que de certo modo criam bloqueios, entretanto, tem ocorrido adoção de adolescentes na Unidade de Acolhimento.

Em diálogo com Marina, surgiu a reflexão de que 90% dos casos de ocorrência com crianças e adolescentes é sempre a vítima que tem que sair do seu conforto para serem inseridos em um abrigo, unidade de acolhimento ou uma casa de passagem.

Partindo desse contexto, em que essas crianças saem de suas casas e são acolhidas por uma Unidade de Acolhimento nos leva a refletir sobre os processos educacionais na Unidade no município de Jequié, Bahia, partindo para as questões de gênero e sexualidade:

Olha assim, aqui a gente sempre trabalha com projetos educativos de sexualidade. Se eu te falar a maioria não tem sexo definido, assim de preferências sexual, a gente vê esse conflito mesmo 14, 15, 16 anos elas não sabem ainda, elas tanto se apaixona por meninos quanto se apaixona por meninas e é algo frequente é uma constância muito grande (Marina).

Busquemos compreender os sujeitos previamente vivido sem uma identidade estável, pensamos em várias identidades algumas vezes contraditórias ou não resolvidas e como de fato esses processos produzem o sujeito, pessoas assumem identidades diferentes em momentos variados.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável a termos biológicos, o gênero é culturalmente construído. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER 2012, p. 24).

Esta distinção de sexo/gênero leva-nos a compreender que o gênero é regulado por uma força externa, sendo uma produção, uma normalização de um

masculino e um feminino. Para Butler (2012) não faz sentido definir o gênero como uma interpretação cultural do sexo, pois segundo a autora o sexo é ele próprio uma categoria tomada em seu gênero. A verdade do sexo nada mais é que uma produção construída pelas práticas reguladoras que de algum modo geram identidades dentro de uma norma coerente de gênero Foucault (1987).

Continuando ainda com essas discussões, faz-se necessário voltar o nosso olhar para as meninas/adolescentes dentro da Unidade de Acolhimento pensando esse corpo adolescente com suas múltiplas dimensões em que as práticas reguladoras de formação e divisão de gênero constituem as identidades deste *ser* tendo uma coerência interna de um *status*, um rigor em *ser* e em pertencer em um padrão normativo.

“Em que medida é a “identidade” um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência? (BUTLER 2021, p. 43). Saindo desse Ideal normativo os processos passam a ser tomados como anormais.

Vejamos a fala de Marina:

Tem algumas crianças que quando vem chega com a sexualidade avançada perdendo a sua infância, sabe? Já vem bem mais evoluído, mexe nas partes de outras crianças, então a gente tenta trabalhar isso é fazendo realmente uma educação sexual com as meninas na verdade com todos que por aqui passa (Marina).

Para a instituição, a sexualidade é algo preocupante, pois de algum modo não condiz com os ensinamentos da Unidade de Acolhimento assim como a escola na Unidade de Acolhimento. Aquele que foge da norma passa a ser visto com um ser desviante, segundo Foucault (1987). Logo, a passagem dessas crianças, vistas como evoluídas, altera também uma normalidade de um suposto desenvolvimento da sexualidade.

Entretanto, esse disciplinamento coloca o corpo infantil dentro de um modelo educacional. Tendo um regime de verdade daquilo que seja bom e agradável à educação de uma criança, esta idéia também perpassa pelas adolescentes como narra Marina:

A gente está sempre ensinando a elas as doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, trazendo para elas exemplos que já passou pelo abrigo porque já teve gravidez na adolescência dentro do abrigo, já teve doença sexualmente transmissível que chegou aqui para nós e cuidamos. Nós vamos mostrando esses exemplos para elas e tentando sensibilizar através

de projetos contínuo, sabe? Palestras a gente pede para enfermeiros, a equipe técnica tá sempre fazendo, a gente já conseguiu um médico para esta falando com elas a linguagem mesmo das doenças (Marina).

Esse processo educativo, voltado para com as adolescentes, parte de uma experiência que já foi vivida. Exemplos são usados para produzir uma educação voltada às questões da sexualidade, pensemos então até que ponto este processo educativo é positivo, seria ensinar com erros? Para tanto, se faz necessário diálogos mais abertos e profundos para pensarmos as questões da sexualidade destes seres que estão dentro da Unidade de Acolhimento, desenvolvendo uma educação que parte de um corpo que fala e que traz suas marcas em múltiplas dimensões de um ser em construção.

A Marina traz uma situação que ocorreu dentro da Unidade de Acolhimento:

Tenho um fato recente que ocorreu aqui dentro do abrigo onde uma adolescente estava achando que sua colega de quarto estava com alguma doença sexualmente transmissível e quando fui conversar com ela, investigar a fundo a situação, era apenas foliculite, expliquei do que se tratava e como cuidar. Agora você ver: são duas adolescentes com idade entre 13 e 16 anos mesmo vivendo tantas experiências não tinham conhecimento do que era uma sífilis e uma foliculite, sabe?

Tá vendo a necessidade de capacitações? Têm que ocorrer de forma contínua essas orientações falar de sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, cuidado com o corpo (Marina).

O relato trazido por Marina mostra-nos a necessidade de pensarmos e executarmos momentos de diálogo, que vão para além de palestras/rodas de conversas com essas meninas/adolescentes e sim apresentar modos de pensar e executar estratégias formativas voltadas para toda a questão mencionada acima por Marina.

É uma dor de cabeça que nós estamos tendo, porque com as meninas crianças é mais fácil. Você coloca rotina de quem estuda de manhã, tem o reforço escolar à tarde e quem estuda a tarde, tem o reforço escolar pela manhã e elas obedecerem.

Já as maiores têm uma sala só para elas com dois computadores e a pedagoga a disposição delas para terem esse reforço, falarem o que tem dificuldade, mas elas acham tipo assim o que aprenderam na escola já é o suficiente que aqui não precisa. As adolescentes meninas têm muita resistência com leitura, resistência com reforço escolar, elas acham que já sabe tudo que não precisa mais aprender nada, cabeça muito dura (Marina).

Quando Marina afirma que é mais fácil trabalhar com as crianças, tal pensamento está atrelado ao desenvolvimento infantil e a todo o seu processo que ocorre na infância, já os adolescentes ocorrem um amadurecimento do pensamento, formando e construindo a sua personalidade (VYGOTSKY, 2010).

Dialogando com esse relato trazido por Marina não podemos perder de vista que estamos falando de um ser crianças/adolescente que traz consigo as suas cicatrizes de um sistema de vulnerabilidade social, podemos por assim dizer que estas crianças/adolescentes chegam com uma mochila cheia de sentimentos que a depender do contexto de suas histórias a bagagem é pesada para carregar.

Estamos falando de pessoas que vivem e são educadas dentro de um sistema de acolhimento institucional, falando nos termos jurídicos, mais precisamente instituições que acolhem e educam crianças e adolescentes dentro do contexto no qual a mesma acredita ser eficaz para preparar esse menina/adolescentes para a sociedade.

Quando falamos de instituição de acolhimento ou Unidade de Acolhimento foco desta pesquisa pensemos que este lugar é formado por um grupo de pessoas que de algum modo busca estar educando estes que lá se encontram:

Olha, enquanto funcionária desta Unidade de Acolhimento, tenho sensibilidade, a gente tem que ser profissionais, mas temos que ser coração também a gente tem que ter empatia com o outro, a gente tem que abraçar a causa do outro, porque eles já tiveram todos os direitos violados. Eu tento que ser sensível as histórias delas eu abraço mesmo com sentimento de mãe, sabe? (Marina).

Diante das situações que se apresenta no dia a dia dentro da Unidade de acolhimento, sensibilizando-se com a situação que se apresenta no cotidiano deste espaço que é formado por pessoas que acolhem e educam crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade.

Marina se coloca como uma mãe para aquelas crianças/adolescentes, um trabalho que se sensibiliza com aquelas vidas que trazem marcas, cicatrizes de uma vulnerabilidade. Entretanto, foi possível observar nas visitas no campo de pesquisa que alguns funcionários não têm essa visão maternal e sim apenas uma relação de trabalho sendo funcionários que prestam serviço para aquela Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes.



Esta pesquisa não está para apontar ou dizer sobre erros em relação às práticas desenvolvidas pela Unidade de Acolhimento e sim buscar dialogar com elas. Ao partir deste lugar que educa e prepara para a vida, este estudo traça um mapa investigativo dos processos de construção desse ser menina-mulher dentro desta Unidade de Acolhimento.

### ***Os Entrelace do Cuidado: Raízes Afetivas do Cuidado***

Seguindo com o nosso mapa investigativo aberto, buscamos por desvelar as experiências trazidas e partilhadas por estas funcionárias da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes, assim como a Marina que narrou as suas experiências vividas analisaremos a narrativa de Amanda, que narra os momentos vividos ao longo dos anos.

Amanda inicia sua narrativa afetiva dizendo:

Assim, elas dependem da gente para tudo, né? A gente é como se fosse uma mãe, né? A mesma coisa que eu faço com meu filho em casa, eu faço com eles aqui. Porque são seres humanos e já veio lá de fora, né? (...) Com suas histórias com o que já passou lá fora, viveu tantas coisas, cada um tem uma história diferente pra contar, o que eu puder fazer por elas eu faço. (...) É como se fosse meus filhos. E as vezes Lane eu faço coisas com eles que nem como meus próprios filhos eu faço (Amanda).

Observa-se na narrativa de Amanda uma relação de afeto, olhando para estas meninas/adolescentes como seres humanos que necessitam de cuidado, respeitando a sua dignidade humana. Vejamos como é forte as relações afetivas entre quem cuida e quem é cuidado diante desta narrativa trazida pela funcionária, em que as relações entre funcionários e assistidos se dão ao longo do tempo, na convivência diária.

Podemos denominar de relação de apego por parte das crianças/adolescentes para com os funcionários:

Olha depois que eles chegam aqui pergunta se eles querem voltar para casa, dependendo da história eles não querem voltar para casa, o abrigo passa ser um lugar seguro para eles, sabe? Porque a vida deles lá fora é tão sofrida que se não fosse a gente aqui eles vão passar muita dificuldade (Amanda).

Segundo narrativa de Amanda diante das situações vividas por essas crianças/adolescentes os mesmos veem na Unidade de acolhimento um refúgio, um

abrigo, observa-se na fala da funcionária que dependendo da história vivida essas crianças/adolescentes não querem voltar para as suas casas. Sendo assim, a Unidade passa a ser o seu lar e não podemos esquecer que este espaço, conhecido como Unidade de Acolhimento, só acontece por conta dos funcionários, como um todo, pessoas remunerados para desempenharem suas funções dentro da Unidade de acolhimento:

Teve tempo aqui da gente trabalhar sem receber um tempão, já ficamos nove meses sem receber um real é todo mudo que fica não. A gente só fica por amor, porque se não tivesse amor nem cá pisava os pés, o povo falava assim, vai fazer o que lá? (...) Trabalhar de graça, mas quando a gente parava para pensar se a gente não viesse quem vai cuidar das crianças? Quem ia cuidar deles? Ia ficar tudo aí abandonado, então é amor mesmo (Amanda).

Com essa narrativa da funcionária, o compromisso e respeito para com essas crianças/adolescentes em meio a todas as questões financeiras. A fala da Amanda leva-nos às amas de leite do XVII e XIX, que ainda se fazem presentes nos dias atuais. Em uma breve comparação, observamos semelhanças visto que as amas de leite/cuidadoras dos XVII e XIX eram mulheres que tinham perdido seus filhos, ou ainda, mulheres que vendiam a sua hora de trabalho para cuidar de crianças nos abrigo da época (MARCÍLIO,1998).

Nos séculos XVII e XIX cabiam às mulheres a função de cuidar e educar de crianças, estas que eram deixadas nas rodas dos expostos. As mulheres eram incumbidas da responsabilidade para com todos os pequeno. As narrativas da autora Marcílio (1998) mostram que para além da venda de sua força de trabalho, essas mulheres cuidavam dessas crianças como se fossem seus filhos biológicos.

A real função dessas mulheres, que inicialmente eram conhecidas como amas de leite/cuidadoras, eram educar crianças deixadas em abrigos, sobre elas caíam toda uma responsabilidade do cuidado. As amas de ontem se entrelaça as cuidadoras de hoje são mulheres que vendem a sua força de trabalho para cuidar e educar de crianças que vivem em abrigos ou Unidade de Acolhimento no qual é o foco desta pesquisa. As cuidadoras de hoje são responsáveis pelo cuidado para com crianças que se encontram em instituições de acolhimento.

Voltemos o nosso olhar para as cuidadoras de hoje, mais precisamente na Unidade de Acolhimento na cidade de Jequié/Bahia, observamos as narrativas

trazidas por essas mulheres cuidadoras e como se dá os processos de educação dentro desta Unidade de Acolhimento:

Antes eu ficava no berçário com os menorzinhos, então tinha época que os maiorzinhos ir lá mexer nos pequeninhos. Então a gente tinha que ficar atenta e quando os maiores chegava lá a gente falava que não pode ficar.

Olha... já teve época de vim pessoal da UESB e outros lugares para falar sobre sexo/sexualidade com eles aqui no abrigo, é bom falar, sobe? (...) Agora com esses meninos e meninas aqui do abrigo não adianta você falar com eles numa linguagem técnica é melhor você falar abertamente com eles assim a linguagem mais deles, o bumbum aqui atrás como é que foi? O que aconteceu? (...) Porque se você falar anus eles não vão saber o que é, entendeu? Tem que falar no popular com eles (Amanda)

Fazendo uso dos escritos de Foucault (1988), para se fazer uma análise desta narrativa trazida por essa funcionária, o autor discorre que as crianças do século XVII eram vistas, por exemplo, como seres que não tinham sexo. Logo, uma boa razão para não falarem delas, impondo de certo modo um silêncio. Entretanto, deve-se falar do sexo e falar publicamente de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito ou ilícito: “Não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos” (FOUCAULT, 1988, p. 29).

Esse discurso sobre a repressão moderna do sexo tem se sustentado sem dúvidas pela facilidade de se controlar. Se o sexo é reprimido, isto é, falado à proibição de quem emprega essa linguagem, as falas sustentam um sexo dos discursos sobre o sexo: “Falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais. Ou então falar de sexo com as crianças fazem falarem delas mesmas, encerra-se dirigem a ela ora falam delas” (FOUCAULT, 1988, p. 32).

A descoberta do corpo se dá na primeira infância, na passagem da sexualidade infantil à maturidade. Na verdade, o corpo da criança é uma fonte inesgotável da sua sexualidade e de prazer, na medida em que ela vai sentindo o mundo por meio do mesmo, desde seu nascimento Beauvoir (2019):

Vou te contar uma história. (...) Tinha um adolescente menino, que era bem difícil para entender as coisas, teve uma época que esse menino tava tardão a gente ia dar banho ele queria pegar a gente dentro do banheiro quando a gente ia dar banho nele, ele ficava com o trem duro, aí você tinha que fazer de conta que não estava vendo.

Porque ele chamava atenção teve duas tias que estava com medo de ir ao banheiro acompanhar ele, (...) mas eu não tinha medo não, eu ia e falava pra ele, eu vou te limpar aqui e se subir eu vou te dar uns tapas que ele vai quebrar aí ele ficava com medo e não subia quando ameaçava subir ele dizia tia espera um pouquinho eu esperava o tempo dele e depois voltava a limpar (Amanda).

Entendemos que o foco desta pesquisa seja com as meninas/adolescentes, entretanto, a Amanda traz uma narrativa de extrema importância para pensarmos as descobertas dos corpos e da sexualidade desses adolescentes meninas e meninos dentro da unidade de acolhimento: “Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero” (BUTLER, 2021, p. 30). Entretanto, as relações entre masculino e feminino não podem ser representadas numa economia significativa em que só masculino se constitui:

Agora as meninas são mais tranquilas, sabe? Nessas coisas da sexualidade delas quando elas têm alguma dúvida sobre a sexualidade elas vêm até a gente e ali a gente tenta ajudar, porque assim, aqui elas pegando confiança em você, elas contam as coisas mais você não pode contar pra mais ninguém, elas falam coisas que está acontecendo com o corpo delas, fala quando tão apaixonada, mais assim confiando em você, se você falar pra outra pessoa elas não te conta mais nada (Amanda).

Seguindo as narrativas trazidas por Amanda percebemos a docilidade dos corpos femininos, visto que é esse o comportamento que se espera do feminino em ser educada, desde o nascimento, para ser frágil, passiva, dependente, apagada, delicada, discreta, submissa. Portanto, ser uma mulher não é um dado da natureza, mas da cultura.

Segundo Beauvoir (2019):

Essa crise ocorre numa idade ainda terna: o menino só atinge a adolescência por volta dos 15 ou 16 anos; é dos 13 aos 14 que a menina se transforma em mulher. {...} Mas não é daí que vem a diferença essencial de sua experiência (BEAUVOIR, 2019, p. 62-63).

Dialogando com a autora supracitada, a mesma discorre que a puberdade assume os dois sexos. Entretanto, há uma significação para um e para outro, para os meninos, por exemplo, tem essa experiência da puberdade com orgulhosa uma virilidade (Beauvoir, 2019): “Mostram-se envaidecidos com o pelo que lhe cresce entre as pernas e os torna homens” (BEAUVOIR 2019, p. 63). Entretanto, para as meninas esta puberdade muda a sua aparência transformando o corpo dessa jovem

passando por um desequilíbrio das secreções hormonais, socialmente essa menina agora é vista como uma mulher Beauvoir (2019).

Nas narrativas de Beauvoir (2019), é na adolescência que acontece a descoberta e a formação do corpo, como a primeira menstruação, a primeira paixão e, obviamente, esse processo está para as meninas/adolescentes. Ligado ao processo de descoberta, de um corpo criança/adolescente que se encontra dentro de um sistema, de uma instituição para crianças e adolescente este estudo volta-se para as adolescentes que residem na dentro da Unidade de Acolhimento.

Dialogando, ainda, com as narrativas de Beauvoir (2019), chama-nos atenção a reflexão acerca dos processos de descoberta do corpo, da sexualidade de meninas e meninos e aqui voltamos o olhar para as meninas que vivem na Unidade de Acolhimento, onde vivem as suas descobertas tendo suas cuidadoras como uma grande aliada nos seus processos de descoberta como narra à funcionária:

Eu quero ensinar meu melhor para quando elas chegarem lá fora dizer, eu aprender isso com a tia, tem muito aí forma que está trabalhando de boa e chega pra gente a para dizer, “tia eu agradeço a senhora por esta aqui hoje trabalhando”. Tem muitos, Lane que já passou por aqui uns tomaram o caminho errado, outros tá aí trabalhando. A gente tentou e tenta ensinar o melhor (Amanda).

Observa-se na fala de Amanda um afeto para com todos que são assistidos e cuidados por ela, em sua fala a mesma se coloca como uma mãe para estes que lá estão ou já passaram pela Unidade de Acolhimento, preparando-os para serem inseridos em uma sociedade com estes afetos institucionais que criam raízes entre quem cuida e é cuidado.

Nota-se um esforço na fala de Amanda quando a mesma diz que tentou e tenta ensinar mediante a todo esse cuidado. Ela afirma que alguns tomam caminhos ‘errado’ enquanto outros vão para o mercado de trabalho após sair da Unidade de Acolhimento. Logo, cria-se certa expectativa destes e destas que passam pela Unidade de Acolhimento.

### ***Entre olhares e fazeres para além das páginas do judiciário: desfazendo um olhar tecnocrata***

Trago mais uma narrativa de um funcionário do sexo masculino, o Bento, que atua na unidade a mais de três anos e narra às suas experiências vividas dentro da

Unidade de Acolhimento. Em suas narrativas, ele chama atenção para um olhar mais humano para estes que são recebidos e acolhidos na instituição. Vejamos a sua narrativa:

Uma das partes negativas se pudesse elencar seria, se a gente não tomar certo cuidado aqui no dia a dia a gente acaba vendo essas meninas com um número de processo, qual o número do processo? Como está a situação atual? Quais são os possíveis encaminhamentos? E aí gente perder a subjetividade do dia a dia daquilo que elas gostam aquilo que elas não gostam daquilo que ela tem como projeto da vida. Então eu tenho que tomar muito cuidado para não ser tecnocrata aqui no meu dia a dia (Bento).

Com a narrativa do Bento observe-se uma preocupação em não se tornar uma profissional 'tecnocrata' e sim ter um olhar humano para as questões que se apresentam no seu dia a dia de trabalho dentro da Unidade de Acolhimento. As narrativas traçadas por ele alerta-nos para a uma reflexão acerca da realidade de trabalho dentro da Unidade de Acolhimento e os impactos que este espaço causa na vida de meninas/adolescentes:

Aqui é para ser um espaço que acolhe, né? Esse é o principal intuito da unidade de acolhimento, a gente dá aquilo que é possível dentro das nossas possibilidades por ser um espaço de proteção, né? Essa é a real função da unidade de acolhimento, a gente dar aquilo que é possível.(...) Possibilitar um desenvolvimento saudável nessa fase tão complicada e com história de vida tão difícil dessas meninas, e isso tudo dentro das nossas possibilidades instrumentais e de realidade prática (Bento).

Na fala de Bento ele acredita que a unidade de acolhimento tenha a responsabilidade de proporcionar uma melhor qualidade de vida para estas meninas que estão sob a tutela jurídica do Estado. Na sua visão, essa seria a real função desse espaço: acolher e preparar para a sociedade mesmo com histórias de vida tão difícil como assim ele o narra. Segundo ele, a instituição vem tentando proporcionar uma melhor qualidade de vida para estas meninas que estão na Unidade de Acolhimento.

Segundo a autora Rizzini (2004), as instituições surgem o propósito de acolher meninas em situação de vulnerabilidade e proporcionar para estas uma melhor qualidade de vida. E, assim como no século XVII e XIX, que meninas contavam com a tutela do Estado, o mesmo sistema prevalece nos dias atuais, como

outra roupagem com meninas sendo preparadas e ensinadas para serem inseridas em uma sociedade e não educadas para o casamento.

Bento narra que:

Uma das grandes questões que atravessa essa fase da vida é essa questão do corpo, essa questão de como elas percebem e a questão da autoestima, por exemplo, é muito comum as meninas chegarem aqui. “ah tio é meu corpo é feio”; “ eu sou feia” “eu não estou contente com meu corpo”, até por que muitas vezes o abuso acontece nesse contexto onde são proferida palavras contra o próprio corpo (Bento).

Observamos o quanto é perverso e, ao mesmo tempo, doloroso a violência que este corpo feminino atravessa. São questões de vulnerabilidade que deixam marcas profundas no corpo, e porque não dizer na alma. Diante dessa tamanha violação, este corpo nega a si mesmo. Segundo Saffioti(2004, p. 17) a violência se caracteriza pela “ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral.” A violência pode assumir formas diferentes, psicológica, sexual, moral e física nesse contexto, o corpo feminino deixa de ser uma pessoa e passa a ser tratada como uma coisa, um objeto que pode ser tocado e violado pelo outro. A pessoa que pratica este tipo de violência tem como objetivo subtrair a vontade do outro, fazendo com que ele perca a sua própria identidade (SAFFIOTI, 2004).

Bento afirma que:

A gente tenta dar aquilo que é possível, então a gente busca inserir elas em atividades do tipo, acompanhamento de saúde mental, saúde física, né? (...) Procura abrir espaço em momentos para que elas possam falar sobre as questões que tocam elas, nem sempre é fácil nem sempre é possível, mas dentro das dificuldades é o que a gente tenta fazer (Bento).

Segundo a fala de Bento a Unidade de acolhimento busca amparar essas meninas ajudando-as a superar ou amenizar os traumas sofridos que foram frutos de uma violência. As crianças e as adolescentes são pessoas que estão em fase de desenvolvimento e para que isso aconteça de uma forma equilibrada é preciso que o ambiente propicie condições saudáveis de desenvolvimento dessas meninas adolescente.

Para isso “Aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação”(WEISS, 2004 p.23). Podendo dizer de impactos que podem afetar seriamente não só a aprendizagem como também o desenvolvimento físico, mental e emocional de crianças e adolescentes temos na fala de Bento que:

Então eu diria que umas das estratégias é justamente da voz a elas que por muito tempo talvez foi até negado e deixar elas produzirem o discurso que elas acham que devem ser produzido (Bento).

Na narrativa de Bento a Unidade de Acolhimento estaria com olhar voltado para estas meninas adolescentes a serem protagonista de suas vidas sem opressão, para que estas tenham uma vida digna diante das narrativas trazidas. O Estatuto da Criança e do adolescente ressalta muito bem quando diz que toda criança/adolescente têm o direito à liberdade, o respeito e a dignidade da pessoa humana no seu processo de desenvolvimento (BRASIL, 1990a).

Diante deste contexto, Bento narra que:

Já com as meninas menores umas das coisas que a gente faz aqui, por exemplo a criança entrou no abrigo, a gente apresenta o que é o ECA pra ela, isso de maneira geral mas com os pequenos a gente faz isso, quais são os direitos delas quanto criança e dentro disso a gente procura trabalhar o quanto é importante se pensar a partir de agora (Bento).

Nesse sentido, faz-se necessário este processo de formação para este que teve os seus direitos violados e negados. São intervenções importantes, pois fazem com que essas meninas e adolescentes reconheça os seus respectivos direitos. Bento deixa evidente qual seria a real função da Unidade de Acolhimento em sua fala é possível notar certa consciência desse trabalho e os impactos que isso pode causar na vida dessas meninas/adolescentes. São estratégias adotadas pela Unidade de Acolhimento que, segundo Bento, faz-se necessários na vida destas meninas adolescentes.

Enquanto a sexualidade, Bento diz:

A gente trabalha a sexualidade com elas a gente fala de educação sexual principalmente com as crianças a gente trabalha a parte pedagógica a gente trabalha a educação com rodas de conversa, outro momento é utilizar o lúdico, por exemplo, com contação de história, pinturas e pinturas livres (Bento).



Nota-se estratégias utilizadas pela Unidade de Acolhimento, visando trabalhar a sexualidade dessas meninas. Entretanto, para Marcílio (1984) e Rizzini (2004) o controle sobre a sexualidade feminina foi intensamente exercido nos asilos inclusive no século XX, este discurso de repressão do sexo se sustenta sem dúvida pelo fato de ser facilmente reprimido e controlado. Segundo Foucault (1988), consiste em uma política do controle dentro da Unidade de Acolhimento.

Esta política do controle, segundo Bento, não pode ser perpassada pela vida destas meninas e adolescentes:

Uma das grandes questões aqui, é não retirar a história de vida dessas meninas e adolescentes por mais difícil que seja, por mais dolorosa que seja pra elas, mais criar mais uma vez espaços para que eles ressignificam isso e atravessa esse momento tão difícil da vida delas e possa talvez ter uma outra perspectivas.(...) Então respeitar o tempo delas, respeitar se elas querem falar ou não querem falar, respeitar o espaço delimitado delas por exemplo o quarto delas é um local não costuma ir eu evito ir, então assim acho que essa é umas das coisas do meu trabalho (Bento).

Com a narrativa de Bento observa a importância em se manter e preservar os contextos históricos trazidos por cada criança e adolescente, respeitando os seus processos por mais difícil que possa ser. Bento acredita que não se devem apagar as histórias destas meninas e adolescentes.

Analisando, ainda, a narrativa trazida por Bento, diferente das mulheres cuidadoras, ele se delimita em determinado espaço dentro da Unidade de Acolhimento como, por exemplo, no quarto das adolescentes, pois é uma presença masculina que se coloca mais reservado em um espaço que é predominantemente organizado, gestado por mulheres, mulheres que estão na coordenação, nos serviços gerais, mulheres cuidadoras, na equipe técnica na vara da infância, é um espaço organizado por mulheres, as mães criadeiras do século passado que ainda se mantém representadas por estas mulheres nos dias atuais.

### ***Entre vivências e experiências narrativas de uma funcionária***

Seguindo com as narrativas trazidas por funcionárias da Unidade de Acolhimento, analisaremos a terceira narrativa, agora de uma funcionária do sexo feminino, a Helena, com dez anos de trabalho prestado a Unidade de Acolhimento, em sua fala discorre das experiências vividas. Inicia a sua fala narrando a importância desse lugar na vida das meninas:

O abrigo tem contribuído muita na vida dessas meninas porque o momento que elas chegam aqui elas chegam fragilizada, né? E assim o acolhimento que nós damos aqui é uma maneira que encontramos para amenizar esse sofrimento que elas tiveram lá atrás.

Aqui elas acabam recebendo carinho e amenizando um pouco o sofrimento e trazendo assim uma segurança, né? Se sentindo mais segura (Helena).

Com essa narrativa de Helena este da Unidade de Acolhimento passa a ser um refúgio para estas meninas que, segundo a narrativa de Helena, chegam à Unidade de Acolhimento muito fragilizadas e na instituição acabam por receber todo afago para amenizar as suas cicatrizes que as fizeram chegar até este peço de acolhimento.

Uma vez abrigadas estas meninas e adolescentes passam a receber um acompanhamento por parte dos que trabalham na Unidade de Acolhimento, ou seja, passam a receber uma educação a nível de uma instituição de acolhimento.

Vejamos a continuidade da narrativa de Helena:

Nós aqui ouvimos para poder educar sabe? Porque cada um tem sua liberdade, né? (...) Mas nós temos que ouvir e entender, ou seja, apoiar. Tipo assim, não totalmente o apoio vai por aqui, mas deixar assim que elas possam se esclarecer, né?

Tipo assim, eu nasci menina, eu sou menina, porém, ela lá na frente pode ter uma escolha, né? Onde a gente não pode interferir, né? Claro que cada um tem a sua Liberdade, porém a gente tem que conduzir elas (Helena).

Segundo Helena, faz-se necessário escuta ativa voltada para as meninas respeitando a sua liberdade e o seu jeito de ser, entretanto, se observarmos a sua narrativa, quando diz que nasceu menina podemos apontar para o que Beauvoir (2019) diria, que ser mulher não é um dado da natureza, mas da cultura já que há um destino biológico que define esta mulher, portanto só o fato de ter nascido com determinado sexo já o basta socialmente para defini-lo como masculino ou feminino. Contudo, ela acredita que pode haver uma liberdade de escolha e que este ato de escolha deva ser respeitado.

Entretanto, quando a cultura “constrói” o gênero, é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, como que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2021). Portanto, a cultura as define e ao definir

coloca este corpo dentro de uma regulação do gênero passando a ser uma norma, uma regra.

Seguimos com a narrativa de Helena:

Não, você é menino, você é menina, entendeu? E orientar dessa forma, porém, se houver um tipo de desvio aí, uma necessidade a gente também não pode interferir, né? Em dizer você não pode ser isso, entendeu? Infelizmente, né? Ou felizmente eu não sei (riso) buscamos um diálogo é bom a gente falar esclarecer que hoje tem essa possibilidade de acontecer isso, mas dentro da situação a gente não pode induzir, porém podemos orientar se caso ocorra uma situação de escolha delas (Helena).

Observe que, se este corpo não está dentro da norma social construída ele se torna desviante, visto que tudo que foge da norma passa a ser visto com desviante. Foucault (1988) diria que as operações normatizam poderes burocráticos e disciplinares e argumenta que a disciplina produz a docilidade dos corpos, entretanto, seria pensar a categoria do sexo feminino quanto masculino, produto regulador da sexualidade.

Percebe-se na narrativa de Helena uma predefinição dada, se nasceu menina ou menino tem que se portal com qual foi definido socialmente, Beauvoir nós diz que:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam o feminino (BEAUVOIR, 2019, p. 11).

Observa-se que esta condição do feminino vem de uma sociedade civilizatória que constitui uma feminilidade ou uma masculinidade mediante esta qualificação. Este corpo comporta-se como tal foi denominado socialmente. Percebe-se com a narrativa desta e das demais funcionárias que a Unidade de Acolhimento necessita de mais abertura para dialogar as questões de gênero e sexualidade.

Quando Helena diz:

Mais assim, essa questão de gênero e sexualidade a gente deixa aberto sabe? (...) Tipo assim se elas quiserem chegar até nós, à gente tem que escutar ouvir de forma positiva, né? Não podemos ignorar, entendeu? (Helena).

Entretanto, deixar em aberto temas tão necessários como este em que estão em pauta as relações de gênero e sexualidade, as quais fazem de uma construção e

descoberta de si e do outros não pode ser silenciado ou deixado em aberto. Foucault (1988) diria que as instituições impôs um silêncio geral ao sexo, a sexualidade das crianças e adolescentes temas pouco discutidos dentro deste espaço no XVII.

Helena narra, ainda, os grandes desafios em trabalhar com as adolescentes e com as crianças, que segundo ela há uma diferença:

Com adolescentes é mais complicado. Por que trabalhar com adolescente é mais complicado? Porque o infantil você conduz. Senta faz atividade, eu faço algumas atividades para ver se realmente eles estão entendendo. Com as adolescente é mais complicado elas se acham com autonomia, não vou fazer não até porque cada uma é diferente da outra em estilo cresceu de um jeito, sem limites esse tipo de coisa, e aí, quando chega aqui para mim que a gente quer conduzir e elas não aceita entendeu? (Helena).

Diferente das meninas menores, os adolescentes têm a sua autonomia construída e as suas escolhas. Talvez isso seja um pouco difícil diante as questões encontradas por Helena para trabalhar a autonomia com as multiplicidades deste mundo adolescente.

Os adolescentes gostam de questionar a autoridade e isso é algo natural, positivo e apropriado a essa fase do desenvolvimento. Esta saída do mundo infantil para a entrada do mundo adulto consiste em processo de amadurecimento, pois é na adolescência que as formas de pensamento ganham uma amplitude do questionamento e dúvidas, uma vez que sua aplicação se restringe ao campo da experiência puramente cotidiana (VYGOTSKY, 2010).

Partindo desta dificuldade trazida por Helena, podemos observar outras questões na fala da última entrevistada, a Laura, mulher negra com três anos de trabalho na Unidade de Acolhimento. Laura narra uma realidade bem diferente do imaginário de muitos funcionários.

### ***Narrativas de Laura, Um imaginário diferente da realidade vivido dentro da Unidade de Acolhimento***

Olha antes de entrar no abrigo a gente tem uma visão totalmente diferente à gente imagina outras coisas passa outras coisas na cabeça só depois que a gente vem trabalhar aqui que a gente ver a realidade. Olha até hoje eu tô acostumando é um processo de adaptando mesmo, Sab? Realmente é difícil (Laura).

Nas narrativas de Laura se vê um processo de ‘adaptação’ mediante as realidades que se apresentam dentro da Unidade de Acolhimento, uma realidade que faz parte do esperado por ela:

Olha aqui tem muitas questões que você precisa saber lidar sab? São histórias difíceis eu costumo dizer que trabalhar aqui é um desafio todo dia porque assim você tem que saber como falar com elas as adolescentes e as crianças, a gente tem que ver o jeito de falar, entendeu?

Então eu acho que é a questão de saber lidar mesmo com elas, e isso não é fácil porque no jeito que você for falar se você for falar com ignorância o que vai acontecer? Elas não vão querer se abrir com você, não vai querer conversar sab? (Laura).

Percebe-se na fala de Laura uma preocupação em como tratar estas meninas e adolescentes mediante as tantas histórias vividas que se apresentam na Unidade de Acolhimento.

De fato, este espaço se apresenta com muitas questões desafiadoras como assim bem coloca a funcionária, talvez estas questões fazem com que funcionários com três anos ou mais de trabalho prestado na Unidade de Acolhimento ainda se vêem sempre em processo de adaptação ou tendo dificuldades em estar lidando com tantas diversidades.

Entretanto, com toda está dificuldade narrada por Laura, visualiza-se de forma positiva o processo de abrigamento de meninas:

Eu vejo como positivo o abrigo na vida dessas meninas, olha elas chegam aqui muito vulnerável, sabe? Então aqui tem carinho, tem amor, tudo na hora certinha se for precisar delas conversar a gente para o que ta fazendo da uma atenção. A gente procura fazer sempre o melhor ainda, mas quando a gente é mãe eu olho pra elas lembro dos meus filhos (Laura).

Com toda dificuldade narrada ainda sim este espaço é uma local que contribui positivamente na vida das meninas, como assim bem narra à Laura. As histórias de cada uma e o seu contexto de vulnerabilidade se transforma na Unidade de Acolhimento em um lugar de aconchego de amor carinho e atenção para estas meninas crianças e adolescentes. Essas mulheres rompem as barreiras das dificuldades para se colocar afetuosamente na vida dessas crianças e adolescentes.

Como assim bem narra Laura:

Olha quando eu entrei aqui eu disse que ia cozinhar como se tivesse cozinhado para os meus filhos, assim na minha casa se eu for fazer

uma salada eu tenho que tirar as sementes do tomate tenho que tira a sementes do pepino entendeu? Eu tenho aquele cuidado com elas e eles também, aqui tu não vai me ver fazendo salada com sementes do tomate sab? Não dar pra eu fazer de qualquer jeito aqui só porque é meu trabalho não vou fazer de qualquer jeito, não (Laura).

Observe a extensão da casa adentrando a unidade de acolhimento, este espaço passa a ser para muitas crianças e adolescentes o seu lar, ou melhor, a sua 'casa'. A extensão dos afetos se entrelaça a uma pedagogia do cuidado entre quem cuida e são cuidados, estas mulheres ao seu modo proporcionam o mais concreto dos afetos para estas crianças e adolescentes.

Esta política do cuidado feminino é algo que se arrasta há séculos dentro de um contexto social e porque não dizer em um sistema patriarcal onde o corpo feminino é responsável por educar e cuidar dentro de um contexto institucional. Pelo que percebe-se nas narrativas, e pela vivência no campo de pesquisa, onde na sua maioria meninas e meninos e adolescentes, é que estes são cuidados educados por mulheres.

Em meio a toda uma responsabilidade educacional que vem de séculos passados, bem como afirma os autores Ariès (1981) e Marcilio (1998), eram as mulheres cuidadoras que tinham a grande responsabilidade de acolher e cuidar de crianças que foram deixadas em abrigos ou orfanatos da época. Este ato do cuidado feminino ainda faz-se presente nos dias atuais como assim pode ser visto na Unidade de acolhimento de crianças e adolescentes, tal qual é narrado pelas funcionárias.

Entretanto, este cuidado tem algumas limitações para a Laura, quando voltado para as questões de gênero e sexualidade:

Olha essas questões de gênero e sexualidade até tem aqui, só que está parte não é comigo, sobre essa parte ai eu não tenho conhecimento quem tem é técnicos essas pessoas assim que tem mais especialidade para tratar dessa coisas com elas, eu fico mais fora assim referente a isso (Laura).

Percebe-se que as cuidadoras de hoje não se sentem tão seguras para tratar de algumas questões educacionais de gênero e sexualidade como bem coloca a Laura, que acredita que quem deve abordar estas questões são pessoas especializadas, pessoas com conhecimento técnico e qualificadas para estar dialogando estas questões com as adolescentes.

Para tanto, "O importante é tornar a discussão da sexualidade algo tranquilo.

Não podemos perder de vista que em meio às dificuldades enfrentadas por estas mulheres elas mantêm viva a pedagogia do cuidado dentro da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa. Este ato do cuidado mantém-se vivo a exatamente 50 anos, acolhendo e cuidando de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Diante das análises feitas com as funcionárias da Unidade de Acolhimento de Crianças e Adolescente, observa-se que ainda mantêm viva a arte do cuidado sendo feito por mulheres. As mulheres de hoje narraram à importância de uma educação institucional voltada para a realidade das crianças e adolescentes buscando ouvir e respeitar o seu contexto histórico sem negar a história destas meninas e adolescentes dentro da unidade de acolhimento.

Mediante essas narrativas, trazidas por estas mulheres funcionárias, e aqui falo no feminino visto que na sua grande maioria são mulheres que mentem o funcionamento do espaço, observa-se que os orfanatos ainda se mantêm vivos com outra roupagem, outras denominações, outra organização, totalmente diferente dos séculos passados.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o processo de institucionalização de crianças, voltemos o nosso olhar para o município de Jequié/Bahia, mais precisamente na Unidade de Acolhimento de crianças e de Adolescentes, este espaço nos levou a entender uma série de fatores e categorias que fomentam uma reflexão a respeito do processo de construção do ser menina mulher dentro e fora da Unidade de Acolhimento.

A pesquisa evidenciou nas narrativas das meninas e adolescentes que se encontram na Unidade de Acolhimento, que a partir da oficina de pintura em tela foi verificado o quão essas meninas e adolescentes trazem em sua memória um passado de histórias que marcou o seu ser existir com fatos de agradáveis a desagradáveis.

Importante se faz ressaltar que o silêncio envolve as reações comunicacionais das meninas em seus processos de construção entre passado e presente, a exemplo de Maria Flor, uma das mulheres que quando criança residiu na Unidade de Acolhimento e compartilhou o quão difícil foi ser uma adolescente institucionalizada. Não diferentemente, as meninas que se encontram neste espaço ainda nos dias atuais lidam com experiências pessoais que têm relação estrita aos sentimentos de conflitos internos em seus processos de 'amadurecimento da adolescência' relacionado às regras da instituição que devem ser seguidas.

Com esta oficina fica claro que estas meninas e adolescentes estão neste espaço físico da Unidade de Acolhimento, mas lidam cotidianamente com um passado que deixou marcas em suas vidas.

Partindo dessas marcas, observa-se na narrativa da funcionária que algumas das meninas não se sentem confortáveis em chegar à escola com o carro da Unidade de Acolhimento ou, ainda, não querem que digam que moram em um abrigo. Talvez elas estejam evitando ter que lidar com mais um estigma, ou seja, lidar com mais um conflito em ser apontada por ser uma adolescente institucionalizada.

Essas questões levantadas talvez levem-nos a um novo estudo, para pensar além dos muros da Unidade de Acolhimento e adentrar aos muros das escolas em um contexto social em que destacam-se adolescentes institucionalizados e sua relação com a escola.



Para tanto, faz-se necessário também voltarmos o nosso olhar para as mulheres que quando crianças foram assistidas pela Unidade de Acolhimento, essas mulheres relataram suas experiências vividas quando criança e adolescente, uma das mulheres entrevistadas foi a primeira adolescente a ser acolhida na Unidade de Acolhimento.

Essas mulheres narram o quanto foi difícil ser uma adolescente institucionalizada, visto que dentro da instituição há regras a serem seguidas. Mesmo com toda essa vigilância e regras a serem seguidas, as mulheres desta pesquisa narraram a importância desse espaço em suas vidas em ter contribuído na construção do ser mulher que elas se tornaram. Expressam memórias afetivas que foram construídas enquanto estavam na instituição e que refletem até os dias atuais em sua vida.

A pesquisa buscou investigar, portanto, a partir dos relatos das funcionárias e do funcionário a contribuição da Unidade de Acolhimento no processo de formação desse ser menina/mulher, nas narrativas das funcionárias e do funcionário pode-se observar um respeito e a subjetividade de cada uma dessa menina atrelado na arte do cuidado. Para os colaboradores deste estudo a Unidade de Acolhimento de Crianças e de Adolescentes tem contribuindo positivamente na vida dessas meninas, são esses colaboradores que mantêm viva o funcionamento da Unidade Acolhendo e cuidando de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, L. M. R. et al. Avaliação dos Serviço de acolhimento institucional de crianças e adolescentes no recife. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 1, p. 529-592, fev. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n2/529-542/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

ALEXANDRE. T. D, VIEIRA. L. M; Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 207-217, mai./ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/WwsnC559Z3yXyyCbxqPTgfR/?lang=pt> Acesso em: 05 mar 2022.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.;GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de: FLOKSMAN, D. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

BARROS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. Cartografar é acompanhar processos. *In:\_\_\_\_\_*. (org.). **Pista do método da Cartografia: Pesquisa – intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 52-75.

BARROS, C. R; FIAMENGHI JR., G. As interações afetivas de crianças abrigadas: um estudo etnográfico.**Ciência e Saúde coletiva**, v.12, n.5, 2007 Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2007.v12n5/1267-1276/> Acesso em: 10 de mar. 2022.

BARROS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. Cartografia como Dissolução do Ponto de Vista do Observador. *In:\_\_\_\_\_*. (orgs.). **Pista do método da Cartografia: Pesquisa – intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 109-130.

BEAUVOIR. S. **O segundo Sexo: A experiência vivida**. Tradução de: MILLIET. S. 2 ed. São Paulo. Difusão europeia de livros 1967.

BERTALANFFY, L. V.**Teoria Geral do Sistema: fundamentos desenvolvimentos e aplicações**. Tradução de: GUIMARÃES, F. M. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5568238/mod\\_resource/content/1/Ludwig%20von%20Bertalanffy%20-%20Teoria%20Geral%20dos%20Sistemas-Editora%20Vozes%20%282010%29%20%282%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5568238/mod_resource/content/1/Ludwig%20von%20Bertalanffy%20-%20Teoria%20Geral%20dos%20Sistemas-Editora%20Vozes%20%282010%29%20%282%29.pdf). Acesso em 23 de março 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 09 dez. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990**. Promulga a Convenção Sobre os Direitos da Criança, Brasília, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d99710.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm). Acesso em: 05 jan. 2019

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 12 mar. 2022.

BRASIL. **Lei nº 4.513, de 1º de dezembro de 1964**. Revogado pela Lei nº 8.069, de 1990. Autoriza o Poder Executivo a criar a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, a ela incorporando o patrimônio e as atribuições do Serviço de Assistência a Menores, e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L4513.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4513.htm). Acesso em: 18 jun. 2021

Brasil. **Lei nº Lei nº 2.040 de 28 de setembro de 1871**. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daqueles filhos menores e sobre a libertação anual de escravos. Diário Oficial da União, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 1871. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim2040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm). Acesso em: 26 mar. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993**. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Diário Oficial da União, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 1993. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8742compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742compilado.htm). Acesso em: dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.970, de 17 de maio de 2000**. Institui o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Diário Oficial da União, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9970.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9970.htm). Acesso em: jan.2022

Brasil. **Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012**. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional; e altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); 7.560, de 19 de dezembro de 1986, 7.998, de 11 de janeiro de 1990, 5.537 [...]. Diário Oficial da União, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm). Acesso em: 20 jan.2022.

BRASIL. **Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014**. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da

criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13010.htm). Acesso em: 20 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.431, de 4 abril de 2017**. Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Diário Oficial da União, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13431.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13431.htm). Acesso em: 20 dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.811, de 12 de março de 2019**. Confere nova redação ao art. 1.520 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil), para suprimir as exceções legais permissivas do casamento infantil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/L13811.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13811.htm). Acesso em:

BRASIL. **Lei nº 8.742 de 07 dezembro de 1993**. Dispõe sobre a organização da assistência social e dá outras providências. Brasília, DF, 1993. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=8742&ano=1993&ato=1d9UTVq5ENFpWT0e3>. Acesso: 20 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente. Programa Saúde do Adolescente. Bases Programáticas. 2 ed. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Portaria nº 510, 16 de abril de 2016**. Diário Oficial da União, Brasília, 1999. p. 44. Disponível em: [https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581). Acesso em: 06 de mar. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CLETO, M; COVOLAN, N; SIGNORELLI, C. M. Mulheres-mães em Situação de Violência Doméstica e Familiar no Contexto do Acolhimento Institucional de Seus(as) Filhos(as): O Paradoxo Da Proteção Integral. **Saúde Soc**, São Paulo, v.28, n.3, p.157-170, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/ctwxpY7prmbzZZzGrT5rHsC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 07 abr. 2021.

COUTO, B. M. R; VALE, B. J; Rizzini, E. **Vozes de Jovens Grávidas e/ou mães em Contextos De Vulnerabilidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: CIESPI, 2019. Disponível em: [http://www.ciespi.org.br/media/Publicacoes/CAD\\_7.pdf](http://www.ciespi.org.br/media/Publicacoes/CAD_7.pdf). Acesso em: 05 jun. 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CHICRALLA, C. A; CALDAS, H. Adolescência e política pública: a prática psicanalítica em abrigo Institucional. **Revista Affectio Societatis**, v.16, n.31, Jul./dec. 2019. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/affectiosocietatis/article/view/336725/2079409> 2. Acesso em: 13 ab.2022.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: NETO, A. G; COSTA, C. P. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 3 ed. São Paulo: Centauro, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento das Prisões**. Tradução de: RAMALHETE, R. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

GIGANTE, Eduardo. **Adoção: como funciona o processo de adoção no Brasil**. Politize, 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/adocao-no-brasil/>. Acesso em: 04 abr. 2022.

GONZALEZ, L. **Por Um Feminismo Afro-Latino-Americano**. Organização: RIOS, F; LIMA, M. 1 ed. Zahar, 2020.

GOLEMAN, Daniel. **FOCO: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso**. 1ªEd. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. Pg. 99-115.

GUEDES, F. C; SCARCELLI, I. R. Acolhimento institucional na assistência à infância: o cotidiano em questão. **Psicol. Soc**, São Paulo, V. 26, p. 58-67, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/6m7cMvtD5RMHZ8tLGQ6tBqs/?lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2021

IZAR, J. G. **Práxis Pedagógica em Abrigos**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Área de concentração: Estado, Sociedade e Educação) – Faculdade de Educação da universidade de São Paulo. São Paulo, p. 24. 2011. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30082011-161330/publico/JULIANA\\_GAMA\\_IZAR.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30082011-161330/publico/JULIANA_GAMA_IZAR.pdf). Acesso em: 17 jun. 2021.

JULIANO, M. C. C; YUNES, M. A. M. Reflexões Sobre Rede De Apoio Social Como Mecanismo De Proteção E Promoção De Resiliência. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 135-154, jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/BxDVLkfcGQLGXVwnHp63HMH/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 14 de abril 2021.

KAPPLER, R. S; MENDES, F. L. M. D. Trocas Afetivas de Crianças em Acolhimento Institucional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, e184527, p. 1-13, 2019.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/6j8Qfnzx7YSZDNz9hXWzWpb/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2021

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. **cadernospagu**, n. 3, p. 117-141, 1994.

LEMOS, A. C. S; GEHELE, L. H; ANDRADE, V. J. Os Vínculos Afetivos no Contexto de Acolhimento Institucional: Um Estudo de Campo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 33, p. 1-10, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/RPgnrhTYtLc83qt6dfq3CzC/?lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2021.

LIMA, P. M. A criança em Instituições de Acolhimento: O que dizem as pesquisas científicas. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 271-281, julho/ setembro, 2018. Disponível em: [http://www.ciespi.org.br/media/Analises%20bibliograficas/Artigos/AR20ACI035\\_2018.pdf](http://www.ciespi.org.br/media/Analises%20bibliograficas/Artigos/AR20ACI035_2018.pdf). Acesso em: 20 jul. 2021.

LOURO. L. G; FELIPE. J; GOLLNER. V. S. A produção cultural do corpo. *In*: \_\_\_\_\_ (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2013. p. 30-42.

MALUF, A. C. R. F. D. **Novas Modalidades de Família na Pós -Modernidade**. Tese (Doutorado em Direito) –Universidade de Direito da USP, São Paulo, p. 301. 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2131/tde-31012011-154418/público/TESE COMPLETA PDF ADRIANA.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2022.

MANUAL DOS ARTISTAS. 2021. **Cores primárias, secundárias, terciárias e neutras**. Ilustração. Disponível em: <http://manualdoartista.com.br/cores-primarias-Acesecundarias-e-terciarias/> . Acesso em: 15 abr. 2022.

MARCÍLIO, L, M. **História social da Criança Abandonada**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARIANO, M. S. A. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n. 3, p. 483-505, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/8mFpyJkkjRyMxnsqxQBZ95z/?lang=pt#>. Acesso em 22 de março .

MEDICINANET. CID 10 - X78.2 - Lesão autoprovocada intencionalmente por objeto cortante ou penetrante - escolas, outras instituições e áreas de administração pública. MedicinaNet, s/d. Disponível em: [https://www.medicinanet.com.br/cid10/14025/x782\\_lesao\\_autoprovocada\\_intencionalmente\\_por\\_objeto\\_cortante\\_ou\\_penetrante\\_\\_escolas\\_outras\\_instituicoes\\_e\\_areas\\_de\\_administracao\\_publica.htm](https://www.medicinanet.com.br/cid10/14025/x782_lesao_autoprovocada_intencionalmente_por_objeto_cortante_ou_penetrante__escolas_outras_instituicoes_e_areas_de_administracao_publica.htm). Acesso em: 14 abr. 2022.

OLIVEIRA, R. C. **O Trabalho do Antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, V. S; PRÓCHNO, C. C. S. C. **A vinculação Afetiva Para Crianças**

**Institucionalizadas À Espera De Adoção. Psicologia Ciência e Profissão**, v. 30, n. 1, p. 62-84, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/FRBWt96CYtNRBFhJ7RH3Dp/?lang=pt>. Acesso em: 11 jul. 2021.

OLIVEIRA, A. S. **Ser criança em Instituição De Acolhimento**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2018. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7579396](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7579396). Acesso em: 23 de abr. de 2022.

PASSOS, E.; EIRADO, A. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 110-131.

POKER, D. C. T. Políticas de Identidade no Sistema de Acolhimento a Crianças: A História De Vida de uma pós-abrigada. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 29, n.e171345, p. 1-9, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/8Zy4qzkVt7TsPv85qWcYwLH/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2021.

PORTUGAL, A; ALBERTO, I.O papel da comunidade no exercício da parentalidade: desafios e especificidades. **Psychologica**, 2010, v. 2, n. 52, p.387-400, 2010. Disponível em: [https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606\\_52-2\\_16/510](https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_52-2_16/510); Acesso em: em:14 de abr. de 2022.

QUINTÃNS. C. ALBERTO. I. MACHADO. C. Era uma vez a instituição onde eu vivi: narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização, **Psychologica**, n. 53, 329-351, 2010. Disponível em [https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606\\_53\\_16/540](https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_53_16/540) acesso em: 05 abr.2022

RIZZINI, I. **A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente**.Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004. Disponível em: [http://www.editora.puc-rio.br/media/ebook\\_institucionalizacao\\_de\\_crianças\\_no\\_brasil.pdf](http://www.editora.puc-rio.br/media/ebook_institucionalizacao_de_crianças_no_brasil.pdf). Acesso em: 19 de mar. 2022.

RODRIGUES, S. L. J; SANTOS, M. M. L; LIMA, F. A. Mudar, Pensar em Mudar, Continuar Mudando: Narrativas das Metamorfoses de uma Adolescência em Abrigamento. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, n. e217494, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/wsWdbzXcDgzfVb4JNvSrFH/?lang=pt>. Acesso: 30 jun. 2021.

TEDESCO, S. H; SADE, C; CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: A experiência do dizer. **Revista Psicologia**, v.25, n.2, p.299-322, Mai./Ago. 2013. Disponível em <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4944/4786>. Acesso em: 20 de mar. 2022.

TRIVELLATO, J. A; CARVALHO, C; VECTORE, C. Escuta afetiva: Possibilidades de uso em contextos de acolhimento infantil. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 299-307, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/v4PTVcvHk7Q3ssGgPtqysJf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jan. 2022.

UZIEL, P. A; BERZINS. J. A. F. Adolescências, autonomia e direitos sexuais: fragmentos de histórias de meninas abrigadas. **Psicologia Clínica.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 105-115, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/68BCXQt3GNhDhXgywzNgbDL/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr 2022.

VYGOTSKY. L. S. **Psicologia da Arte**. Tradução de: BEZERRA, P. São Paulo: Martins Fontes.1999.



## APÊNDICE 01

**Projeto:**PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SER MENINA-MULHER-MÃE EM UMA CASA DE PASSAGEM NO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ- BAHIA

### **CARTA PARA A JUÍZA DE DIREITO DA 1º VARA DA INFÂNCIA E JUVENTUDE DA COMARCA DE JEQUIÉ-BAHIA**

**Vossa Excelentíssima Doutora Ivana Pinto Luz, Juíza de Direito da 1º Vara da Infância e Juventude da Comarca de Jequié-Bahia**

Eu, Elane Lima de Miranda, brasileira, solteira, residente no município de Jequié-Bahia, mestranda do Programa de Pós-graduação em Relações Étnica e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* de Jequié. Estou realizando uma pesquisa intitulada, "*Processos de construção do ser menina-mulher-mãe em uma Casa de Passagem Infantil Malvina Costa no município da Bahia*", sendo o objetivo do estudo conhecer as contribuições do Abrigo Infantil Malvina Costa, no município de Jequié, na formação do ser pessoa menina-mulher-mãe nos sentidos históricos e sociais de significância à existência de seus corpos de sujeito-cidadã.

A pesquisa tem como um dos campos de coleta de dados da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa e entre o público-alvo estão meninas que residem neste ambiente. Sendo assim, venho por meio desta solicitar autorização de Vossa Excelência, enquanto responsável legal pelas crianças de modo a adentrarao campo de pesquisa, e assim poder efetivar o trabalho de campo.

O desenvolver da pesquisa Vossa Excelência se desdobrará em quatro (04) etapas, a primeira se deu a partir da construção do projeto, duas etapas serão realizadas na Casa de Passagem Infantil Malvina Costa, sendo com funcionários que forem anuentes ao estudo com meninas na faixa etária de 7 a

16 anos, segundo autorização. O último grupo consistirá de mulheres ex-egressa da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa, residentes no município de Jequié, BA,

O estudo de campo só será iniciado após parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), de posse da aprovação dar-se-á início ao trabalho de campo, desenhado para as meninas na abordagem lúdica através da estratégia de desenho em tela e tinta acrílica para estudantes. Um total aproximado de seis crianças-adolescentes, na faixa etária de 7 a 16 anos, alfabetizadas, de modo a participarem do estudo, expressarão os seus sentimentos sobre a Casa de Passagem Infantil Malvina Costa. Será solicitada que cada criança-adolescente individualmente, fale sobre a sua criação artística. Este material comporá o objeto de análise de dados desta investigação. É esperada a realização desta atividade em um tempo de quatro horas corridas, no período vespertino, sendo a data a ser posteriormente agendada com a coordenadora da Casa Passagem Infantil Malvina Costa.

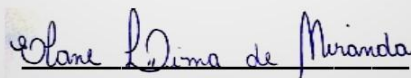
Ao grupo de funcionários será realizada uma entrevista sobre sua experiência de trabalho com as crianças-adolescentes na Casa de Passagem Infantil Malvina Costa.

A autorização para entrada na Casa de Passagem Infantil Malvina Costa encontra-se autorizada pela Secretaria de Desenvolvimento Social do Município de Jequié, BA.

Desde já Vossa Excelência Juíza Ivana Pinto Luz meus sinceros agradecimentos e atenção dispensada.

Jequié, BA 04 de, Maio, 2022

Atenciosamente:

  
**Pesquisadora Elane L. de Miranda**

## APÊNDICE 02

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS FUNCIONÁRIOS DA UNIDADE DE ACOLHIMENTO MALVINA COSTA

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Início: \_\_\_\_\_

Término: \_\_\_\_\_

Código da Entrevista: \_\_\_\_\_

#### 1. Dados socio demográficos

1. Nome: *(colaboradores/as será apresentada por pseudônimos)*.

2. Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

3. Estado civil: ( ) Solteira ( ) Casada ( ) Outros \_\_\_\_\_

4. Trabalha na Unidade de Acolhimento Malvina Costa há quando tempo? \_\_\_\_\_

5. Estado civil: ( ) Solteira ( ) Casada ( ) Outros \_\_\_\_\_

6. Identidade racial: ( ) Negra ( ) Parda ( ) Branca ( )

7. Tem filhos: ( ) sim, quantos? \_\_\_\_ ( ) não

#### 2. Questões Orientadoras

- 1) Enquanto funcionário(a) da Unidade de Acolhimento Malvina Costa conte-me como você ver o processo de abrigamento das meninas.
- 2) Dos anos de trabalho prestados na Unidade de Acolhimento Malvina Costa você acredita que a casa tem contribuído positivamente na vida das meninas? Se sim, conte-me em quais aspectos? Se não, conte-me em quais aspectos?
- 3) Pensando nas questões de gênero e sexualidade, relate quais estratégias são pensadas e executadas voltadas para as meninas?
- 4) Já que as meninas passam parte de sua vida na Unidade de Acolhimento Malvina Costa, como são realizadas as atividades e orientações para as questões de educação das meninas?
- 5) Enquanto funcionário(a) da Unidade de Acolhimento Malvina Costa dentre as funções que você desenvolve quais podem ser consideradas positivas na vida das meninas? E quais não positivas?

### APÊNDICE 03

#### ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS FUNCIONÁRIOS (A) DA UNIDADE DE ACOLHIMENTO MALVINA COSTA

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Início: \_\_\_\_\_

Término: \_\_\_\_\_

Código da Entrevista: \_\_\_\_\_

#### 3. Dados socio demográficos

4. Nome: *(colaboradores/as será apresentada por pseudônimos)*.

5. Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

6. Estado civil: ( ) Solteira ( ) Casada ( ) Outros \_\_\_\_\_

4. Trabalha na Unidade de Acolhimento Malvina Costa há quando tempo? \_\_\_\_\_

8. Estado civil: ( ) Solteira ( ) Casada ( ) Outros \_\_\_\_\_

9. Identidade racial: ( ) Negra ( ) Parda ( ) Branca ( )

10. Tem filhos: ( ) sim, quantos? \_\_\_\_ ( ) não

#### 4. Questões Orientadoras

- 6) Enquanto funcionário(a) da Unidade de Acolhimento Malvina Costa conte-me como você ver o processo de abrigamento das meninas.
- 7) Dos anos de trabalho prestados na Unidade de Acolhimento Malvina Costa você acredita que a casa tem contribuído positivamente na vida das meninas? Se sim, conte-me em quais aspectos? Se não, conte-me em quais aspectos?
- 8) Pensando nas questões de gênero e sexualidade, relate quais estratégias são pensadas e executadas voltadas para as meninas?
- 9) Já que as meninas passam parte de sua vida na Unidade de Acolhimento Malvina Costa, como são realizadas as atividades e orientações para as questões de educação das meninas?
- 10) Enquanto funcionário(a) da Unidade de Acolhimento Malvina Costa dentre as funções que você desenvolve quais podem ser consideradas positivas na vida das meninas? E quais não positivas?

## APÊNDICE 04

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

CONVIDAMOS o(a) senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar de uma pesquisa científica.

Por favor, leia este documento com bastante atenção e, se você estiver de acordo, rubricue as primeiras páginas e assine na linha “Assinatura do participante”, no ponto 8.

#### 1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

- 1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: *Elane Lima de Miranda*  
 1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: *Profa. Dra. Luzia Wilma Santana da Silva*

#### 2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

<p>2.1. TÍTULO DA PESQUISA</p> <p>PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SER MENINA-MULHER-MÃE EM UMA CASA DE PASSAGEM NO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ-BAHIA.</p>
<p>2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):</p> <p>As discussões de adoção e das casas de passagem vêm ganhando espaço na literatura científica, contudo, ainda são exíguas, bases de dados como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no portal de periódicos e banco de teses e dissertações, e Educational Resources Information Centre (ERIC) evidenciam um ‘solo empobrecido’, sendo poucos estudos sobre a temática em foco. Desta forma, estudo como o que ora se apresenta tem papel fundamental à contribuição para as políticas públicas sociais, de respeito à garantia da dignidade da vida humana, de crianças em situação de vulnerabilidade que são acolhidas em casa de passagem, ficando sob a guarda da justiça.</p>
<p>2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):</p> <p>O <b>objetivo geral</b> desta pesquisa é conhecer as contribuições da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa, no município de Jequié, BA., na formação do ser pessoa menina-mulher-mãe nos sentidos históricos e sociais de significância à existência de seus corpos de sujeito-cidadã</p> <p><b>Específicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Averiguar quais são as contribuições da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa na construção da identidade das meninas sob sua proteção legal.</li> <li>• Descrever como a Casa de Passagem Infantil Malvina Costa dialoga com as questões de gênero e sexualidade do <i>ser</i> pessoa menina.</li> <li>• Identificar quais as contribuições da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa na constituição do <i>ser</i> pessoa menina ao <i>ser</i> mulher-mãe.</li> </ul>

#### 3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié  
 (73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

**3.1 O QUE SERÁ FEITO:**

A pesquisa utilizará instrumentos distintos para cada grupo de participantes.

O primeiro grupo a ser submetido à pesquisa será composto pelas (os) as/os funcionárias(os). Com esses colaboradores será feita uma entrevista semiestruturada, que acontecerá no espaço da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa, com dia e horário agendados previamente e em concordância entre pesquisadora e colaboradores. O contato dar-se-á através de agendamento que poderá ser via ligação telefônica ou correio eletrônico.

O segundo grupo será composto por mulheres-mães que já passaram pela Casa de Passagem Infantil Malvina Costa que não foram adotadas e saíram da instituição ao completara idade de dezoito anos, idade máxima permitida.

Por fim, com a autorização dos responsáveis legais pela instituição e pelas crianças será realizada uma oficina de pintura em tela, para que através da arte as meninas de 7 a 16 anos possam expressar seus sentimentos sobre morar na Casa de Passagem Infantil Malvina Costa.

**3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:**

Com o primeiro grupo será feito uma entrevista semiestruturada no espaço interno da Casa de Passagem Vovó Malvina em uma sala de reuniões para que não tenha interferência sonora no momento da gravação está entrevista terá dia e horário agendado previamente e em concordância entre pesquisadora e colaboradores.

O segundo grupo será feita uma entrevista semiestruturada, que acontecerá preferencialmente na residência das ex-egressas, mulheres adultas, da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa. As entrevistas acontecerão com dia e horário agendados previamente e em concordância entre pesquisadora e colaboradoras.

Por fim, com o terceiro grupo será realizada uma oficina no espaço interno da Casa de Passagem Vovó Malvina Costa, em ambiente aberto, arejado e bem iluminado, podendo ser desenvolvida com as crianças sentadas no chão sobre esteiras ou em cadeiras e mesas. Será solicitado que as meninas retratem na tela um desenho livre sobre o lugar onde vivem – a Casa de Passagem.

**3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:**

A entrevista durará 50 a 60 minutos podendo variar, o objetivo é que não se torne cansativa para o senhor(a).

A atividade lúdica com as meninas, oficina em tela, pretende ser de quatro horas, preferencialmente no período vespertino

**4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?**

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO       MODERADO       ALTO

**4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)**

Aos participantes funcionários da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa e Ex-egressas desta instituição.

Que o senhor(a) ao responder questões sensíveis sobre suas vivências e ou experiências na casa de passagem poderá gerar sentimentos de constrangimento, desconforto, vergonha e medo referente a sua identificação no estudo, também pode apresentar cansaço ao responder a entrevista.

**4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):**

As pesquisadoras serão as únicas a ter acesso aos dados da pesquisa, serão tomadas todas as providências para manter a sua identificação em sigilo e caso haja a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, as consequências serão tratadas nos termos da lei vigente no Brasil. Os resultados deste trabalho serão apresentados ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, e poderão ser apresentados em eventos e também em revistas científicas nacional ou internacional mostrando apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome ou qualquer informação relacionada à sua privacidade.

Com todo cuidado trabalharemos a entrevista para que o seu tempo ao respondê-la não lhe cause cansaço, poderemos realizar momentos de pausas, ou remarcar para outra oportunidade caso o senhor(a) julgue necessário. Sobre sentimentos desconfortantes que possam advir da pesquisa buscaremos trabalhar os valores de confiança e respeito, princípios que poderão contribuir a evitar a ocorrência destes.

**5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)**

**5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):**

A pesquisa não trará benefícios diretos, mas é esperado que através dos seus resultados em tempo futuro possa contribuir para a ampliação de olhares acerca do viver de meninas em casas de passagem, e ainda, possibilitar resultados que ajudem no processo de crescimento e desenvolvimento à dignidade da pessoa humana, das meninas que chegam a casa de passagem vindas de situação de vulnerabilidade sócio-familiar.

**5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):**

A pesquisa poderá possibilitar releituras sobre o processo de viver de mínimas em casas de passagem e aprofundar a necessidade de olhares mais sensíveis para enxergar de forma compreensiva o ser menino ao seu crescimento e desenvolvimento de modo a trazer subsídios que contribuam ao desenho e redesenho de políticas públicas sociais, de respeito à garantia da dignidade da vida humana, de crianças em situação de vulnerabilidade que são acolhidas em casas de passagem.

**6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):**

**6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?**

R: *Nenhum dos dois.* A participação na pesquisa é voluntária.

**6.2. Mas e se você acabar gastando dinheiro só para participar da pesquisa?**

R: *O pesquisador responsável lhe ressarcir estes custos.*

Que o senhor(a) ao responder questões sensíveis sobre suas vivências e ou experiências na casa de passagem poderá gerar sentimentos de constrangimento, desconforto, vergonha e medo referente a sua identificação no estudo, também pode apresentar cansaço ao responder a entrevista.

**4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):**

As pesquisadoras serão as únicas a ter acesso aos dados da pesquisa, serão tomadas todas as providências para manter a sua identificação em sigilo e caso haja a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, as consequências serão tratadas nos termos da lei vigente no Brasil. Os resultados deste trabalho serão apresentados ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, e poderão ser apresentados em eventos e também em revistas científicas nacional ou internacional mostrando apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome ou qualquer informação relacionada à sua privacidade.

Com todo cuidado trabalharemos a entrevista para que o seu tempo ao respondê-la não lhe cause cansaço, poderemos realizar momentos de pausas, ou remarcar para outra oportunidade caso o senhor(a) julgue necessário. Sobre sentimentos desconfortantes que possam advir da pesquisa buscaremos trabalhar os valores de confiança e respeito, princípios que poderão contribuir a evitar a ocorrência destes.

**5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)**

**5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):**

A pesquisa não trará benefícios diretos, mas é esperado que através dos seus resultados em tempo futuro possa contribuir para a ampliação de olhares acerca do viver de meninas em casas de passagem, e ainda, possibilitar resultados que ajudem no processo de crescimento e desenvolvimento à dignidade da pessoa humana, das meninas que chegam a casa de passagem vindas de situação de vulnerabilidade sócio-familiar.

**5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):**

A pesquisa poderá possibilitar releituras sobre o processo de viver de mínimas em casas de passagem e aprofundar a necessidade de olhares mais sensíveis para enxergar de forma compreensiva o ser menino ao seu crescimento e desenvolvimento de modo a trazer subsídios que contribuam ao desenho e redesenho de políticas públicas sociais, de respeito à garantia da dignidade da vida humana, de crianças em situação de vulnerabilidade que são acolhidas em casas de passagem.

**6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):**

**6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?**

R: *Nenhum dos dois.* A participação na pesquisa é voluntária.

**6.2. Mas e se você acabar gastando dinheiro só para participar da pesquisa?**

R: *O pesquisador responsável lhe ressarcir estes custos.*



Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Jequié-Bahia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)



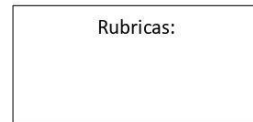
Impressão Digital  
(Se for o caso)

#### 9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Jequié-Bahia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador



## APÊNDICE 05

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS (Para participantes entre 12 e 17 anos de idade)

#### Olá!

Este documento é um CONVITE para que você participe de uma pesquisa. Por favor, leia, com atenção, este documento e me diga se você concorda. Se concordar, te pedirei para assinar na caixa onde tem escrito “Rubrica” em todas as páginas e, também, lá no final, na linha “Assinatura do Participante”.

O seu pai, mãe ou outro responsável precisará ler e assinar um documento bem parecido com este, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que o pesquisador lhe entregará. Sem isso você não pode participar da pesquisa, ok?! Desde já, obrigado!

#### 1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

- 1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: *Elane Lima de Miranda*  
1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: *Profa. Dra. Luzia Wilma Santana da Silva*

#### 2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

##### 2.1. TÍTULO DA PESQUISA

PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SER MENINA-MULHER-MÃE EM UMA CASA DE PASSAGEM, NO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ-BAHIA.

##### 2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):

As discussões de adoção e das casas de passagem vêm ganhando espaço na literatura científica, contudo, ainda são exíguas, bases de dados como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no portal de periódicos e banco de teses e dissertações, e Educational Resources Information Centre (ERIC) evidenciam um ‘solo empobrecido’, sendo poucos estudos sobre a temática em foco. Desta forma, estudo como o que ora se apresenta tem papel fundamental à contribuição para as políticas públicas sociais, de respeito à garantia da dignidade da vida humana, de crianças em situação de vulnerabilidade que são acolhidas em casa de passagem, ficando sob a guarda da justiça.

##### 2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

O objetivo desta pesquisa é Conhecer as contribuições da Casa de Passagem Vovó Malvina, no município de Jequié, BA., na formação do ser pessoa menina-mulher-mãe nos sentidos históricos e sociais de significância à existência de seus corpos de sujeito-cidadã.

#### 3. O QUE VOCÊ TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

##### 3.1 O QUE SERÁ FEITO:

*Esta pesquisa será desenvolvida com três grupos, sendo o primeiro grupo com meninas que vivem na casa de passagem, para este grupo será desenvolvida o primeiros procedimentos investigativos.*

*Com estas será desenvolvida uma oficina de pintura em tela, para que através da arte elas possam expressar os sentimentos, sensações, medo, desejos, dúvidas e sonhos, construídos ao longo dos anos vividos na casa de passagem. Lembrando que será observado o nível de escolaridade destas meninas para o melhor desenvolvendo as oficinas.*

*Será solicitado das meninas que retrate em tela um desenho livre, o lugar onde elas vivem a casa de*

*passagem. Após esta construção das pinturas feitas pelas meninas, a pesquisadora questionará, qual o nome da tela? E o que motivou a construir o desenho na tela? Qual o grau de significado tem o desenho em tela para esta menina? Qual impacto esse tem na vida dela?*

*Com o segundo grupo. Os funcionários da casa de passagem, com esses colaboradores será feita uma entrevista semiestruturada que acontecerá dentro da casa de passagem, com dia e horário marcado, o entrevistado será avisado com antecedência da entrevista via ligação telefônica ou e-mail.*

*O terceiro grupo será com mulheres que já passaram pela casa de passagem, para chegar até este grupo será feito uso da técnica de o snowball. Esta técnica possibilitará o contato com a pesquisadora resolvendo o problema de acesso tendo um intermediador que faça o contato entre a pesquisadora e as mulheres colabora da pesquisa. Para com essas mulheres que já passaram pela casa de passagem será feita uma entrevista semiestruturada as mulheres serão avisadas com antecedência da entrevista via ligação telefônica.*

### 3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

*As entrevistas com os funcionários acontecerão na casa de passagem e com as mulheres as entrevistas acontecerá na residência dessas mulheres. Com as meninas as oficinas irão acontecer após o parecer favorável do comitê de ética.*

### 3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

*As entrevistas com os funcionários terão duração de 50 minutos, as entrevistas com as mulheres também terão duração de 50 minutos. As oficinas para com as meninas será realizada em 01hs e 30 minutos*

## 4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA? (Riscos da pesquisa)

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, podemos dizer que o risco é

MÍNIMO       MODERADO       ALTO

### 4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

*Pesquisa pode apresentar o risco baseado na atuação direta com pessoas em situação de vulnerabilidade, associado ao fato de estar adentrando na história dos participantes da pesquisa, podendo estar ativando gatilhos voltados condição social e psicoemocional dos sujeitos, podendo esta ação infringir um dos conceitos éticos.*

### 4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

*No entanto, prevendo os riscos a pesquisa será conduzida de modo a respeitar todos os princípios éticos, dentre eles dignidade e respeito a pessoa humana. Presevando a imagens de todos os participantes da pesquisa, no momento das oficinas caso sinta desconfortável podemos fazer paradas respeitando o seu tempo. ou caso não queria participar as oficinas diretamente também será respeitado.*

## 5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

### 5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Ampliar o olhar a cerca dos estudos para com as meninas em casa de passagem, partindo de uma

perspectiva local enquanto município.
<p><b>5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):</b></p> <p>Parte de uma necessidade de aprofundar os olhares para enxergar de forma compreensiva, os estudos apresenta com papel fundamental à contribuição para as políticas públicas sociais, de respeito à garantia da dignidade da vida humana, de crianças em situação de vulnerabilidade que são acolhidas em casa de passagem.</p>

**6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE VOCÊ E O SEU RESPONSÁVEL PODEM QUERER SABER: (Direitos dos participantes)**

<p><b>6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?</b> R: <i>Nenhum dos dois.</i> A participação na pesquisa é voluntária.</p> <p><b>6.2. Mas e se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?</b> R: <i>O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.</i></p> <p><b>6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?</b> R: <i>Voce pode solicitar <u>assistência imediata e integral</u> e ainda <u>indenização</u> ao pesquisador e à universidade.</i></p> <p><b>6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)</b> R: <i>Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.</i></p> <p><b>6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?</b> R: <i>Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.</i></p> <p><b>6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?</b> R: <i>Nenhum.</i></p> <p><b>6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?</b> R: <i>Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.</i></p> <p><b>6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?</b> R: <i>Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.</i></p> <p><b>6.9. Qual a “lei” que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?</b> R: <i>São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.</i></p> <p><b>6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?</b> R: <i>Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.</i></p>
--

Seja  
conscien  
te: ao  
imprimir  
este  
docume  
nto, se  
necessár  
io, use a  
frente e  
o verso  
do  
papel. :)

**7. CONTATOS IMPORTANTES:**

**Pesquisador(a) Responsável: Elane Lima de Miranda**  
Endereço: **Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro: Jequezinho, Jequié – Bahia.**  
Fone: (75) 9 9892 - 6870 / E-mail: [lane.lima@27hotmail.com](mailto:lane.lima@27hotmail.com)

**Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)**  
Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequezinho, Jequié-BA. CEP 45208-091.  
Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: [cepjq@uesb.edu.br](mailto:cepjq@uesb.edu.br)  
Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

Página 3

**8. ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante)**

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié  
(73) 3528-9727 | [cepjq@uesb.edu.br](mailto:cepjq@uesb.edu.br)

Rubricas:

--

Declaro que **estou ciente e concordo em participar deste estudo**. Além disso, confirmo ter recebido uma via deste Termo de Assentimento e asseguro que tive a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Jequié – Bahia , \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

\_\_\_\_\_  
*Assinatura do(a) participante*



Impressão Digital  
*(Se for o caso)*

**9.COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Declaro conhecer todos os meus deveres e os direitos dos participantes e dos seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro, também, ter feito todos os esclarecimentos pertinentes a todos os envolvidos direta ou indiretamente na pesquisa, e reafirmo que o início da coleta de dados ocorrerá apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o protocolo do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa competente.

Seja  
conscien  
te: ao  
imprimir  
este  
docume  
nto, se  
necessár  
io, use a  
frente e  
o verso  
do  
papel. :)

Jequié – Bahia , \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

\_\_\_\_\_  
*Assinatura do(a) pesquisador*

Página 4

Rubricas:

## ANEXO 01



PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DA BAHIA  
Comarca de Jequié  
1ª Vara da Infância e Juventude

Fórum Bertino Passos, Praça Duque de Caxias, s/n, Jequiezinho, Jequié-BA – CEP 45208-902, Fone: (73) 3527-8345 – E-mail: jequie1vinfjuvent@tjba.jus.br

Jequié-BA, 27 de maio de 2022

De acordo com as atribuições do Juiz da Infância e Juventude advindas do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e diante da importância da construção do saber científico na Comunidade Regional, **autorizo Elane Lima de Miranda**, mestranda do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié, em proceder a pesquisa "*Processos de Construção do Ser Menina-Mulher-Mãe em uma Casa de Passagem no Município de Jequié-BA*", com meninas da faixa etária de 07 a 16 anos acolhidas institucionalmente na Unidade de Acolhimento Malvina Costa, com adesão voluntária mediante termo, seguindo cronograma estipulado no respectivo projeto de pesquisa, conforme requerido Carta.

Outrossim, a citada mestranda aponta que já está devidamente autorizada pelo órgão mantenedor (Secretaria Desenvolvimento Social do Município de Jequié-BA).

Encaminhe-se cópia à Unidade de Acolhimento Malvina Costa.

É o que me cumpria.

IVANA PINTO  
LUZ:80490921515

Assinado de forma digital por  
IVANA PINTO  
LUZ:80490921515  
Data: 2022.05.27 13:22:29  
+03'00

IVANA PINTO LUZ  
Juíza de Direito

## ANEXO 02

**AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS**

(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)

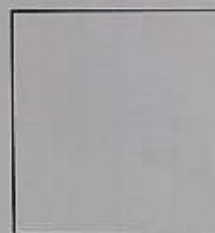
Eu, *Alexandro Luiz Bonfim dos Santos*, ocupante do cargo de *Gestor da Proteção Especial* do(a) *Da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa*, **AUTORIZO** a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado *PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SER MENINA-MULHER-MÃE EM UMA CASA DE PASSAGEM NO MUNICÍPIO DE JEQUIÊ-BAHIA*, das pesquisadoras *Elane Lima de Miranda* e a *Profa. Dra. Luzia Wilma Santana da Silva*, do Programa de Pós-graduação em *Relações Étnicas e Contemporaneidade*, da *Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*, após a aprovação do referido projeto pelo CEP/UESB.

Em tempo, asseguro dispormos da infraestrutura e dos recursos necessários para viabilizar a execução do procedimento, conforme explicitado no projeto, em atendimento à alínea "h" do ponto 3.3, e do item 17 do ponto 3.4.1, ambos do título 3 da Norma Operacional CNS nº 001/2013.

**Jequié- Bahia , 04/05/2022**

  
**Alexandro Luiz Bonfim dos Santos**  
Gestor da Proteção Social Especial  
DECRETO 22.085/21  
SPL - Des. Social

**Ass. do(a) responsável pela autorização da coleta**



**Impressão Digital**

## ANEXO 03

**AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS***(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)*

Eu, **Adriana Cerqueira Reis**, ocupante do cargo de *Coordenadora* do(a) *Da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa*, **AUTORIZO** a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado *PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SER MENINA-MULHER-MÃE EM UMA CASA DE PASSAGEM NO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ-BAHIA*, das pesquisadoras *Elane Lima de Miranda e a Profa. Dra. Lucia Wilma Santana da Silva*, do Programa de Pós-graduação em *Relações Étnicas e Contemporaneidade*, da *Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*, após a aprovação do referido projeto pelo CEP/UESB.

Em tempo, asseguro dispormos da infraestrutura e dos recursos necessários para viabilizar a execução do procedimento, conforme explicitado no projeto, em atendimento à alínea “h” do ponto 3.3, e do item 17 do ponto 3.4.1, ambos do título 3 da Norma Operacional CNS nº 001/2013.

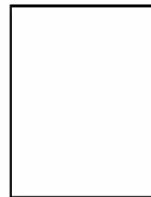
**Jequié - Bahia, 04/05/2022**

  
Adriana Cerqueira Reis

Coordenadora

—  
**Ass. do(a) responsável pela autorização da coleta**

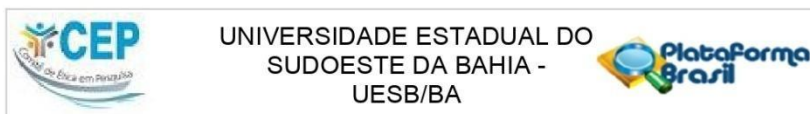
Carimbo: **Adriana Cerqueira Reis**  
Coord. Abrigo Malvina Costa  
Decreto nº 22089/21  
Prefeitura Municipal de Jequié



**Impressão Digital**  
*(Se for o caso)*



## ANEXO 04



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO SER MENINA-MULHER-MÃE EM UMA CASA DE PASSAGEM NO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ-BAHIA

**Pesquisador:** ELANE LIMA DE MIRANDA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 59891122.0.0000.0055

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.512.059

**Apresentação do Projeto:**

Nas palavras da autora:

Esta pesquisa tem como objetivo geral conhecer as contribuições da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa, no município de Jequié, BA, na formação do ser pessoa menina-mulher-mãe nos sentidos históricos e sociais de significância à existência de seus corpos de sujeito-cidadã. Assenta-se em uma perspectiva teórica de nível macro, ou seja, aquela que busca aprofundar-se o mais possível ao alcance da compreensão interpretativa

dos fenômenos, em destaque, o humano, sobressaindo um grupo de vulnerabilidade, crianças em casas de passagem à existência de seus corpos de sujeito-cidadã. A metodologia de natureza qualitativa seguirá o desenho de cartografia, como cenário de partida a Casa de Passagem Infantil Malvina Costa e domicílios de ex-egressas desta casa. A mostra será constituída por três grupos: profissionais que trabalham na Casa de Passagem Infantil Malvina Costa; Ex-egressa da Casa de Passagem Infantil Malvina Costa e meninas que moram na Casa de Passagem Infantil Malvina Costa.

Como instrumento entrevista semiestruturada e pintura em tela ao grupo de meninas. Os dados serão analisados a partir de um processo de idas e vindas à sua compreensão que seguirá um fluxo contínuo de imersão à análise o mais profunda possível dos resultados, em um processo de coleta-análise-coleta a verificação da conclusão ou considerações finais. Estará em buscar de unir todos os elementos que possam evidenciar as contribuições da Casa de Passagem Infantil Malvina

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIÉ  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br